

MISSÃO CRISTÃ VIDAS RESTAURADAS



UM PASTOR NO DIVÃ
DIÁLOGOS ENTRE TEOLOGIA E PSICANÁLISE
M E D O & C U L P A - A N G Ú S T I A & D E P R E S S ã O
C U R A & L I B E R T A Ç ã O

JAIRO GONÇALVES
2005

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO: DESEJO & CONHECIMENTO - MEDO & CULPA	4
CAPÍTULO 1 – UMBIGO & SEXO: Herança <i>Gene-Ética</i> e <i>Angústia Primo-Ordinal</i>	5
CAPÍTULO 2 - : MALDIÇÕES HEREDITÁRIAS – ESPÍRITOS MALIGNOS FAMILIARES	9
CAPÍTULO 3 - FERIDAS DE ALMA E ESPÍRITO – ENFERMIDADES MALIGNAS FAMILIARES	11
CAPÍTULO 4 – HOMEM – DOR – SOFRIMENTO: Repostas Bíblicas e Neurocientíficas	17
CAPÍTULO 5 – TERAPIAS: Psicológicas, Psicanalíticas, Psiquiátricas e Espirituais	20
CAPÍTULO 6 – PSICANÁLISE E ACONSELHAMENTO PASTORAL CLÍNICO	24
CAPÍTULO 7 - TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS PRESENTES NAS RELIGIÕES	26
CAPÍTULO 8 – ORIGENS DAS DOENÇAS MENTAIS: NEUROCIÊNCIA E PSICANÁLISE	30
CAPÍTULO 9 – ORGANIZAÇÕES PATOLÓGICAS: Refúgios Psíquicos - Caráter Aprisionado	33
CAPÍTULO 10 – MEMÓRIA GENÉTICA INFANTIL E TRANSTORNOS PSÍQUICOS	37
CAPÍTULO 11 - PSICOTERAPIA PELA <i>PALAVRA</i> – O PODER DA LINGUAGEM	39
CAPÍTULO 12 – CÉREBO E MENTE – CORPO E ALMA - BIOLOGIA E PSICOLOGIA	43
CAPÍTULO 13 – CLONAGEM DE EMBRIÕES – CÉLULAS TRONCO – PROJETO <i>GENOMA</i>	48
CAPÍTULO 14 – DEPRESSÃO – A MAIOR DOENÇA INVISÍVEL DA PÓS-MODERNIDADE.....	52
CAPÍTULO 15 – AMOR E PERDÃO – SEMENTES DO BEM E DA PAZ	56
CONCLUSÃO: FELICIDADE – ESTADO FÍSICO, PSÍQUICO E ESPIRITUAL	58
BIBLIOGRAFIA	59

APRESENTAÇÃO

O presente ensaio sobre Aconselhamento Pastoral Clínico (APC) e Análise Psicanalítica (AP) faz parte de uma série de publicações da Missão Cristã Vidas Restauradas intitulada Projeto *Genoma Espiritual* (1). Tem por *temática* refletir sobre semelhanças e diferenças, proximidades e distâncias existentes entre a terapia *espiritual* e a *psicanalítica*. Pretende alcançar esclarecimentos capazes de convergirem para otimizar os atendimentos realizados em clínicas pastoral-espiritual e psicológica-psicanalítica. O conteúdo nasceu de muitos e diversificados estudos e pesquisas, bem como de longa experiência *clínica, espiritual, psicanalítica* e *psicopedagógica* vivenciada na Missão *Vidas*. Quanto ao estilo, aproxima-se do modo como o Dr. Nasio se coloca e expõe no seu livro “Um Psicanalista no Divã”.

Espero que o leitor também se veja nesses diálogos entre um pastor sentado num *divã psicanalista* e um psicanalista sentado numa *cadeira pastoral* e perceba que ambos não são fictícios. Eles confrontam conhecimentos, por vezes se chocam, e a todo instante permutam *sets* e *papéis*.

Diante de antigas e modernas *divergências* entre Bíblia & Ciência, Fé & Razão, percebo ser possível e necessário ampliar e melhorar aproximações entre APC e AP e vice-versa. De um lado, por exemplo, há *pastores* que consideram todas as enfermidades, principalmente as *psicossomáticas*, como sendo tão somente consequência direta da ação de *demônios* e da prática de *pecados* (2). Alguns chegam até a ignorar/omitir/combater psicoterapias e uso de remédios. Do outro lado, há psicólogos, psicanalistas e psiquiatras que explicam e tratam os distúrbios psíquico-neurológicos como sendo todos apenas de origem metafísica e metapsíquica (3). Alguns chegam até a omitir/ignorar/combater questões bíblicas e de fé e práticas cristãs a respeito de demônios, pecados, maldições hereditárias, espíritos malignos familiares e que tais. Está escrito:

Visto que estamos rodeados por uma tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de todo embaraço (nós e cipós) e pecado (raízes do mal), que, por tradição, herdamos da vã maneira de viver de nossos pais. Nossos pais pecaram e nós levamos o castigo de suas maldades. Precisamos ser gerados de novo por meio da semente viva e incorruptível, isto é, a Palavra Viva, para que todo o corpo (*soma*), toda a mente (*psique*) e todo o espírito (*pneuma*) estejam *plenamente* sem repreensão e sem culpa, sem medo e ansiedade, sem angústia e depressão (4).

-
- (1) – Missão Cristã Vidas Restauradas. Fundada no ano 2000. Diretor: Jairo Gonçalves: Bacharel em Teologia (STBSB/RJ). Licenciado em Pedagogia (UFMG). Pós-Graduado em Psicologia da Educação e Mestre em Língua Portuguesa (PUC/Minas). Pastorados e Ministérios 1ª IB de Santa Maria/RS; 1ª IB de Ponta Grossa/PR; IB Central de Belo Horizonte/MG; IB da Lagoinha/BH/MG. Presidente da Convenção Batista Paranaense. Diretor/Professor do Seminário Bíblico Mineiro/BH. Professor do Seminário Teológico Batista – STEB/BH. Deão da Escola *Carisma-IBL/BH*. Assessor Pastoral de Mocidade para Cristo (MPC) e Aliança Bíblica Universitária (ABU). Presidente do Conselho de Pastores Evangélicos/BH. Atividades Profissionais Coordenador Geral do Fundo Cristão para Crianças (CCF/BH). Assessor Nacional de Educação da Visão Mundial (WV/BH). Coordenador/Orientador do Colégio Santa Dorotéia/BH. Professor/Pesquisador da PUC/MG (1973-1999). Professor da Universidade Presidente Antonio Carlos (UNIPAC/MG). Cidadão Honorário de Virgem da Lapa/MG. Idealizador do Projeto Genoma Espiritual praticado na Missão *Vidas*.
- (2) – Só o Evangelho de Mateus (e não o de Marcos e Lucas) registra o milagre da cura de epilepsia com expulsão de um demônio. Em Mateus 12:22 e Lucas 11:14 Jesus aparece expulsando demônios na cura de um cego e de um mudo. Esses e outros fatos bíblicos, por um lado não me autorizam sair por aí expulsando demônios de epiléticos, cegos e mudos. Contudo, faz-me crer que toda doença é provocada por um *espírito maligno*. Embora não se deva considerar que toda doença esteja diretamente relacionada com a prática de um pecado - como fez Jesus ao curar o menino cego de nascença (João cap.9) -, devemos lembrar que Jesus, antes de curar um paralisado, disse-lhe: “Perdoados estão os teus pecados” (Mc.2).
- (3) – “Metafísico: (Filos.): relativo à transcendência. Estudo especulativo dos primeiros princípios e das causas primeiras do ser”. “Metapsíquico: relativo aos fenômenos que transcendem o alcance da psicologia ortodoxa e que são aparentemente anormais ou inexplicáveis”. (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).
- (4) – Transcrições bíblicas parafraseadas de: Hebreus 12:1,15. Lamentações 5:7. 1Pedro 1:18,24; 1Tessalon. 5:23. Bíblia *Thompson*, 10ª - São Paulo: Vida, 1999. (Leiam-se ainda: Êxodo 20:5; Deuteronômio 23:2, etc.)

PREFÁCIO

Muito me honra ser lembrado para prefaciá-lo este Livro - *Um Pastor no Divã* -, sobretudo porque se trata de um tema de suma importância, que aborda toda problemática que encerra a vida de Ministros de Deus junto aos homens, sendo eles mesmos homens e mulheres, por isso mesmo, sujeitos às mesmas fraquezas, movidos pelos mesmos instintos, sujeitos igualmente aos mesmos impulsos recheados dos mesmos dramas, recalques, traumas, fatores que lhes enfraquece, embora permaneçam com a responsabilidade de cuidar da fragilidade alheia.

Alegro-me também pelo que de oportuno se me apresenta, vez que sou Psicanalista e Pastor. Sendo Pastor, profissional de saúde mental e professor, tenho lidado com todos os tipos de problemas e, lamentavelmente, tenho constatado a pobreza de literatura que ligue essas áreas de atuação, necessidade maior desses profissionais que acabam abordando os problemas mais pelo ensaio-e-erro do que pela pesquisa de matéria que forneça informações objetivas, como as que encontramos neste livro.

Acrescento, ainda, que este livro considera em profundidade todos os dramas que os obreiros vivem, a maioria em profunda solidão, não tendo quantas vezes com quem partilhar suas dores e dilemas e, quando têm, acabam confiando essas dificuldades a colegas que, por imprudência ou outros motivos, se encarregam de divulgá-los, agravando os problemas ainda mais.

Folgo também pelo fato do autor – Professor e Pastor Jairo Gonçalves, meu amigo – ter incluído um Capítulo, o sétimo, denominado “Transtornos Psiquiátricos presentes nas Religiões”, de minha autoria, que é uma advertência aos Obreiros das muitas denominações religiosas que são induzidos à aceitação de patologias como manifestações espirituais, o que é grave.

O livro ainda faz um “passeio” sobre temas contemporâneos que causam polêmica, ou boa e saudável discussão, e que, sabidamente, precisam ser de domínio de todos aqueles que militam nas áreas da fé, do comportamento, da ética e das ciências humanas. Com certeza, este livro se constitui em um divisor de águas no que tange à literatura de ligação entre as coisas das ciências da *Psi* e os domínios da fé e da gestão das coisas *santas*, sobretudo, no que diz respeito aos instrumentos humanos envolvidos.

Desejando sucesso, tanto de vendas quanto de resultados intelectuais e espirituais, agradeço.

Dr. Pr. Prof. Heitor Antonio da Silva (*).

(*) – Dr. Heitor Antonio da Silva - Psicanalista Clínico-Didata -, é Diretor da Faculdade Redentor de Itaperuna/RJ. Foi, por vários anos, Presidente e Professor da SPOB – Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil. Já integrou a equipe de pastores da 1ª Igreja Batista em Niterói/RJ. (Nota do Autor).

INTRODUÇÃO: DESEJO & CONHECIMENTO - MEDO & CULPA

Todo o ser humano nasce com os sistemas neural e hormonal, que geram pulsões biológicas e psíquicas dirigidas, basicamente, para a sobrevivência, sua própria e da espécie. Toda criança já nasce com essas pulsões que estão carregadas de energia direcionada para satisfação de desejos *primários* (fome, sede, sexo) e, só depois, para os desejos *secundários* (afeições, filantropias, solidariedades).

Conforme a Psicogenética, todos nós nascemos primordialmente *desejantes* ou *emocionais* e só depois nos tornamos *cognoscentes/rationais*. É da inter-relação pai-mãe e mãe-filho - um processo interativo tríplice: *Euk*↔*Outro*↔*Nós*, para satisfação plena dos *desejos* -, que o bebê nasce e se desenvolve. O recém-nascido evolui de reações instintivas e reflexas para ações e reações interativas voluntárias ou reflexivas. É dessa interação *Sujeito*↔*Objeto*↔*Sujeito* que nasce o conhecimento, nasce o ato inteligente gerador e propulsor de todos os demais tipos de *inteligência: prática, social, emocional*.

Essa introdução sobre a inter-relação: *desejo* ↔ *conhecimento* ↔ *confiança* serve para explicar que é a partir da satisfação das necessidades primárias, para alívio da sobrecarga afetiva (tensão emocional), que nasce a *com(s)ciência*, isto é, o conhecimento. Na *prima ordem* das coisas, é a *emoção* (desejo) que precede a *razão* e não o contrário. Nascemos primordialmente *desejantes*, isto é, dinamizados pela tensão das *emoções*, e só depois nos tornamos *cognoscentes*, isto é, *pensantes* sobrecarregados de perguntas, questionamentos, experimentações, temores, realizações.

Isso nos remete aos primórdios da humanidade. Adão e Eva nasceram *desejantes*. Na ordem primeira da tríplice união Adão-Deus-Eva, ambos teriam que passar por um processo de desenvolvimento e amadurecimento *humanos* (5) que incluía o teste da sublimação dos desejos primários para chegar à *maioridade do conhecimento* do Bem e do Mal, porém, sem *pecar*, quer dizer, sem *errar o alvo*. Deveriam crescer para alcançar uma *consciência* e um *coração* sem medo e culpa.

A ânsia de satisfazer um desejo gera a *tensão emocional da necessidade*. Essa tensão, por sua vez, produz energia motivadora que impulsiona o sujeito *desejante* até alcançar o objeto de satisfação ou prazer, a fim de aliviar-se da carga emocional do desejo (tensão). Mas, quando o sujeito não consegue atingir o alvo (*prazer físico, mental e espiritual*), ou, quando o atinge com raízes sentimentais *de medo e culpa*, ele não experimenta a satisfação do prazer/gozo máximo. Nesse caso, as insatisfações reprimidas ficam em fermentação e ebulição no *fundo da mente* ou *inconsciente*. Segundo a Psicanálise ortodoxa, essa é a possível origem da sobrecarga afetiva de insegurança, ansiedade e amargura, geradora de medo e culpa, solidão e angústia. Tal sobrecarga torna-se mais ou menos agravante conforme o nível e grau das insatisfações e frustrações experimentadas durante a infância, principalmente.

Em síntese, *desejo* (paixão-afeto), *conhecimento* (razão-intelecto) e *segurança* (fé-confiança) compõem, no interior do *ser humano* total, a matéria prima combustível que, pelo *fogo dos desejos*, forma energia para nossas maneiras de agir e reagir, de sentir e pensar. Nesse sentido, ao lermos Tiago 4:1-5, por exemplo, podemos inferir que existe ligação bíblico-psicanalista entre *desejo-conhecimento-confiança* e *medo-culpa-depressão*. Mas, qual é a origem do *medo* que gera angústia? Está escrito:

Assim Deus criou o homem à sua imagem: macho e fêmea os criou. Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a (...). Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal dela não comerás, pois no dia em que dela comeres, certamente morrerás.(...) Vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e comeu, e deu também a seu marido, que estava com ela, e ele comeu. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus (...). Então ouvindo a voz do Senhor Deus esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim. Mas chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvei tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu, e escondi-me. Perguntou-lhe Deus: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses? (...). A serpente disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?. Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus, não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.(Gn 1:27-29; 2:16-17; 3:6-11). (Bíblia Thompson).

(5) – *Humano* vem de *humus*: barro que contem matéria orgânica em deteriorada. Adão significa barro vermelho ou vulcânico, oriundo da *Batalha no Céu*, que os cientistas chamam de *Big Bang* (Ap 12:7). Explosão do Éden-I.

Há um medo *primordial* (*ordem primeira*) que está na gênese da formação do corpo, mente e espírito do ser humano (Gn 3:10). Precisamos *desvelar* (*tirar o véu*) esse *mistério*. Psicanalistas e psiquiatras, ao mergulharem no inconsciente humano, quais arqueólogos da mente, descobriram restos fossilizados do *eu primordial* insatisfeito. Por isso mesmo, um *eu histérico, obsessivo e fóbico*, originalmente *triste e angustiado*. Segundo o psicanalista Nasio, o histérico, por exemplo, tem necessidade compulsiva de “fantasiar e vivenciar a insatisfação”, já que ele é, fundamentalmente, “um *ser de medo* que, para atenuar sua angústia não encontrou outro recurso senão manter incessantemente em suas fantasias e em sua vida o *doloroso estado de insatisfação*” (*opus cit.*, p.15). Na raiz existencial do histérico há obsessões e temores, obsessão pela felicidade com medo de ser feliz. Mas, o que o histérico teme?

Segundo o autor citado, “há apenas um perigo essencial que ameaça o histérico, um perigo absoluto (...), o perigo de viver a satisfação de um gozo máximo”. Isso significa que o problema fundamental do histérico é seu medo inconsciente de um grande perigo que é atingir o gozo total, porque, para o histérico, esse gozo, se for experimentado, enlouquece, dissolve e mata. Medo e recusa obstinada de gozar, que ocupam o centro da vida psíquica do neurótico histérico” (Nasio, *op. cit.*, p.15/6). Segundo essa interpretação, é possível perceber na histeria o vestígio de uma fratura psíquica, dramática e traumática, causada pelo “pecado original”, segundo a concepção teológica bíblica (Gn 3:10).

CAPÍTULO 1

UMBIGO & SEXO: Herança *Gene-Ética* & Angústia *Primo-Ordinal*

Eis uma questão-chave inicial. Sob o enfoque bíblico-psicanalítico, e dentro da unidade-dual da *persona histerica* (medo-culpa, amor-ódio, desejo-nojo), é possível visualizar no profundo da mente humana, ícones, traços e centelhas que revelam origens e crescimentos de raízes de heranças *genéticas* causadoras de angústia *primordial*, manifesta na histeria obsessiva e fóbica? – Temos uma hipótese decorrente e recorrente: *A angústia histérica* provém do *medo primordial de castração* porque o *prazer total*, que proporciona *gozo máximo* para alívio do sofrimento de *sobrecargas afetivas*, foi e continua sendo *fruto proibido, o pomo existencial* da discórdia! (*Dis+cordis* = *coração partido*)

Meus caros leitores estão convidados a fazer comigo uma viagem-peregrinação no tempo e espaço do inconsciente humano, via *cordão umbilical*, com mergulhos no fantástico mundo das memórias primitivas profundas (*vidas passadas?*) e pensamentos/sentimentos flutuantes de um pastor situado no *divã psicanalista*, em diálogos com um psicanalista que se sinta, em contratransferência, na *cadeira pastoral*. Um mundo real, vivido por múltiplas personalidades reais, em que ambos passam ora por cordilheiras e vales verdejantes, ora por áridos desertos e abismos de cárceres/refúgios psíquico-mentais.

Numa escuta virtualmente grampeada, ouça *um pastor no divã*, já idoso e com múltiplas personalidades. Ele, olhar retrospectivo, em conversa com um psicanalista ainda jovem, diz:

- Vejo-me *criança*, a correr por uma *estrada* margeada de um lado, por *PAIsagens* de *confiança* e *medo*, e, do outro, por *MÃEsagens* de *afeto* e *ansiedade*. Embora eu tenha sido criado por pais *cristãos*, presentes e responsáveis, desde muito cedo vivenciei medos (*fobias*), ansiedades e angústias (*histerias*). Nasci com *mente* e *espírito* encarcerados. Pela educação judaico-cristã que recebi, acredito que as origens dessas vivências perturbadoras vinham de raízes de maldições *hereditárias* e feridas de alma e *espírito congênitas*. Assim como nem meus pais, após meu parto, e nem a igreja *cristã*, após meu batismo, fizeram o “teste do pezinho *psíquico-espiritual*”, continuei vivendo com essas raízes e feridas que personificaram meus jeitos e trejeitos de existir, brincar, crer, pensar, amar e trabalhar. Por isso, acredito que minha *estrada existencial* não foi, nem é, tão diferente daquela que foi percorrida por meus pais e avós. Esse meu modo de pensar e crer, é *bíblico*. Basta que eu personifique as declarações bíblicas proferidas pelo profeta Jeremias: *Meus pais pecaram e já não existem, e eu carrego as suas maldades. Caiu a coroa da minha cabeça, ai de mim porque pequei*. (Lamentações, cap. 5, versos 7 e 16).

O psicanalista pigarreou e fez *hum, hum*. O pastor apalpou seu próprio umbigo e continuou falando.

- Prova disso está aqui nesta cicatriz cheia de atavismos, chamada *umbigo*. Por isso, me sinto puxado por um *fio de prata*, o *cordão umbilical* da *memória primitiva* ou *inconsciente coletivo*. Por que se chama um-*big* e não dois-*bigos*? - Porque uma só é a nossa origem comum. Talvez seja por isso que caminhamos olhando mais para o *umbigo*, não é mesmo? (Ambos sorriram).

- Você está dizendo que todos nascem e nascerão ligados por um mesmo cordão umbilical atávico? – Mas, brevemente surgirão bebês sem *umbigo*, e aí, como é que fica?

- Serão outro tipo de seres - atalhou o pastor. O umbigo é a marca inexorável da lei única de entrada, de trânsito e de saída dessa vida terrena. Trânsito com dois sentidos inseparáveis: **hereditariedade genética** e **co-responsabilidade ética (gene+ética)**. Não é sem razão que o sangue do cordão umbilical e da placenta é o que mais contém *células-tronco*. Acredito que os únicos seres *humanos* que *nasceram* sem *umbigo*, isto é, sem a marca do *pecado original* e sem o *medo primordial* doentio, foram Adão e Eva. Para mim, o livro bíblico de Gênesis contém relatos científicos, morais e espirituais completos sobre nossa origem de dupla face, isto é, de vida e morte; finitas e infinitas. A propósito, vou relatar as palavras de um garoto esperto que não concordou com seu professor de Bíblia, que afirmou que os únicos que nasceram sem umbigo, porque nasceram sem pecado, foram Adão e Eva.

Eu acho – disse o garoto - que Adão e Eva nasceram com umbigo. Foi assim: Deus fez dois bonecos de barro e pôs os dois para secar. Depois, para saber se já estavam prontos para receber fôlego, Deus pegou um raminho da árvore da vida e com ele furou a barriga deles. Surgiu o umbigo. Em seguida, para perpetuar a sua obra prima, Deus fez num dos bonecos um pequeno risco vertical bem no meio das pernas. Esse risco rachou. Surgiu a mulher com a *portinha da vida*. No outro boneco, Deus plantou o *talinho* no meio das pernas, que brotou e cresceu. Surgiu o homem. Foi assim que Deus fez o umbigo e logo abaixo colocou a Sua marca registrada de *macho* e *fêmea*, quer dizer, de *pai* e *mãe*. Não é simples?

O psicanalista sorriu, discreto, pensando no embaraço do tal professor. O pastor continuou.

- Desse *achismo* infantil, e meio irreverente, pode-se inferir que o *umbigo* é o indicador natural de nossa *hereditariedade humana*, e as genitálias são a assinatura divina da nossa *co-responsabilidade*, que é, pela união sexuada, alcançar o *prazer* máximo global em clima e função de vida em Família e Sociedade. Creio que a logomarca da divindade em nós é o *poder supremo* de gerar novas vidas, poder divino que se configura, primordialmente, na relação pai/mãe para fecundação da prole em amor e paz. Nessa *verdade*, percebo a *raiz* divina da *palavra* “genética” (gene+ética), isto é, o poder gerador de descendências para perpetuação do que é *benigno* e eliminação do que é *maligno*.

O psicanalista, mão no queixo, parecia mais pensar do que concordar. O pastor continuou.

- O umbigo e as genitálias são a logomarca divina de nosso *gênero* humano que é único, porque os *genes*, de origem finita/infinita e divina/humana, estão dispostos numa só fita cromossômica de formato trançado (helicoidal). Desse modo, nossa dualidade genérica (*macho-fêmea*) e ética (*eu-outro*) é só aparente, porque ela forma o *círculo da vida* que é único, sem verso e reverso, como acontece, por exemplo, com o “anel de Möbius” (6). Deus-Pai-Criador nos fez assim: de uma só *fita* ou cordão cromossômico espiralado, tirou a Eva que, em união *sexuada* com Adão, se tornou uma só matriz, isto é, o *DNA* físico, mental e espiritual de toda a raça humana. Conclusão: Deus criou e recria. de geração em geração, um só corpo, uma só alma, um só espírito, enfim, um só *gênero humano*. Está escrito que o homem foi feito um pouco menor do que Deus e foi coroado de glória e de honra. *Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança: macho e fêmea os criou* (Sl 8:5; Gn 1:27).

- Você está querendo dizer que, se fizermos uma comparação entre o relato bíblico sobre o pecado original e a leitura da primeira teoria de Freud, que é: “a origem da histeria é o vestígio psíquico de um

(6) – “Anel de Möbius”. Pegue uma tira de papel e cole as pontas de modo virado (torcido). Trace no meio da fita uma linha contínua, estendendo-a até encontrar-se com o ponto inicial. Perceba que a linha passa de um lado da fita para o outro sem que a ponta do lápis seja erguida. Isso mostra, a rigor, que essa linha, em sua extensão, não mudou de lado. Com uma tesoura, divida o anel seguindo a linha traçada. Aparecerá um só e não dois anéis. Se cortar outra vez no meio, surgirá novamente um só anel, porém mais fino e ampliado. Isso ilustra o círculo da vida: o *lado de dentro* é *lado de fora* e vice-versa. Assim também acontece na *moeda* (valor) dos relacionamentos comigo mesmo e com os outros: *cara* e *coroa* se completam.

trauma”, pode-se inferir que do lado *genético* herdamos uma *fratura psíquico-mental*? Herdamos uma insatisfação permanente, uma *sobrecarrega afetiva* que deprime e faz sofrer? E tudo porque o desfrute original, que levou ao *conhecimento primordial* do Bem e do Mal, era fruto proibido, *pomo da discórdia*, uma espécie da *pedra filosofal* que até hoje ainda não foi encontrada pelas ciências?

- Isso mesmo – disse o pastor animado. Agora, pelo lado *ético-espiritual*, esse trauma causou uma *fratura* não só na alma humana, mas também no seu espírito. Uma ruptura nas relações entre Adão e Eva (Eu↔Outro) e entre ambos e o Pai-Criador. Disso surgiu o medo doentio original por causa da condenação pré-estabelecida caso houvesse desobediência. Mas, veja bem, porque Deus os criou para serem filhos e não robôs era preciso haver liberdade e condições para exercício do livre arbítrio. Eis porque o conhecimento do Bem e do Mal tinha que ser adquirido e amadurecido pela obediência livre, amorosa e adulta. Só assim Adão e Eva teriam a capacitação para sublimar a força do *desejo primário* de estado *pré-lógico*. Não havia outra opção. Ou Deus criava Adão e Eva sem liberdade, logo, sem chance de pecarem, ou os criaria com livre arbítrio, isto é, com a responsabilidade de serem livres para obedecerem ou transgredirem.

O psicanalista fez um “hum-hum” diferente, porém, mais para mostrar atenção do que concordância. Por isso, antes que o pastor pensasse que *quem silencia concorda*, resolveu interferir.

- Por que será que os sentimentos primordiais de vergonha da nudez, de medo e culpa, surgiram logo após Adão e Eva comerem o fruto proibido? - Por que é que a nudez, só depois do desfrute, causou vergonha medrosa, quer dizer, pudor culposo?

- Está escrito – disse o pastor ao abrir a Bíblia -, que Adão, confrontado por Deus após pecar, respondeu: *Ouvi a tua voz no jardim e tive medo porque estava nu, e escondi-me. Perguntou-lhe Deus: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Deus: O homem agora se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Assim, para que não estenda a mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus o lançou fora do jardim do Éden para lavrar a terra de que fora tomado.*

- Mas – interrompeu o analista -, se realmente foi assim como está escrito, essa tal serpente do mal não mentiu, nem enganou, não é mesmo? Adão e Eva continuaram vivos. mesmo depois de comerem o fruto proibido.

- Sim, vivos só no corpo e alma, porém *mortos* no espírito - interferiu rapidamente o pastor.

- Mas, foi Deus quem afirmou que Adão, após pecar tinha se tornado divino e poderoso. Deus disse: “Agora Adão se tornou *como um de nós*”. Então, o diabo não mentiu, não é mesmo?

- Eu entendo - pigarreou o pastor -, que, ao pecar, Adão e Eva adquiriram poder, porém, maligno. Tornaram-se *filhos* do Mal, *filhos* da desobediência, filhos adotivos de Lúcifer. Ganharam *status* de *deuses* - como lemos em Salmos 82:6 -, porém, agora deuses rebelados e inclinados para reforçarem o poder do Mal. Entretanto, Deus queria que nossos genitores primordiais obtivessem o poder do conhecimento do Bem e o Mal sem pecar, isto é, trilhando o caminho do amadurecimento com fé e obediência. Para isso, teriam que sublimar o impulso primário não satisfazendo o apetite da vaidade e do orgulho. Essa abstinência, durante o amadurecimento e purificação do *humano (barro-humus)*, era a vacinação protetora contra o mal que transformou um anjo cheio de luz, em Satanás, arcanjo das trevas.

- Mas, o que isso tudo tem a ver com o sentimento primordial de medo e culpa? - insistiu o analista.

- Eva sabia que o fruto era saboroso e bom para dar conhecimento. Mas, sabia também que esse fruto teria que ser experimentado pelo caminho da fé e obediência a Deus para que produzisse dentro deles apenas sementes do Bem. Foi a prática da incredulidade e desobediência de Adão e Eva que colocou no fruto a *semente do Mal*. A Palavra diz que o pecado, quando concebido, gera a morte. A morte é separação/fratura, que, por sua vez, gera sentimentos de vergonha, medo e culpa. A vergonha que eles sentiram, por causa da nudez, me parece estar associada à quebra das relações *íntimas*, totais e puras, que antes havia entre os dois e entre ambos e o Pai-Criador. Nasceu ali a estranheza belicosa entre homem e mulher e a guerra entre suas descendências e contra Deus.

O analista rapidamente redirecionou o diálogo para enfoques psicanalíticos, e disse:

- Por que é que o sentimento de vergonha está relacionado com nudez e só aconteceu depois que Adão e Eva comeram do fruto proibido? Posso então inferir que o ato de comer do fruto proibido tem relação com sexo e que a consciência de culpa gerou em ambos o *medo de castração* por que eles fizeram uso precoce do que você chama de “assinatura” ou “marca registrada” do poder gerador de vidas? Medo de castração do *falo relacional genitor* porque Adão e Eva ainda não tinham chegado à maioridade mental/espiritual para o prazer máximo ligado ao propósito santo de gerar vidas?

- Sim... talvez - gaguejou o pastor. Creio que relacionar pecado original com relação sexual não é, nem lógico, nem correto. Foi a busca do conhecimento-poder pelo caminho de infidelidade espiritual que originou o DNA de *morte* ou *pecado mortal* que passou gene+eticamente para toda a raça humana.

- Mas - insistiu o analista -, porque havia uma relação de forte parentesco entre Adão e Eva, a relação sexual entre eles implicava uma relação entre irmãos gêmeos, ou até entre pai e filha, pois Eva foi tirada de dentro de Adão e ambos eram filhos de um só Pai-Criador? Você está querendo dizer que, na falta da maioridade mental/espiritual, o comer do fruto proibido resultou numa insatisfação traumática, carregada de sentimentos e pensamentos de culpa e medo por causa do que hoje chamamos de *tabu do incesto*, um grande *estigma* que fere nossa *consciência moral* primitiva?

- Convenhamos que sim, mas em parte – disse o pastor. Afinal, Adão era cria de Deus e Eva foi tirada do peito de Adão, logo, Deus era Pai/Mãe de Adão e Eva, Adão era uma espécie de pai-mãe de Eva e Eva era uma espécie de filha de Adão e futura mãe de seus filhos. Nesse sentido, podemos pressupor que a busca do alívio para a frustração inicial gerou *sobrecarga afetiva* e se tornou complexa e dolorosa, cheia de medo e culpa, porque continha o estigma matricial do *tabu do incesto*.

- Quer dizer, - insistiu o analista -, que Adão e Eva sentiram-se envergonhados e culpados porque se viram como dois irmãos gêmeos, menores de idade, a praticar um ato imaturo de desobediência por que o fruto era proibido, quer dizer porque ainda estava verde? Seria daí que veio o ditado: *Os pais comeram uvas verdes e os filhos nasceram com os dentes embotados?* (Ez 18:2).

Após rápido silêncio, pastor e analista dialogaram a respeito do “incesto”, isto é, de relações sexuais proibidas principalmente entre pais e filhos e entre irmãos biológicos. Esse *tabu (proibição moral)* é muito antigo e *sagrado*, e ele faz parte de todas as culturas do mundo, mesmo as mais primitivas. Mas, o analista logo retomou o *fio da meada* da conversa, e perguntou:

- Você está querendo dizer que Deus não só permitiu, mas permitiu a participação do Maligno para formar e testar a *maturidade* e *maioridade* de Adão e Eva quanto ao uso do livre arbítrio? - Por que o Bem e o Mal estavam contidos numa só árvore e fruto? - Ora, se o Mal existia antes de Adão e Eva, quem criou o Mal? - Por que Deus, que é onipotente, onisciente e onipresente não soube, não pôde ou não quis evitar a queda original da raça humana? – Por que Deus, todo poderoso, não destruiu o Maligno antes de criar Adão e Eva? Se Deus é todo poderoso, por que precisou do concurso de seres humanos frágeis, sujeitos à tentação e à queda, para derrotar o diabo, recompor seu reinado total, constituir a Família Celestial. Projeto original, e construir um novo céu e uma nova terra em que habite a Justiça? - Afinal, o Bem e o Mal são *divinos*? - Que é o Bem? - Que é o Mal?

- Precisamos conhecer mais sobre a *Justiça* de Deus. Deus, todo poderoso, é justo, Deus criou um mundo espiritual com leis que Ele mesmo se disciplina respeitar para que o Maligno seja derrotado e não tenha do que nos acusar diante do justo e eterno Tribunal Divino. Para cumprir toda a Justiça e estabelecê-la no Universo ao nosso alcance, Deus teve que encarnar e morrer na cruz. Com Seu sangue, o Deus-Filho pagou o preço de resgate de todo o pecador que se arrepende e selou o decreto de castigo eterno para o diabo e seus asseclas. Exatamente porque é todo poderoso, Deus não *pode* - porque não *deve* -, colocar um só pecador no céu caso esse pecador não se arrependa e não creia em Jesus. Se assim não fosse, estaria aberta a porta para todos os demônios escaparem da Justiça de Deus, pois, por natureza, o diabo e seus servidores não se arrependem e não crêem em Jesus Cristo.

- Mas – interrompeu o analista -, quem criou o Mal? - Afinal, que é o Bem e que é o Mal?

Seguiu-se um silêncio desconfortável, porém rápido, porque o relógio anunciou o fim da sessão.

CAPÍTULO 2

MALDIÇÕES HEREDITÁRIAS E ESPÍRITOS MALIGNOS FAMILIARES

O pastor começou falando de seus pais e avós, que tudo fizeram para educá-lo na *doutrina e admoestação do Senhor*, segundo as *Escrituras Sagradas*. Eles entendiam que o *filho* e *neto*, como qualquer outro ser mortal, era apenas nascido da carne e precisava renascer espiritualmente, *nascer de novo*, que dizer, ser *salvo*. Precisava crescer no *temor de Deus, princípio da sabedoria*. Deveria honrar pai e mãe porque esse é o primeiro mandamento divino com promessa de bênção. Ensinavam-lhe que a prática de pecados permitia que Maligno o ferisse e destruísse, logo, também ferisse o coração de Deus-Pai e entristecesse o Espírito Santo Deus-Filho. Mentir era o pecado mais grave porque “aquele que mente é filho do diabo”. *Meu filho*, diziam, *nunca se esqueça que Deus tudo vê e castiga*.

- Meus pais e avós - continuou o pastor -, diziam que eu era um menino de índole boa, mas que parecia carregar um instinto mau. Desde bem pequeno eu gostava de torturar animais e crianças. Era chamado de “Joãozinho, o mostro”, por causa de uma charge que era publicada na antiga e extinta revista “O Cruzeiro”. Eu era muito mais atencioso e amável com as pessoas de fora de casa, e isso irritava e magoava minha mãe. Procurava ser o maioral nos estudos e nos esportes porque me sentia feliz e realizado *derrotando* os colegas que zombavam de mim. Imaginativo e vaidoso, escrevia poesias, usava cabeleira parecida com a de Castro Alves, inventava e contava histórias que encantavam as crianças e faziam chorar as mulheres. Ficava horas e horas conversando com a lua e as estrelas, às vezes, sonhando grandezas, outras vezes, curtindo melancolias. Queria ser *poeta, escritor e professor*. Meu pai me dizia: “Cuidado, filho, *poeta* rima com *pateta*”; ou ainda: “filósofo morre de fome”. Já adolescente, ao demonstrar que queria escapar de casa e sair da pequenina cidade natal para avançar nos estudos e conhecer o mundo, veio o conselho materno: “Cuidado, meu filho! Formiga quando quer se perder cria asas”. Quando permanecia alheio aos bons exemplos e ensinamentos, e as traquinagens aumentavam, meu *pai* vaticinava: “Deixa estar jacaré que um dia a lagoa seca”. Ah, os antigos *ditados* paternos e maternos!... Ditados que, ditos mal, embora não fossem “malditos”, marcaram minha vida com os mesmos estigmas de maldições que feriram a eles e seus antepassados. Mas, não herdei nem vivenciei apenas maldições. Na época, fui o único filho, sobrinho e neto, dentre todos os familiares paternos e maternos, que cursou uma Faculdade. Enfim, tornei-me pai, pastor, mestre, cidadão *honorário*, diferentemente de tantos outros amiguinhos e colegas de infância que, embora fossem pobres e filhos de *ferroviários* como eu, não conseguiram *vencer na vida*, como dizia meu pai. Julgo que comigo aconteceu diferentemente graças aos cuidados, educação bíblico-cristã e orações recebidos no *lar* e, principalmente, na minha pequena *igreja* evangélica natal, em Rio Negro, Paraná.

Quando o pastor parou para respirar, o psicanalista aproveitou para comentar:

- Com essa lembrança você está querendo dizer que seus comportamentos foram causados mais por força de sua herança biogenética do que sua formação e formação sócio-cultural?

- Entendo hoje que meus atos infantis eram causados principalmente por força de raízes de maldições *hereditárias* e de feridas de alma e espírito *congenitas*. Maldições e feridas que não foram cortadas, tratadas e curadas nem na hora do meu *nascimento biológico*, nem no instante do meu *renascimento espiritual*. Durante o parto e durante a minha conversão e batismo aos treze anos, a Igreja não fez em mim o *teste do pezinho* para detectar e cancelar *raízes e feridas* de culpa, medo e condenação em todo o meu corpo (*soma*), mente (*psiquê*) e espírito (*pnêuma*). Desde o ventre materno, não recebi *vacinas espirituais preventivas*. De meu inconsciente ou memória primitiva, emergiam centelhas incendiárias de medo e culpa, amargura e ódio. Ainda púbere, na voragem do círculo vicioso de uma compulsiva masturbação física e mental para alcançar poder e prazer máximos, eu imaginava e praticava, às escondidas, atos de *pedofilia e zoofilia*, sempre com requintes de perversão e revolta. Mas, por força da necessidade de demonstrar conduta *cristã* corretamente disciplinada, conseguia apresentar-me com fachada de cidadão *íntegro*, marido *fiel*, pai *dedicado*, pastor *ungido*. Somente há seis anos atrás percebi que meu corpo, mente e espírito não estavam plenamente irrepreensíveis e inculpáveis diante de Deus. Algumas raízes de maldições hereditárias, feridas de alma/espírito e *tradições evangélicas* com *idolatrias*, ainda persistiam dentro de mim. Embora vivendo como *cristão salvo, avivado e unido*, algumas sementes-bomba de mi-

nhas remanescentes *heranças e feridas* internas *implodiram* minha vida conjugal e pastoral. Cheguei ao fundo do poço, a ponto de exclamar: “Miserável homem que sou”.

- Segundo eu entendo de Bíblia - disse o psicanalista -, você experimentou, ainda púbere, um *novo nascimento* espiritual e tudo se fez novo na sua nova vida de convertido. Você ficou livre de todas as dores, enfermidades e maldições, não é mesmo? Mas, ouço você dizer que, até a alguns anos atrás lutava e sucumbia por causa de pensamentos e sentimentos malignos, bem como práticas, às escondidas, de atos sexuais *horríveis*. Tudo porque ainda persistiam em você raízes de maldições e feridas de alma e espírito. Afinal, o que se tornou realmente novo e o que realmente mudou na sua vida após esse tal *novo nascimento* espiritual? Você nasceu de novo anos atrás ou só agora?

-Com 19 anos, ao desistir da Universidade em Curitiba para ir ao Seminário no Rio, e com 41 anos, ao renunciar o clericalismo e sectarismo, agi conscientemente, motivado por um ideal *sagrado*. Entretanto, não sabia que em ambas as ocasiões eu estava também em fuga. Por trás da *roupagem clerical*, eu estava me escondendo de temores primitivos, complexos de culpa e inferioridade, raízes de amarguras e feridas de alma não tratadas, embora não tivesse consciência disso. No consciente, sentia-me guiado pelo Espírito de Deus para cumprir uma missão divina, mas, inconscientemente, buscava um meio de resolver meus sentimentos de abandono, complexos de inferioridade, fantasias sexuais, raízes de amargura.

- Como você chegou a conscientizar-se disso?

- Só a uns dois anos antes de minha plena restauração consegui perceber que, na maioria das vezes, agia de modo narcisista, irônico, sádico e polemista. Às vezes, usava as verdades, principalmente as bíblicas, mais para vergastar e condenar os *errados* do que para libertar e salvar. Ir para o Seminário e depois viver nos limites de bom esposo, pai e pastor, tornaram-se providenciais divinas para que eu não descambasse de vez. Na clausura da vida disciplinada de seminarista e depois, nas atividades de pastor *ativista-renovacionista*, não conseguia disciplinar minha mente para manter refreados meus desejos compulsivos desviantes. Mesmo a disciplina do espírito e exercícios *espirituais*, que abençoaram a mim e tantas pessoas, não impediram que eu, por vezes, conseguisse manter refreadas minhas taras hereditárias. Tinha, às vezes, pensamentos e sonhos em que me sentia livre para praticar atos obscenos e escapar voando. Outras vezes, pesadelos em que me sentia caindo, puxado para dentro de abismos escuros e aterradores. Nos sonhos e fantasias mentais, acaba me vendo *atropelado* ao atravessar uma rua; *despido* ao falar em público; *agressor* ao denunciar uma fraude; *culpado* ao descansar e tirar férias; *delinqüente* e *promíscuo* ao ficar sozinho num quarto; *forçado* ao ser afável e serviçal; *ameaçado* ao saborear guloseimas, *sujo* e *animalesco* ao me masturbar, *perfeccionista* ao fazer e avaliar trabalhos; *polêmico* e *irônico* nos discursos e ensinamentos, *sádico-masoquista* ao dar e receber carinho. Enfim, lá no fundo, e à luz da psicanálise que conheço hoje, eu, *nascido de novo* e *pastor renovado*, vivia como um *cristão histérico, obsessivo e fóbico*.

O analista aproveitou o ensejo para, de modo introdutório e sem polêmica, conversar com o pastor que há interpretações equivocadas a respeito da conversão, que tudo se faz novo e não fica mais nenhuma lembrança maligna, nem maldição hereditária na nova vida de quem que se converte a Cristo. Explicou que não se pode apagar a memória genética da raça e da infância, e que, por isso, os pregadores e terapeutas religiosos deveriam ser mais prudentes ao proclamar que, no momento desse novo nascimento espiritual, tudo realmente se faz novo no corpo e na alma do neoconverso, e que, naquele momento, ele fica também livre e curado de todas as doenças e maldições herdadas.

-Hoje entendo – disse o pastor -, que tudo se fez novo e que tudo ficou perdoado e limpo, somente na dimensão espiritual divina. Eu pregava e acreditava que pelo novo nascimento espiritual tudo se fazia novo, também e automaticamente, nas dimensões do corpo (*soma*) e da alma (*psique*). O próprio apóstolo Paulo deixa bem claro que o corpo e a mente/alma - que ele chama de *carne e sangue* -, não herdam o Reino de Deus, nem nascem de novo, porque o que é nascido da carne é pó (*humus*) e volta ao pó.

Porque o horário tinha acabado, o analista concluiu assim:

- Uma coisa é eliminar sintomas, principalmente dores, mesmo que isso atinja de algum modo o que está causando as dores. Outra coisa é eliminar, completa e radicalmente, as causas das doenças. E isso vale dizer e pensar quando se trata, principalmente, da lei de causa e efeito relacionada com enfermidades

psíquico-mentais. Segundo a Psicanálise, a cura não está na eliminação da memória implícita ou explícita, isto é, do que está no inconsciente ou consciente. Está, ao contrário, no modo como o terapeuta ajuda o *paciente* a reviver o trauma e a dor originais para reagir como agente, isto é, assumi-los e tratá-los. A cura psicanalítica começa quando o paciente - ao tomar consciência das causas mais profundas de seus transtornos -, adquire competências para administrar, controlar e sublimar os efeitos doridos de sua ansiedade, angústia e depressão.

CAPÍTULO 3

FERIDAS DE ALMA E ESPÍRITO ↔ ENFERMIDADES MALIGNAS FAMILIARES

No encontro seguinte, o pastor começou lembrando que iniciara os encontros falando das *paisagens* e *mãe-sagens* que margearam sua caminhada durante a infância, puberdade e vida adulta. Pareceu ao analista que o pastor tentava tornar mais clara a linguagem metafórica sobre *paisagens*.

- Do lado materno - iniciou o pastor -, herdei de meus ancestrais portugueses fortes tendências para dedicar-me à leitura e escrita, prosa e verso. Herdei também cultura e educação *liberalistas*, com fortíssima discriminação racial. Minha fecundação, nidação, gestação e parto aconteceram em clima de revolta e rejeição. Minha mãe, magoada por causa da morte de minha irmãzinha acontecida sob condições dramáticas e traumáticas, jurou que não teria mais filhos. - *Caso eu engravide* – afirmou ela com dedo apontado para o umbigo de meu pai -, *eu mato o bebê*. Aconteceu que eu era *a bola da vez*.

- Como você chegou à certeza de que essas raízes e essas feridas que marcaram sua formação e educação só foram completamente cauterizadas há uns seis anos atrás?

- Tudo aconteceu quando passei por duas ministrações de *restauração espiritual plena*. Na primeira, houve cauterização de raízes de maldições hereditárias, vindas principalmente do lado de meu pai. Na outra, recebi a cura de feridas de alma e espírito geradas no útero materno. A libertação e cura interior plenas, só foram possíveis mediante *toda oração e súplica no Espírito* (Ef.6:18). Eu não conhecida, na sua profundidade, essa *toda oração* que só é *toda* quando inclui confissão e pedido de perdão das maldades dos antepassados que são: a maldição de bastardo vinda da décima geração e a maldade da idolatria vinda da terceira e quarta gerações, conforme se lê em Dt 23:2 e Ex 20:5, em conformidade com Lm 5:7,16. Até então, eu desconhecía essa “*toda oração e súplica no Espírito*”, para que corpo, alma e espírito fiquem plenamente irrepreensíveis e inculpáveis, como está escrito em 1Ts 5:23.

- Você está dizendo que um pecador, ao fazer essa *oração total*, pode ficar plenamente curado e liberto de tudo, quer dizer, ficar totalmente sem culpa, sem repreensão, sem pecados, enfim, um *santo*?

- A mesma Bíblia registra que Deus nos elegeu para sermos santos e irrepreensíveis diante d'Ele, para sermos santos como Ele é Santo. Mas, só podemos compreender isso se admitirmos que a santidade de Deus é *absoluta* e que a nossa é *relativa*, quer dizer, é relativa à salvação de Jesus e à santificação do Espírito de Cristo por nós e em nós. A palavra *santo* - quando se refere àquele que já nasceu de novo pelo Espírito de Deus e foi lavado no Sangue do Cordeiro Jesus -, significa *separado*, isto é, que passou virtualmente da morte para a vida, e foi *consagrado* por e para Deus. Disso se pode inferir que, ao nível do nosso *espírito regenerado* somos e estamos plenamente santos, isto é, temos em nós a santidade de Deus, qual *tesouro eterno* porém em vaso de barro. E que, ao nível de nosso corpo e alma continuamos sujeitos a falhas e pecados, porém, não mais como escravos do pecado original, nem debaixo da condenação desse pecado.

- Você falava de cura e libertação integrais só possíveis pela oração e súplica totais. O que é e como funciona essa *toda oração e súplica no Espírito*?

- Segundo a Palavra Sagrada, basta um só pecado não assumido e confessado para impedir que o perdão de Deus seja liberado. Assim está estabelecido porque a Justiça de Deus se tornou completa na cruz-castigo do Pai e no sangue perdão do Filho. O adversário e acusador Lúcifer, e seus anjos malignos, não se arrependem, nem crêem no sacrifício de Jesus Cristo. Logo, se Deus perdoar um só pecado e absolver o pecador, sem que antes ele se arrependa, confesse e creia no sacrifício vicário de Jesus, terá

que fazer o mesmo com Satã e seus asseclas. Eis o mistério revelado da perfeita e eterna Justiça de Deus. Essa Justiça foi estabelecida na cruz do Pai e sangue de Cristo para justificação dos que crêem e para condenação do diabo, seus anjos malignos e todos que não se arrependem e crerem. Veja bem, por causa dessa Justiça pré-estabelecida, Deus, embora seja Todo Poderoso, não *pode* pôr no céu um só pecador se este, no uso do livre arbítrio, não se arrepende, confessa e crer no perdão só alcançável pela justiça-justificação do sangue de Cristo..

- E o que é que tudo isso tem a ver com essa “toda oração e súplica no Espírito”?

- Só podemos conhecer e nos relacionar com Deus através da oração em nome de Jesus. Se essa oração for parcial, conseguiremos pouco; se for total, a bênção é completa. “Toda oração” é quando, em Cristo e por Cristo, posso assumir e posso confessar como sendo também minhas todas as *maldades* diretas e indiretas, conscientes e inconscientes, praticadas por mim por força da lei da hereditariedade. Pela lei da co-responsabilidade, são maldades dos pais e avós são minhas porque eu as carrego dentro de mim e eu as transmito para meus filhos e netos. Vou ler o que está escrito aqui na Bíblia:

Nossos pais pecaram e já não existem, e nós levamos as suas maldades. Caiu a coroa da nossa cabeça: ai de nós porque pecamos Deus visita a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração Nenhum bastardo entrará/persistirá na congregação dos justos, nem ainda sua décima geração entrará/persistirá na congregação de Deus ((Lm 5:7,16; Ex 20:5; Dt 23:2).

- É a inexorável lei da hereditariedade aliada à lei de nossa co-responsabilidade étnica e ética.- continuou o pastor. Em Adão todos pecamos e morremos, todos nascemos separados da glória de Deus. Está escrito em Rm 3:23; 6:23; 1Co 15:22. Eu estou incluído nessa expressão: “nossos antepassados pecaram”. Logo, em Adão e Eva eu pequei e morri, quer dizer, herdei o DNA da *morte*. Preciso assumir esse “mal da raça”, esse “pecado original” e, pela intercessão do Espírito de Cristo que me convence de pecado, de justiça e de juízo, me arrepende e crer para ficar livre e curado, para ser gerado de novo e voltar a ser filho de Deus. Nesse sentido, tenho que admitir que já estive lá no Éden e que também estive cá no início da colonização do Brasil, e participei das violências, injustiças e mortes cometidas contra negros e indígenas. Sou bastardo de sangue biológico e de sangue sócio-econômico-cultural. Trago na minha memória genética, remota e infantil, os traumas de uma luta dentro de mim entre “Casa Grande e Senzala”, conforme a história de nossa colonização trágica, escrita por Gilberto Freire.

- Você – interrompeu o analista – me parece que está afirmando que as descobertas sobre arquétipos, inconsciente coletivo, espíritos familiares, memória remota implícita e explícita têm alguma base bíblica?

- A propósito – continuou o pastor -, o nome “brasil”, por exemplo, tem origem relacionada com maldições raciais, culturais e territoriais, já que esse nome foi *criado* para substituir o nome de Terra de Santa Cruz. Na primeira missa, a fé mais forte estava voltada para o comércio e indústria do *pau brasil*. A terra, a madeira, os frutos pertenciam aos índios. A extração da madeira e o plantio e colheita dos frutos foram realizadas com o sangue, suor e lágrimas de escravos africanos. Precisamos passar a limpo o nome Brasil, porque ele foi proclamado e instituído não com a tinta vermelha da madeira, mas sim com o sangue de índios roubados e negros escravizados. Começamos nossa história político-econômica no *vermelho*, duplamente. Depois continuamos no “vermelho” durante os ciclos (*circos*) da cana de açúcar, do café e do ouro. E estamos até hoje operando no *vermelho* de uma dívida, que não é apenas de dólares, mas de sangue criminoso que corre em nossas veias. Temos que exclamar como o apóstolo Paulo: “No meu sangue não habita bem algum”. A propósito, estou me lembrando do final do soneto *Pai João* escrito por Crio Costa, antigo poeta português que, ao ver um preto velho agachado e inerte junto a uma grande plantação de café, escreveu: “*Descanse em paz! Fique eu aqui, a lembrar magoado, que os frutos de café são glóbulos vermelho do sangue que escorreu do negro escravizado*”. Pediria licença ao poeta abolicionista para substituir *magoado*, por *condenado*. Porque foi assim que me assumi culpado quando fiz “toda oração e súplica”. Eu, descendente de portugueses e de uma índia apanhada no laço; eu, que (na vida dos meus antepassados) violencei negros e indígenas e derramei o sangue de muitos escravos, eu oro a Deus para que a minha Pátria brasileira e a Igreja-Noiva de Jesus Cristo cumpram o que está ordenado e profetizado em 2Crônicas 7:14: “*Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então Eu poderei ouvir dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra*”.

O pastor, diante apenas dos *hum-hum* do analista, resolveu ser mais direto.

- Que tipo de frutos podemos colher de uma terra regada com lágrimas e sangue, adubada com cadáveres de escravos, de operários anêmicos e enfermos, de crianças *assassinadas* e desnutridas desde o ventre? Deus trouxe Caim a juízo quando o confrontou dizendo: *Caim, que fizeste? O sangue do teu irmão clama a mim desde a terra*. Está claro na Bíblia que eu *não* sou diretamente responsabilizado por atos de maldade praticados por meus pais e avós, mas, tenho que responder pelas conseqüências malignas desses atos. Eis um exemplo *quente*: cada criança brasileira que nasceu agora, nasceu com uma dívida pessoal de mais de dois mil dólares. O bebê brasileiro mal abriu os olhos e já tem enorme dívida herdada de seus antepassados gananciosos que se curvaram e se venderam ao deus das riquezas, ao deus Mamom do capitalismo perverso. Parece-me que nesse Brasil de hoje as coisas estão se encaminhando para mudanças eficazes. Recentemente, o Presidente Lula incluiu nas suas falas, ao visitar o continente africano, um pedido de perdão com atos de arrependimento e fé, assinando convênios de mútua cooperação a favor do desenvolvimento da África. E pediu com veemência que os países ricos de primeiro mundo fizessem o mesmo. Mais recentemente ainda, o atual ministro brasileiro responsável pela reforma agrária que deve devolver aos índios o que lhes foi roubado, numa reunião com caciques de várias tribos, pediu-lhes perdão pelos muitos males que nós lhes causamos, por causa da velha colonização perversa que ainda praticamos até hoje.

- Agora que você parou para beber água - disse o analista -, me esclareça. Essa maneira de interpretar e assumir as maldições hereditárias não dá apoio à doutrina *kardecista-hinduísta* da reencarnação?

- Antes de responder sua pergunta - disse o pastor -, permita-me esclarecer essa lei de causa e efeito no mundo moral/espiritual, exemplificando com um fato cotidiano em nossas grandes cidades. Suponhamos que um garoto delinqüente, pobre e negro, me assalte e que, para roubar, faça um corte no meu braço e assim me force a entregar-lhe o relógio mais rapidamente. O ato criminoso é do garoto, porém, a ferida é minha porque está no meu corpo, na minha carne, na minha consciência moral. Por que devo pensar assim? É só me lembrar que foram meus antepassados colonizadores que protagonizaram a criação dos excluídos e marginalizados que geraram esse garoto assaltante. Logo, terei que admitir que fui eu que pus o punhal e a intenção de roubar na mão e na mente do criminoso. Esse delinqüente é meu *próximo*, meu *semelhante*, meu compatriota, é do mesmo *gênero humano*, é meu *irmão bastardo*, descendente que é de escravos que eu, na pessoa de meus antepassados colonizadores, expropriei, roubei, estuproi e açotei. Logo, em última análise e instância moral, social e espiritual do Tribunal de Deus, devo admitir que o punhal é que é meu, o relógio é dele. Logo, fui eu que me cortei e me roubei; devo chamar a polícia para mim. Sem dúvida, esse *delinqüente genérico* faz parte do meu *inconsciente coletivo*!

- Quer dizer que, durante o ato de confissão de pecados, toda vez que o cristão bate no peito e diz: "minha culpa", deve estar consciente de que precisa assumir maldades indiretas e até inconscientes?

- Deveria ser assim - respondeu o pastor -, mas como não é, pode-se entender porque é que não ficamos plenamente curados e perdoados, e porque continua cada vez mais fecunda a proliferação de injustiças sociais, crianças bastardas e menores delinqüentes, sem família, sem saúde, pão e teto. Entendo que Jesus nos mandou amar, perdoar, alimentar até os inimigos, e retribuir todo o mal com o bem, é porque, na verdade e lá no fundo do meu passado remoto, ninguém era inimigo, mas sim meu *próximo* e meu *semelhante*, não é mesmo?

- Mas - insistiu o analista -, quando você assume e confessa as maldades dos antepassados mortos e essas maldades são perdoadas, isso não é uma forma *masoquista* de aliviar a consciência e um modo *espiritualista* de você aliviar a dívida deles? Perdoadas essas maldades, esse perdão beneficia também os mortos devedores? Sendo assim, isso não é algo parecido com oração pelos mortos, ou prática de *karmas* para beneficiar antepassados mortos?

- Vamos devagar e por partes - respondeu o pastor. De entrada, fique claro que não é o Eu, em si mesmo, quem assume. É Cristo em mim, caso minha natureza adâmica já esteja crucificada com Cristo. Retornemos com a questão dos *karmas*. Não concordo com a teoria espiritista da reencarnação que ensina que um morto, para se purificar, evoluir e ser salvo, precisa do favor de uma outra vida que lhe

empreste o corpo e alma para sofrer karmas, alguns bem dolorosos, e assim *pagar* os pecados dele. Também, não concordo com a doutrina da prática de penitência e boas obras para que alguém possa alcançar a salvação da alma. Se assim fosse ou devesse ser, não seriam necessários a morte e o sangue de Jesus. É pelo sangue, pisaduras e sofrimentos de Cristo que somos perdoados e sarados.

O analista apenas fez *hum-hum* e pigarreou. O pastor aproveitou para continuar.

- Essa *toda oração* deve ser feita em nome e no Espírito de Cristo-Cordeiro. Logo, quem assume as maldades que herdei é Jesus. Seu sacrifício e sangue é que pagam e anulam todo pecado e condenação. Assim sendo, essa “toda oração e súplica”, com “ações de graça” não tem qualquer semelhança com minhas penitências e sacrifícios a favor dos mortos. Sempre acreditei e preguei que não há qualquer tipo de comunicação entre vivos e mortos e vice-versa. Tenho na ponta da língua alguns versos bíblicos para confirmar isso. Porém, ofuscado pelo medo das heresias, levei anos para perceber que, embora nós vivos não tenhamos permissão bíblica para qualquer comunicação *direta* com os mortos e seu mundo, temos, contudo, possibilidade de comunicação e intervenção *indiretas*. Por exemplo, podemos e devemos, ainda hoje, orar com fé para que Jesus ressuscite os mortos. Podemos pedir que Jesus vá até o *além túmulo* e traga de lá pessoas que já morreram, principalmente os bebês abortados. Ele fez assim com Lazaro, com o Filho da viúva de Naim e com tantos outros no passado, e faz ainda hoje.

- Mas – interrompeu o analista -, se você pode orar com fé e pedir para que Jesus ressuscite um morto que partiu dessa vida sem conhecer Jesus, logo, sem salvação, e que o traga para o lado de cá, não podemos pedir então que Jesus, vendo a nossa fé, vá até o além túmulo, fale a esse espírito em prisão e ele seja salvo? Não foi isso que Jesus fez enquanto esteve no túmulo, antes de ressuscitar, para conversar dos impenitentes do tempo de Nóe, conforme está escrito em 1Pe 3:10? E quando Jesus traz o espírito de um morto para sua ex-vida biológica e psicológica, como fez com Lázaro e tantos outros, isso não é reencarnação?

- Embora as ressurreições de Lázaro e de outros citados na Bíblia sejam parecidas com reencarnações - respondeu o pastor -, elas nada têm a ver com a doutrina *kardecista* usada para ensinar o modo como podemos ser salvos. Essas ressurreições não foram, nem são reencarnações para que almas penadas ou espíritos ainda em trevas voltem à nossa vida bio-psíquica e sejam purificados e *salvos* pelo sofrimento e prática da caridade. As doutrinas que pregam a salvação por meio de reencarnações e boas obras desprezam a verdade do Evangelho de Cristo que apresenta a cruz e o sangue do Cordeiro de Deus como os recursos únicos, suficientes e eternos para que todo e qualquer pecador que se arrepende e crê em Jesus seja salvo, perdoado e purificado.

- Mas - indagou o analista -, embora você só tenha respondido uma parte das perguntas, queira então me esclarecer a seguinte questão. Se o que *carregamos* são as maldades e não os espíritos dos antepassados, qual é então a diferença entre o *espírito* dessas maldades familiares, ou *espírito de enfermidades familiares* e o *espírito* de cada um desses familiares já falecidos?

- É preciso saber distinguir entre *espíritos malignos* e *espíritos de enfermidades malignas* - respondeu o pastor. O *mundo dos espíritos* é ainda uma *caixa preta* para todos nós. Pouco ou nada, sabemos, na prática, sobre o que são realmente *alma* e *espírito*, e onde ficam e como ficam os espíritos dos que já desencarnaram. *Quando* e *como* os *espíritos* humanos transmigram de uma geração para outra? Creio que isso acontece no instante da fecundação. Herdamos de Adão e Eva um espírito *mortificado*. O espírito humano não é dado por Deus-Criador na hora da fecundação, conforme interpretação quebrada de Eclesiastes 12:7.

- Se eu acredito que alma e espírito só passam a existir no embrião três ou quatro semanas depois da hora da fecundação, seria *crime* sacrificar um embrião com menos de duas semanas de vida, principalmente se for para retirar dele células tronco que irão curar e reabilitar tantas vidas?

- Esse é o complexo e palpitante assunto do momento, mas quero voltar a ele depois – disse o pastor. Voltemos ao assunto sobre o *espírito humano*. Sabemos quase nada sobre o que é *espírito* e o que é *alma*, na profundidade de seus múltiplos significados e expressões. A palavra *espírito* é comumente usada dentro e fora da Bíblia como sinônimo de *vida*, *alma*, *princípio vital*, *princípio racional*, *sentimento*, *coração*. A Bíblia fala de *alma*, *coração* e *espírito* como tendo significados idênticos. Em ciência, por exemplo, fala-

se de *espírito* como *ente* ou *princípio* do conhecimento. É o caso do *princípio* ou *ente matemático* chamado *espírito da unidade*. Na Medicina, fala-se do *espírito* de uma doença, como é o caso do *câncer* denominado *tumor maligno*, e *maligno* é um dos nomes de *Satã*. Por isso, pior que a doença física é o *espírito de enfermidade*, que só Jesus tem e dá poder para ser retirado e expulso. No caso da cura da mulher que andava encurvada há dezoito anos, Jesus não deu uma de médico ortopedista. Jesus disse que ela vivia assim por causa de um *espírito de enfermidade*, isto é, o próprio demônio que a mantinha aprisionada.

- Tudo bem – disse o analista -, mas, o que é mesmo que vocês, pastores e teólogos, sabem e pregam a respeito do Grande e Único Espírito do Criador Eterno? Vocês entendem que foi a partir de um só corpo, uma só alma e um só espírito, integralizados e humanizados em um só Homem-Adão, que se originaram todas os corpos, almas e espíritos humanos existentes no Universo? - Toda vez que um óvulo humano é fecundado e se torna *ovo* ou *zigoto*, sua vida biológica é criada completa naquele momento ou depois? Já que a vida humana é herdada geneticamente e se é verdade que a herdamos com alma (*psique*) e espírito (*pneuma*), nós recebemos tudo isso de quem, de quê, quando e como? – Por toda parte lemos e ouvimos *slogans* educativos: *Tudo pela a Vida. Respeite a Vida.* - Afinal, o que é *vida* sob os aspectos biológicos, mentais e espirituais?

- Na verdade – tentou responder o pastor -, pouco se sabe a respeito de espíritos terrestres e extraterrestres, isto é, espíritos de *humanos* vivos e desencarnados, e espíritos de *anjos* benignos e malignos. Como são, onde estão e como vivem os espíritos humanos desencarnados? A rigor, não existe mundo dos mortos e sim mundo dos espíritos desencarnados, que estão vivos, pois, são eternos. A Bíblia fala de duas mortes humanas, a física e a espiritual. Na morte física, o espírito sobrevive, por isso, houve, há e haverá ressurreições. Creio que plantas e animais só possuem vida biológica, sem alma e sem espírito humanos. Na Bíblia, *morte eterna é vida eterna* sem Deus. Entendo que há diferenças específicas entre *espírito maligno de demônios* e *espírito maligno de doenças*, ambos herdados e transmitidos de geração em geração. Como já disse, estou também aprendendo a discernir entre *espíritos satânicos humanizados* que se materializam/incorporam, e *espíritos humanos satanizados*, isto é, humanos possuídos/dominados pelo espírito de Lúcifer e seus anjos ou espíritos decaídos. Afinal, por que a Bíblia condena tanto o ato de consultar o espírito dos mortos, tanto dos que morreram com Cristo e estão guardados para o céu, quanto dos que morreram sem Cristo e estão guardados para o inferno? Não será porque Satã ainda detém o *poder da morte* e a morte ainda não foi tragada na vitória final? Estou também fazendo estudos psicanalíticos para saber até onde a parte *consciente* do cérebro humano está para *alma* ou *psique*, e a parte *inconsciente* está para o *espírito* ou *pneuma*.

- Então você está querendo saber mais a respeito da *memória genética primitiva* e do *inconsciente coletivo*? Ambos não estariam habitados por *arquétipos*, isto é, por *vozes* e *imagens familiares* que os pastores, em geral, chamam de demônios?

- Creio que sim - respondeu o pastor -, porém, esses *arquétipos* não são os *espíritos* desencarnados de nossos antepassados, como prega o *kardecismo*. Até porque, repito, se é pelos *karmas* e prática de *boas obras* que os espíritos ficam purificados e iluminados, de nada vale a fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo como único meio de se obter perdão, purificação e salvação.

- Tudo bem – disse o analista. Não precisamos polemizar. Lembro, porém, que a divindade e ressurreição de Jesus Cristo estão novamente sendo questionados hoje, direta e indiretamente, através de filmes, como *A Última Tentação de Cristo*, e de livros, como: *O Código da Vinci*. Pelo reexame de centenas de documentos arqueológicos - todos rejeitados pelos primeiros *pais da igreja* no momento em que elegeram apenas 66 livros como sendo sagrados e inspirados por Deus para compor a Bíblia -, e pela revisão de mitos e lendas relacionados com a tradição religiosa judaico-cristã, quer-se provar que o Jesus de Nazaré foi apenas mais um homem especial como outros grandes reformadores da cultura e da religião. Que Jesus foi um homem comum, *casado* com Maria Madalena e que teve filhos.

-Jesus foi questionado e rejeitado como sendo Deus, o Messias Salvador, ainda em vida terrestre. “Pode vir coisa boa de Nazaré?” – “Não é este o filho do carpinteiro José”?

E isso não aconteceu porque faltaram provas vivas aos olhos de todos os contemporâneos. Satã tudo fez para afastar Jesus da cruz e da ressurreição e tudo faz para negar a divindade e ressurreição de N. Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não será um filme qualquer ou qualquer outra obra de ficção artístico-literária que destruirá ou mesmo diminuirá a fé dos que, por experiência viva de novo nascimento espiritual, conhecem que Jesus Cristo é o Senhor, para a Glória de Deus-Pai. Para responder os mitos do livro *O Código da Vinci*, já temos bons argumentos em vários livros dignos de confiança, inclusive no livro *Quebrando o Código da Vinci*, escrito pelo Dr. Darrell L Bock.

Enquanto o analista pigarreava e pronunciava os *hum-hum*, o pastor aproveitou para continuar:

- Mas, eu quero voltar ao fio da meada do assunto sobre cura e libertação através da estratégia bíblica chamada “toda a oração e súplica no Espírito”. “Toda” quer dizer oração de confissão e arrependimento totais porque incluí todos os pecados diretos/indiretos, conscientes/inconscientes praticados por mim e por meus pais e avós. É fé e reconhecimento de que todos os humanos são descendentes de Adão e Eva e herdaram deles o DNA de morte. É preciso que seja “toda” para que não fique uma só “raiz do mal” sem ser confessada e levada à cruz de Cristo. Muitas orações e trabalhos de libertação espiritual, embora resultem em bênçãos, não são completos, porque lhes falta essa arma global da armadura de Deus contra as hostes do Mal (Êfésios 6:18). É preciso total identificação com Cristo na Cruz, para confissão, com arrependimento e fé, de todas as maldades cometidas pelos antepassados e que as trazemos dentro de nós, dando legalidades para o inimigo nos beliscar, roer e até matar. A história bíblica do cativo babilônico do povo israelita revela que enquanto os descendentes só murmuravam contra Deus, dizendo que a culpa era dos pais, continuavam cativos. Quando, cada um de per si, reconhecendo a voz de Deus nas Lamentações de Jeremias, clamou: *Caiu a coroa da NOSSA cabeça, ai de NÓS, porque NÓS pecamos*, veio a libertação. É preciso resolver o mal maior de nossa crise existencial cortando-o pela raiz. Como já disse, a cada ano que passa o povo brasileiro fica mais pobre porque toda criança brasileira já nasce devedora de mais de dois mil dólares aos bancos estrangeiros. Essa maldição hereditária só será quebrada quando todo o povo que se chama cristão cair de joelhos diante de Deus e pedir perdão pelas maldades cometidas pelos brancos contra os escravos e pelas pragas e setas dos escravos, lançadas contra os brancos colonizadores. É preciso limpar nossas mãos e consciências do sangue da injustiça e da violência praticadas por uma colonização capitalista perversa. Sem isso, nosso governo continuará no VERMELHO e no ZERO.

- Tudo bem – interrompeu o analista para redirecionar o assunto. E quanto aos *arquétipos* ou imagens e vozes psíquicas do *inconsciente coletivo*? Essas *imagens psíquicas* são *entes, entidades, personagens* vozes, que povoam nosso *inconsciente*, isto é, nossa *memória* genética, seja ela mais remota ou mais recente?

- Acredito que parte dessas imagens psíquicas é própria da mentalização de pessoas que ainda têm fortes laços atávicos com antepassados, e que, nas sessões *kardecistas* passam essa mentalização para pessoas que se prestam ao papel de *médiuns*. Outra parte é de espíritos demoníacos que, pelos pecados dos antepassados, ganharam legalidade de infiltração na árvore genealógica de cada pessoa. Desse modo, esses demônios ganharam poder para, de geração em geração, instigar ódio, vingança, revolta e crimes, e cobrar dívidas por meio de doenças malignas familiares, vícios, acidentes, roubos, perdas financeiras, epidemias, guerras e até terremotos.

- Esses estudos comparativos sobre *espíritos demoníacos* e *espírito de enfermidades malignas* ajudam na melhoria e aprofundamento de seus trabalhos como conselheiro e terapeuta espiritual?

- Sim - respondeu o pastor. Preciso compreender mais e melhor a respeito de semelhanças e diferenças que existem entre as terapias chamadas *espirituais* praticadas por todo tipo de sacerdotes, sejam ou não considerados *cristãos*, e as psicoterapias praticadas por psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. Preciso conhecer mais sobre a origem e estrutura do Bem e do Mal, da Vida e da Morte, da saúde e da doença, do amor e do ódio. Mas, vejo que só falaremos sobre isso depois, porque você já olhou duas vezes para o relógio, não é mesmo? (Ambos riram).

CAPÍTULO 4

HOMEM, HISTERIA E SOFRIMENTO – RESPOSTAS BÍBLICAS E NEUROCIÊNCIAS

O encontro foi iniciado com conversas sobre a origem e evolução do Universo e de nosso Planeta, do Bem e do Mal, da dor e do sofrimento, mas, principalmente, do *ser humano*. O pastor dizia:

- Se a doutrina evolucionista baseada nas teorias de Charles Darwin está correta, por que é que só alguns seres unicelulares que apareceram na terra há milhões de anos evoluíram e outros não? - Porque será que as amebas, por exemplo, que apareceram na terra na forma que têm ainda hoje há um milhão de anos - na mesma era em que apareceram vestígios dos primeiros *antropóides*, conforme prega o evolucionismo -, continuam amebas até hoje? Por que é que só alguns *hominídeos arborícolas*, dentre os existentes há trinta e cinco mil anos atrás, desceram das árvores africanas, perderam o pelo e o rabo, e evoluíram até se tornarem *bípedes eretos* e *homo sapiens*, e os outros continuaram *orangotangos*? Em que evoluíram os seres *Pithecanthropus Erectus*, *Australopithecus*, de *Neanderthal* e *Pequim*, que saíram das cavernas e evoluíram até construir pós-modernas caixas de aço e vidro, se agora vivemos dentro dessas caixas, todos nervosos, obcecados, viciados, presos às irradiações do computador e seus *games*, com telinhas cheias de *encantamentos* excitantes e *paralisantes*?

O pastor parou para respirar. Pairavam no ar só os “hum-hum” do analista. O pastor continuou.

- O mundo, as nações, os governos, as famílias, as pessoas, a fábrica, a Escola, as religiões, tudo parece às portas de uma catástrofe mundial caso as nações ricas não acabem com essa globalização excludente e abram seus cofres para desenvolvimento autóctone dos povos subalternos, e o Cristianismo se converta ao Cristo Vivo, como está apregoando o ex-padre Leonardo Boff. ONGs *ecológicas* profetizam que logo não teremos mais água potável vinda de fontes naturais; que a atmosfera está cada vez mais ácida e as águas cada vez mais venenosas. De Bíblia em punho, profetas afirmam que o *Armagedon* e o *Apocalipse* estão às portas porque são chegados os “tempos do fim”, tempos precedidos de grandes e terríveis catástrofes, semelhantes a *tsunamis*, como ocorreu recentemente na Ásia, matando cerca de 300 mil pessoas. Será que, sem ar, sem água, sem fé-esperança-amor, sem auto-estima, sem autoconfiança, viveremos o caos duma *psicose generalizada*, parecida com a que Freud anteviu? Jesus profetizou: *Portanto, quando virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver no telhado não desça para tirar alguma coisa de sua casa; quem estiver no campo não volte atrás para buscar as suas vestes. Ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! (...). Pois haverá grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo, nem haverá jamais* (Mateus, cap. 24).

O pastor fez uma pausa. O analista aproveitou o instante para comentar:

- O Estado de São Paulo do dia 19 de maio de 2004, noticiou que, com base em fontes nacionais da Pesquisa Mundial de Saúde, patrocinada recentemente pela OMS, ficou constado que a depressão atinge 19.3% da população brasileira. Os depressivos entrevistados identificaram a *depressão* como sendo estado grave/muito grave de tristeza, preocupação, medo, desânimo, ansiedade, angústia. A depressão ficou em primeiro lugar entre as seguintes enfermidades pesquisadas: asma, artrite, angina, diabetes e esquizofrenia. Na parte dessa pesquisa referente aos gastos com saúde, o item *medicamentos* ficou em primeiro lugar, com 32%, e as psicoterapias em último, com 3%.

- E o mais agravante nessas descobertas – continuou o pastor -, é que, psicanalistas e psiquiatras em geral, embora saibam que os psicotrópicos e psicoterapias que utilizam não curam, mas apenas ajudam no controle e alívio dos sintomas, ainda preferem admitir que a causa primordial do sofrimento humano não é de ordem *moral-espiritual*. Creio que é por isso que só parcialmente os males psíquico-mentais são atingidos pelo método experimental das ciências médicas e psicológicas.

- Por outro lado - interrompeu o analista -, há um grande número de médicos e psicoterapeutas que já trabalham na base da fé supra-racional que realiza o *milagre* de mover e comover os pacientes para adquirirem cura, autocontrole e um novo ânimo e desejo de viver com saúde físico-mental.

- Isso é verdade – falou o pastor. Mas, tenho visto e ouvido pela TV que alguns cientistas da área da

saúde, quando entrevistados sobre a validade de *tratamentos alternativos*, afirmam convictamente: “Desconfiem das curas *milagrosas*”. Prefiro crer que alguns falam assim no intuito de proteger os ouvintes de curandeiros charlatões. Porém, devemos saber que toda generalização é abusiva. Se há alguém que precisa reconhecer que toda a *cura* é um *milagre* da Vida dada por Deus, é o *cientista*.

- O poeta Carlos Drumond de Andrade - disse o psicanalista -, fez um poema dizendo que *o sofrimento não vem da dor de coisas vividas; mas sim, das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram*. Drumond pergunta: *Como aliviar a dor do que não foi vivido?* E responde: *Iludindo-se menos e vivendo mais*. Por fim, ele finaliza: *A dor é inevitável, o sofrimento é opcional*.

- Essa forma poética de refletir sobre a dor e o sofrimento – disse o pastor -, me leva a pensar que na essência do sofrimento humano há uma memória implícita e explícita, remotíssima e recente, inconsciente e consciente, há um motivo primordial de busca ansiosa pelo direito e necessidade de alcançar a plena satisfação do prazer total, de busca e retorno à felicidade do *paraíso perdido*. Então, o mais enigmático e paradoxal, quanto aos nossos sonhos, é que, como escreveu um outro poeta, nós sempre colocamos o tão almejado *pomo da felicidade* exatamente onde não estamos.

- Você acha que isso se parece com *sina*, destino inexorável, marca original mórbida?

- O apóstolo Paulo – respondeu o pastor -. também viveu esse conflito. Ele escreveu que no mesmo instante em que estava motivado para fazer o bem sentia dentro dele outra força, contrária, impulsionando-o para a prática do mal. Chegou a excluir: *Miserável homem que sou!* E ao se questionar: *Quem me livrará do corpo dessa morte?* respondeu: *Mas, graças a Deus que nos dá a vitória por Cristo Jesus!*

- Você está me dizendo que há em todos nós um estado crítico latente de sofrimento crônico e profundo, vivido por todos os humanos durante séculos, apenas variando sua intensidade e extensão?

- Ninguém sofre à toa, ou por acaso – disse o pastor. Nenhum tipo de *crise* é neutro, sem história, sem ideologia. Todos somos seres situados histórica, ideológica e politicamente. Embora a maioria ignore, toda situação *crítica* é provocada por questões *ideológicas*, jogo do *interesse*, e *políticas*, jogo do *poder*. Eis as razões por que as marcas estruturais de toda crise são: *exclusão* e *dominação*.

- Afinal – falou o analista -, quem é o Homem e qual é a origem do seu sofrimento? Você crê que todos nós evoluímos de uma semente original doentia e nociva, chamada de *crise de fé e obediência*, acontecida na hora *H* em que Adão e Eva deveriam tornar-se adultos pelo conhecimento do Bem e do Mal?

- O poeta e guerreiro rei Davi ao perguntar para o Criador *o que é o homem mortal*, entendeu que Deus fez o ser humano um pouco menor do que os anjos, porém, mais poderoso do que qualquer outro tipo de criatura. Deus deu ao homem poder para ser um semideus, isto é, poder do livre arbítrio para ser co-responsável. Deu-lhe poder para gerar vidas, para conhecer a *sabedoria*, para saber distinguir entre o Bem e o Mal e para emitir e assumir juízos de valor e de realidade.

- Mas, por que tanto poder não foi suficiente para que Adão e Eva derrotassem Lúcifer?

- O Mal surgiu antes da criação da Terra e do Homem. Houve uma batalha no Céu, anterior à criação do mundo. Como e porquê isso aconteceu? Temos respostas bíblicas muito limitadas. Mas, podemos deduzir que Deus não poderia destruir o Espírito Maligno com Justiça, sem a livre cooperação de entes humanos livres, criados à Sua imagem e semelhança. Logo, para Adão assumir tamanha responsabilidade, Deus lhe deu, juntamente com o livre arbítrio e todas as condições paradisíacas, poder para dominar o mundo, mesmo sabendo de antemão que ele não passaria incólume pelo teste da *maioridade* moral e espiritual. O Homem primordial recebeu a honra e a glória de ser co-responsável por tudo que sente, pensa, inventa, usa e ensina. A queda de Adão e Eva não representou e nem representa a derrota do Bem e a vitória do Mal. Deus já possuía o *trunfo* da vitória final, o soro antiofídico, a vacina completa no sangue do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo, como se lê em 1Pe 1:20, Apoc.13:8 e outros trechos bíblicos. O diabo entrou no Éden já derrotado, mas a sentença de plena condenação eterna só seria conforme a plena Justiça de Deus se Adão e Eva passassem pelo teste da maioridade e maturidade espirituais e ficassem vacinados contra o poder do Conhecimento do Mal. Deus

já tinha decretado a condenação eterna e a vitória cabal sobre Lúcifer, por isso declarou, logo após o vacilo humano, que da *semente* da mulher faria surgir aquele que esmagaria a cabeça do maligno para sempre. Era apenas uma questão de tempo e espaço *humanos*. Para a crise existencial do Éden, que fez do homem um ser primordialmente histérico e cheio de compulsões fóbicas, já havia garantia antecipada de cura e libertação, de vitória final e cabal.

- Mas, então, que é esse tal *fruto* do conhecimento do Bem e do Mal - indagou o analista?.

- Esse conhecimento não é o *conhecimento científico* modernizado, mas sim o conhecimento *primo-ordinal* que faz do Homem o único ser vivo do Planeta não apenas animal-*racional*, mas, criado á imagem e semelhança do Deus-Pai Criador. Pelo conhecimento e sabedoria racionais do homem natural picado de morte pela *serpente*, ninguém conhecerá o caminho de volta para o Supremo Bem, que é o Deus-Verbo Criador encarnado. Platão (427-357 a.C.), por exemplo, definiu o Homem como um *bípede implume*. Para seu discípulo Aristóteles (384-322 a. C.), o homem era um *animal racional*. Anos mais tarde, com toda a evolução da ciência, Fernando Pessoa (1888-1935) escreveu que o Homem é um *cadáver adiado*. Afinal - arrematou o pastor -, que é o ser humano para a Psicanálise?

- A Psicanálise surgiu da necessidade de maior conhecimento e melhor tratamento do sofrimento humano, o sofrimento do *ser histérico*. A psicanálise e a histeria sempre estiveram interligadas. A eficácia da terapia psicanalítica para tratamento da histeria exige que o paciente vivencie sua histeria numa nova neurose histérica criada artificialmente entre ele e o analista. A histeria, sob o ponto de vista relacional, é “um vínculo doentio do neurótico com outrem”. Recriado esse vínculo, surgem meios e condições para que o paciente se reencontre, encare seu sofrimento neurótico original e consiga administrá-lo, em busca da felicidade original. A “felicidade paradisíaca, sonhada, isenta de sofrimento e dor”, como diz a psicóloga e psicanalista Suely Gevertz (*Viver Mente&Cérebro*, nº 147-Abr/2005, p.15)

- Isso é parecido com as vacinações aplicadas em Postos de Saúde, em que o próprio *mal*, atenuado, é injetado nos pacientes para provocar a formação de antídotos protetores. A rigor - continuou o pastor -, a complexidade da natureza humana não está propriamente na sua dualidade original, isto é, a de ser ao mesmo tempo humano e divino, finito e infinito, mortal e eterno, carne/corpo e alma/espírito. Deus criou Adão e Eva para que, unidos pelo mesmo vínculo de paz, amor e propósitos eternos, formassem um só corpo. O problema está na fratura/separação/desintegração da personalidade humana original. Por isso, não é estranho que a crise existencial, provocada pela perda desse vínculo de paz e amor, domine nosso inconsciente primitivo e nos faça sentir divididos, perdidos, angustiados. Vivemos uma neurose contínua provocada por *rachaduras* em nossa *identidade, autoridade e propriedade*, entidades fundamentais de uma personalidade sadia e equilibrada. Perdemos nossa identidade maior, primo-ordinal; perdemos nossa autoridade legítima como co-autores, co-construtores e cooperadores de Deus. Herdamos um pecado que nos tira a força de vontade para fazer o Bem e nos impõe outra força, totalmente contrária à vontade de Deus, boa e perfeita.

O pastor aproveitou os *hum-hum* do analista, respirou fundo, e continuou rápido:

- Adão e Eva, por desastrosa ambição e vaidade, passaram para as mãos do Maligno o poder recebido de Deus para governar o mundo. Desse modo, Lúcifer e seus asseclas ganharam legalidade para manter o mundo e seus reinos sob seus poderes malignos. Muitos zombam dessa verdade bíblica e negam sua cientificidade insistindo em combater essa revelação sobre a origem do homem. Isso tem servido de poderosa arma para o inimigo enfraquecer e anular todos os esforços culturais, econômicos e bélicos das nações que, sem o perdão e a paz de Deus, objetivam garantir um desenvolvimento mundial que seja pacífico, justo, democrático e duradouro.

- Você está querendo dizer então que a ONU, por exemplo, precisa adotar e proclamar às nações o modelo cristão de vida comunitária cheia de amor, paz, justiça e solidariedade, como acontecia na primeira comunidade cristã em Jerusalém?

- Sim, sim – acudiu o pastor que logo baixou a cabeça. Só que hoje não temos *igrejas e comunidades* chamadas *cristãs* que praticam na sua totalidade esse modelo original. Naqueles tempos iniciais os líderes da Igreja Cristã não arrecadavam nem guardavam ouro e prata, mas tinham poder

para curar completamente o paralítico que pedia esmolas todos os dias à porta do Templo suntuoso. O apóstolo Pedro pôde fazer uso total da verdade ao dizer ao paralítico: *Não tenho prata, nem ouro, mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.* Hoje a Igreja tem ouro e prata, mas lhe falta o poder do Espírito Santo de Deus. No Velho Testamento o povo de Deus ficou rodando no deserto porque adorou o *bezerro de ouro*. Hoje, a Igreja está enfraquecida porque a maioria dos *crístãos* adora o *ouro do bezerro*.

Seguiu-se um silêncio. Ainda animado, porém mais humilde, o pastor continuou:

- A maior estratégia de guerra das potestades do Mal para instalar o caos no cosmos é a mesma que foi usada para cegar a fé e o entendimento de Adão e Eva. Embora muitos livros e filmes falem de grandes catástrofes e guerras entre poderes sobrenaturais, uns a serviço do Bem, a maioria a serviço do Mal - e isso é sucesso de livraria e bilheteria -, se alguém falar de batalha espiritual contra demônios e potestades malignas para cura e libertação, muitos se levantam para afirmar que isso é terrorismo religioso chantagista. Entretanto, no mundo inteiro, livros, palestras e remédios de auto-ajuda mental e espiritual são os mais procurados e utilizados. Hoje todos os bilionários estão ocupados com a construção de abrigos subterrâneos, veículos e casas blindados capazes de resistir e os proteger de todo o tipo de assalto e destruição terrestre e extraterrestre. Tanto na cidade como no campo, todos vivemos o terror da crescente onda de assaltos, tráfico de drogas e armas, mortes violentas, chacinas, desamparos, transmissão de doenças malignas ainda incuráveis, desemprego em massa.

O pastor parou para beber água e o analista aproveitou o ensejo para fazer comentários sobre terapias e pseudoterapias, sobre competências e incompetências dos *terapeutas* diante do nível e grau de complexidades dos transtornos e síndromes, bem como, diante do maior ou menor grau de resistência da parte dos pacientes. Mencionou o Dr. John Steiner, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise que, em seu livro: *Refúgios Psíquicos* (Imago, 1997), fala de pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiros que se refugiam em “organizações patológicas da personalidade”. Fazem isso para obter alívio, mesmo que isso lhes custe retraimento, isolamento e estagnação. Segundo Steiner, esse refúgio “funciona como uma área da mente onde a realidade não precisa ser encarada, onde a fantasia e a onipotência podem existir sem restrições e onde tudo é permitido”. O analista concluiu assim:

- Essas organizações, quando são psicóticas, demonstram um estado extremo de expectativas com as quais o paciente precisa lidar e lutar. Nesse estado, instala-se um processo de *encourajamento*, conforme expressão de Baker no seu livro *O Labirinto Humano*. Nesse caso, é preciso que no início do tratamento o paciente neurótico seja aliviado do sofrimento da angústia, isto é, da sobrecarga afetiva causada por essa prisão mental chamada *couraça de refúgio psíquico*.

O pastor aproveitou o ensejo para iniciar uma conversa sobre cura e libertação completas conforme a ótica bíblico-espiritual e o tratamento pastoral clínico. Mas, já era hora de encerrar a sessão.

CAPÍTULO 5

TERAPIAS: PSICOLÓGICA, PSICANALÍTICA, PSIQUIÁTRICA E RELIGIOSA (7)

Na semana seguinte, pastor e analista recomeçaram conversando sobre *terapias* realizadas em clínicas *religiosas* e *psicológicas*. Reconheceram que ainda há barreiras para relações harmoniosas convergentes entre fé e razão, ciência e religião, bem como, entre as chamadas terapias com medicamentos e terapias *espirituais*, *psicológicas*, psicanalíticas e psiquiátricas. O pastor perguntou:

- Por que esses diferentes tipos de *Psí?* - Em geral, as pessoas pensam que os psicólogos cuidam de pessoas *normais* que apresentam problemas de comportamento social, familiar, profissional, escolar. E que os psicanalistas e psiquiatras tratam de distúrbios mentais graves, quer dizer, cuidam de pessoas *loucas*, ou quase loucas.

Para o povo em geral, não é fácil fazer a devida distinção entre esses profissionais responsáveis

(7) – Informações sobre as “forças da fé” religiosa, o “valor do ritual religioso”, a “importância da religião”, o “renascimento espiritual” etc., na Revista “VIVER Mente&Cérebro”, edição nº 147, abril/2005.

pelo estudo e tratamento do psiquismo humano que integra diversos e interligados problemas biológicos e psicológicos. Começamos com o psicólogo. O psicólogo é um universitário que obteve o diploma de graduado em Psicologia, com especializações para ser psicólogo clínico, empresarial, social, escolar etc. Pode receber pacientes em seu consultório e realizar tratamentos seguindo diferentes métodos terapêuticos, entre eles, o psicanalítico. Via de regra, a formação científico-acadêmica do psicólogo o capacita para que ele atue mais na área de neuroses, isto é, de problemas comportamentais ao nível do consciente. O tratamento, regra geral, funciona à base de estímulos psicológicos adequados que gerem respostas comportamentais adequadas. Eis por que a escuta do psicólogo, que se baseia nos fatos apresentados pela fala consciente, pretende desvendar um conflito relacional, balizando os acontecimentos da vida passada e atual do paciente que provocaram tal conflito. O psicólogo entende que, ao tomar melhor consciência da razão e repetição de seus conflitos, o paciente aceite orientações para dar-se oportunidades de realização prática. O Psicólogo faz uso de dinâmicas e de prescrições comportamentais que facilitem para o paciente a retomada do controle de suas emoções e a obtenção de *insights* para descoberta e ação de novos meios de conviver com os problemas e resolver conflitos.

- Entendo - atalhou o pastor -, que essa prática terapêutica é parecida, por comparação, com a que nós pastores realizamos na clínica pastoral. A grande diferença é que nossos aconselhamentos e estímulos prescritivos para ações e pensamentos de alívio e *mudanças comportamentais* se baseiam nos fundamentos bíblicos da fé na vida, ensinos, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus.

- Acontece - continuou o analista -, que os procedimentos do psicanalista para ouvir e compreender os pacientes são diferentes das técnicas empiristas usadas pelo psicólogo, caso este não tenha formação completa em Psicanálise. A *escuta* do psicanalista é diferente da escuta do psicólogo clínico, porque este se preparou para ouvir mais o consciente e aquele o inconsciente. Freud concebeu a mente humana comparando-a com um *iceberg* ou *ilha de gelo* flutuante. Ele chamou a parte maior que não se vê porque fica totalmente submersa, de *inconsciente*. À parte à flor d'água, chamou de pré-consciente e a parte que aparece - e é tão pequena em comparação com a parte submersa -, ele chamou de *consciente*, assim chamado porque sobre essa parte o sujeito exerce controle direto e consciente. Pela técnica psicanalítica, o terapeuta vai muito além da escuta psicológica. O psicanalista escuta, interpreta e opera ao nível do inconsciente do paciente e principalmente dele mesmo. A escuta do psicólogo, por exemplo, é capaz de suspender/atenuar provisoriamente um sintoma. Mas, a escuta do psicanalista, que incita o paciente a reviver o choque emocional gerador de seu sofrimento, visa a obter mais do que um alívio ou mudança de comportamento. O tratamento psicanalítico possibilita que o analisando retome gradualmente um caminho de recomposição estrutural de sua personalidade para chegar ao exercício de um autocontrole em que possa administrar melhor o seu modo diário de ser, viver e sentir.

-Você diz que a escuta do psicanalista é diferente daquela que é praticada pelo psicólogo. Que *escuta* é essa? Você escuta mais com a *razão* ou com o *coração*? Também você fala de recomposição estrutural da personalidade do paciente, num jogo de transferência e contra transferência clínicas. Isso não representa uma atividade muito arriscada, já que toda reestruturação exige desestruturações? Até porque isso tudo envolve não só o inconsciente do analisando, mas principalmente o próprio inconsciente do analista.

- Meu objetivo como psicanalista não é transformar a personalidade do paciente, mas ajudá-lo a que ele se modifique na sua maneira de sentir e tratar os sofrimentos. Não se trata de conseguir que o cliente fique livre das fontes de medo, dor e angústia e preso ao psicanalista, mas consiga administrar pouco a pouco, e por si próprio, os conflitos causados por essas fontes. Pretendo que o paciente se reintegre, se reconcilie consigo mesmo. Procuo ajudá-lo a se ver e julgar de maneira diferente, a redescobrir-se como tendo capacidade para alcançar uma vida *normalizada*. Tento estimular nele toda a sua potencialidade criadora, a partir do que tem e do que é, para chegar a amar-se a si mesmo. Para isso, preciso ter aprendido a escutar primeiramente o meu próprio inconsciente. Preciso ter tido formação psicanalítica crescente e estar sempre sendo *psicanalizado* para saber experimentar e sentir o sofrimento do paciente na medida correta, quer dizer, sem ficar perturbado e sem contra-transferir *negativamente*. Essa é a única forma de conhecer a fundo o sofrimento do paciente e tratá-lo de maneira não só eficiente na técnica, mas eficaz nos resultados.

- Muito bem - atalhou o pastor. Mas, isso não cria um vínculo capaz de tornar o paciente muito dependente do terapeuta? Essa dependência não é um dos *defeitos* do tratamento psicanalítico?

- Uma análise só pode acontecer se o paciente tiver vontade de vir às sessões e expor-se ao terapeuta. Sem uma relação de dependência e transferência, mutuamente adequadas, não há como processar o tratamento psicanalítico com sucesso. Por causa disso, às vezes me vejo como se fosse um poderoso ser imantado que atrai sentimentos, ou ainda como um *cabide* tipo *arara*, que convida o paciente a pendurar ali suas fantasias ou trocar de roupagens para vivenciar personagens e satisfazer suas necessidades de dependência e proteção. Outras vezes, me sinto como um saco de pancadas, a receber golpes do paciente que transfere e descarrega em mim seus conflitos de dependência/ independência, amor/ódio, submissão/revolta, apego/nojo, confiança/medo, perdão/culpa.

- Mas, além de analista profissional, você é humano. Como você faz para suportar isso?

- Como diz o Dr. Násio, não é pela nossa *beleza* e *espirituosidade* que o paciente nos ama, nem é pela *maldade* que projeta em nós que nos odeia. Sem dúvida, "somos sensíveis às manifestações de simpatia e de antipatia do paciente", contudo o clínico sabe que tais manifestações são causadas não pelo tipo de pessoa que o paciente é, mas sim pelo papel que ele assume. A *pedra de toque* reveladora do nível e grau de competência profissional para a análise e tratamento está em como se processam as relações de dependência e transferência, mutuamente recíprocas, entre paciente e analista.

-- Que é essa tal de *transferência*?

- A *transferência* é uma das manifestações do inconsciente. É uma forma de apego a um objeto, imagem ou pessoa, que é visto pelo analisando como algo capaz de acabar com insatisfações crônicas, sofrimentos e conflitos. Segundo a Psicanálise, transferência é *apego profundo a um terapeuta idealizado*, quer dizer, é o apego a um analista que se oferece ao paciente como alvo do amor e de seus avatares. *Avatar*, em sânscrito, significa *descida*. Em Filosofia significa reencarnação de um deus ou deuses; significa transfiguração, transformação, metamorfose.

- Isso é muito interessante - interrompeu o pastor. Como já conversamos anteriormente, creio que espíritos malignos familiares, com suas enfermidades, transmigram de pais para filhos. Essa explicação de *avatar* como *descida* é muito oportuna porque lembra *descendência* e *visitação*. Está escrito na Bíblia que nós levamos o castigo das maldades que nossos antepassados cometeram; e que o Deus zeloso visita a maldade da idolatria dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que cultuam outros deuses. (Lm 5:7,16; Êx 20: 5). Quer dizer que, por causa da legalidade dada pelos pais a Satã, Deus, na Sua perfeita Justiça, não tem como impedir que o inimigo promova incursões na vida, saúde e negócios dos descendentes bastardos e idólatras (Lv 23:2). Damos ao inimigo o direito de roubar, matar e destruir, a não ser que nós, descendentes assumamos essa herança maligna como sendo de nossa propriedade, e nos arrependamos aos pés da cruz de Cristo, pela intercessão do Espírito Santo de Deus. Para isso, é preciso fazer toda oração e súplica no Espírito, quer dizer, oração total que inclua esses pecados herdados. Uma oração plena de grande renúncia, com confissão, arrependimento e fé no sangue de Jesus para cancelamento de todos os vínculos e velhas alianças, para quebra da maldição do pecado original e das maldições raciais, culturais e territoriais. Só assim haverá libertação de espíritos malignos familiares e cura das enfermidades malignas herdadas.

- É natural e desejável - interrompeu o analista -, que entre terapeuta e paciente aconteçam transferências e contratransferências. Acontece que, em Psicanálise, o termo transferência tem outra acepção, que é mais técnica. O termo *transferência* foi introduzido por Freud para indicar que o amor/ódio de um paciente para com seu terapeuta resulta de um *deslocamento* de sentimentos do passado para o presente. Isso significa que os sentimentos do paciente permanecem os mesmos, porém se reportam a uma figura da infância vivenciada na pessoa do terapeuta. Cito um exemplo descrito pelo Dr Násio a respeito de uma paciente que acreditava amar o analista, mas ignorava que, na realidade, estava amando um personagem antigo que ela, inconscientemente, via no seu analista. Essa analisanda se enganou de época e situação: tomou o presente pelo passado e o analista por seu pai, ou seu irmão, ou qualquer outra figura de outros tempos. Nesse caso, a *transferência* é uma *ilusão*. A paciente acredita que amar seu psicanalista é uma vivência nova, mas, na verdade, é a reaparição de uma primeira vivência reprimida no

seu inconsciente. Em suma, a transferência não é apenas a expressão de uma necessidade de dependência, é também o ressurgimento de sentimentos do passado. Entretanto, não se deve crer que toda transferência é patológica e se manifesta apenas na relação psicanalítica. Como afirma o Dr. Násio, “a transferência é um fenômeno inerente a todo o tipo de ligação afetiva”.

- Você está me dizendo que toda a vez que amamos ou odiamos, abençoamos ou amaldiçoamos, nós estamos *transferindo*?

- Exatamente. Todos os sentimentos que dedicamos ao *outro*, seja este quem for, resultam na sua base de transferências de nossas emoções infantis e adolescentes, principalmente. Mas, é preciso fazer distinção entre a transferência nas relações comuns e a transferência específica com o terapeuta. Por causa do caráter espontâneo da transferência, vivemos transferindo em nossas expressões afetivas sem o saber. É o caso, por exemplo, de uma mulher que se apaixona por um homem sem se dar conta que o ama da mesma maneira que ela amava, ou queria amar e ser amada, pela própria mãe ou pai. Também ela não se dá conta que, no cotidiano das alternâncias amor-ódio e desejo-nojo, há raízes de laços afetivos de sua relação com o pai ou outra figura masculina, durante a infância. Em síntese, toda a arte psicanalítica está em desvelar a transferência, mostrando ao analisando que suas relações afetivas, em geral, são réplicas de antigas atitudes afetivas, principalmente as vividas na infância.

- Quando você afirma que tudo vem da infância, que tudo foi bem ou mal construído até os cinco/seis anos de idade, você está confirmando a famosa expressão freudiana: “A criança é o pai do homem”?

- Tudo indica que os primeiros anos de vida são os mais decisivos. Entretanto, muitos fatos ocorridos na adolescência e na idade adulta podem mudar o curso de uma vida. O mais importante para o psicanalista é dar assistência direta à re-vivificação de uma lembrança essencial. Quando tratei de uma senhora, por exemplo, seus sintomas recuaram a partir do dia em que reviveu intensamente um abandono que, até então, a deixara inerte, como se vivesse aleijada, presa a uma cadeira de rodas. O objetivo do tratamento psicanalítico é reanimar uma cena traumática do passado e conduzir o paciente a revivê-la plenamente. Nesse caso, a cena reencontrada será então mais vívida do que foi a original

- Quando esse objetivo é atingido, o seu trabalho psicanalítico termina e o paciente fica curado?

- De um modo global, sim. Na medida em que o analisando revive seus conflitos do passado, o tratamento, de fato, se encaminha para seu fim. Nesse período final o paciente se desvincula do terapeuta ao reconhecer que não é a pessoa do psicanalista que ele ama ou odeia, mas o papel que ele atribui a si mesmo e ao analista. Note que há dois momentos distintos, porém interligados, nesse tratamento. Numa primeira etapa, mais longa, o terapeuta atrai e acolhe sentimentos, provoca a transferência e favorece o reviver dos afetos camuflados na memória primitiva do paciente. Depois, já perto do fim do tratamento, e já realizada a revivescência, o terapeuta desvela a origem daquela transferência e ajuda o analisando a se separar dela. A competência do terapeuta está em despertar a transferência para depois dissolvê-la, ou, se assim preferir, manter a dependência para depois suprimi-la.

- Muito interessante o que estou ouvindo - falou o pastor. Você poderia me dar um exemplo?

- Vou citar o exemplo dado pelo Dr. Násio no seu livro: “Um Psicanalista no Divã”, até porque esse caso se repete às vezes em minha clínica. Ele escreve assim:

Estou pensando em uma de minhas analisandas, então bem avançada em seu tratamento, e cujo problema maior era um conflito doloroso com os homens, em particular com seu pai. Um dia, em que estava furiosa comigo, como às vezes lhe acontecia, me lembro de lhe ter dito: *Você está com raiva, exatamente como se sentia, adolescente, contra seu pai, mas, eu não sou seu pai. Você agora deve encontrá-lo em você, confrontar-se à imagem que faz dele e à imagem de você mesma, jovem, em sua presença. Faça-o reviver, e reviva, com ele, seu apego, seu rancor e sua culpa. Se conseguir isso, você se reconciliará com ele, e se sentirá aliviada.* Logo depois de minha intervenção a paciente se pôs a chorar e foi tomada de um acesso de raiva e culpa. Na sessão seguinte tinha mudado tão explicitamente de atitude a meu respeito que me pareceu pronta a modificar seu comportamento com os homens em geral. A partir dessa sessão entramos na fase final da análise, caracterizada por um desprendimento interior que a desligava de mim, e pelo encontro feliz com aquele que se tornaria seu companheiro. Por que minha intervenção foi tão eficaz? Ao desvelar a transferência, ou seja, lembrar-lhe que eu não era seu pai, levei a paciente a recentrar seu ódio em seu

verdadeiro objeto – a figura paterna -, a sentir-se plenamente no fundo de si mesma e a livrar-se dela. Foi assim que sua cólera deu lugar a uma tristeza serena.

- Muito interessante o que ouço. É mais ou menos assim que acontece na minha clínica pastoral. A diferença está em que, ao levar uma paciente a reviver a origem das feridas e dores que surgiram nos relacionamentos com o pai, mãe, amante, etc., ajudo a paciente a assumir aquelas feridas como sendo de sua propriedade interior para, em confissão de fé diante do Cristo Vivo, pedir perdão por elas e assim receber a graça divina de poder perdoar os ofensores, quer dizer, de liberar o perdão de Deus para si mesma e para seus desafetos. Só assim é que a pessoa, ao assumir-se em Cristo como vítima e algoz ao mesmo tempo, se perdoa, é perdoada e libera o perdão de Deus para si e seus desafetos. Volto a insistir que: é só pela total oração e súplica no Espírito que os pecados são realmente cancelados, as feridas são curadas e as raízes de amargura são cauterizadas. Não creio em cura, alívios e cicatrizações -que sejam profundas e duradouras -, fora da intervenção da Palavra e Graça de Jesus Cristo, expressas no amor e perdão divinos.

O pastor viu que seu tempo tinha acabado. Em casa, se entregou à leitura de revistas, artigos e livros sobre terapias espirituais e psicoterapias, clínica da alma, transtornos psiquiátricos presentes na religião, técnicas e práticas da Psicanálise e de Aconselhamento Pastoral Clínico. Nos dois capítulos seguintes apresento um resumo das leituras que o *pastor* fez para aprender mais e assim melhorar seus próximos diálogos com o *analista*.

CAPÍTULO 6

PSICANÁLISE E ACONSELHAMENTO PASTORAL CLÍNICO (8)

“A Psicanálise é uma disciplina científica, instituída por Sigmund Freud há cerca de sessenta anos” (Brenner, 1973, p.1). Para os psicanalistas hoje, “a Psicanálise é uma teoria da personalidade, um método de psicoterapia e um instrumento de investigação científica. Freud destaca que, por uma condição especial, o método psicanalítico de investigação coincide com o procedimento de cura, porque, à medida que a pessoa consegue conhecer-se, pode modificar a sua personalidade.” (9).

Esse “conhecer-se a si próprio” para “curar-se”, sempre foi, e continua sendo, o grande desafio da Psicanálise e tem exigido pesquisas para renovação e inovação dos métodos de investigação e tratamento. Esses métodos evoluíram da prática da *hipnose* para a *associação livre*. O próprio Freud, que se declarou péssimo hipnotizador, resolveu abandonar a hipnose porque esse método não satisfazia sua curiosidade científica. Freud percebeu que o tratamento era mais eficaz quando o paciente era analisado em estado de alerta e não de inconsciência. Decidiu, então, fazer uso de uma nova técnica chamada de *associação livre* para chegar ao *trauma*, uma técnica mais de acordo com esta sua hipótese-chave: *a razão psicológica sempre precisa esquecer um acontecimento traumático*.

A Psicanálise explica que, quando o indivíduo pratica coisas contrárias à ética e/ou estética vigentes em seu meio sócio-cultural, ele procura escondê-las. Faz tudo para esquecê-las, reagindo e recalçando no fundo da consciência quaisquer indícios associativos que lembrem ou façam com que as coisas escondidas venham à tona. Contribui para reforçar esse *esquecimento defensivo* chamado de *amnésia*, qualquer forma ou sinal daquilo que foi chamado por Freud de “resistência”, resistência que advém, principalmente, da pressão ou coerção associativa.

O descobrimento da *resistência* se tornou a *pedra angular* da técnica psicanalítica para análise, interpretação e psicoterapia, porque Freud descobriu que tudo o que no momento do trauma condiciona o esquecimento é o que, no momento de tratamento, condiciona a resistência. Ficou então fácil para o psicanalista deduzir que, para alcançar a cura, não se justifica exercer *coerção*, principalmente a associativa. É melhor deixar que o paciente fale espontânea e livremente e até projete no terapeuta seus

(8) – Capítulo sobre “Aconselhamento Pastoral e Tratamento Psicoterápico”, publicado no livro de Jairo Gonçalves intitulado: *Família & Casamento – A Sexualidade Humana*. (Belo Horizonte: Betânia, 2002, p. 137).

(9) – ETCHEGOYEN, R. Horacio – *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*, 2ª edição. Trad. Cícero G. Fernandes – Artes Médicas, Porto Alegre/RS, 1989 - p.8.

conflitos de amor e ódio, apego e repulsa. Assim é possível processar a cura-controle pela *transferência* e pela *palavra*.

Foi com base nessa *teoria da resistência* que Freud criou uma nova técnica, chamada de *associação livre*, considerada *regra fundamental* da Psicanálise. O uso da associação livre permitiu que as teorias sobre o trauma e a recordação dos traumas, cedessem lugar a outras descobertas, tais como: sexualidade infantil; complexo de Édipo; o inconsciente com suas leis e seus conteúdos; teoria da transferência; etc. Destaco a *transferência* por considerá-la muito importante e necessária para o Aconselhamento Pastoral Clínico e Psicoterapias.

Greenson (1981, p.189, v.1)] explica que a “transferência é uma vivência de sentimentos, impulsos, atitudes, fantasias e defesas em relação a uma pessoa no presente que não é endereçada àquela pessoa. É uma repetição de reações que surgiram em relação a pessoas significativas da *infância primitiva*, reações essas deslocadas inconscientemente para figuras do presente. A transferência é uma repetição, uma nova edição de um relacionamento objetual antigo”. Conforme a Psicologia Evolutiva, toda criança elege a *mãe* e se fixa nela como seu primeiro objeto de segurança e afeto. Os deslocamentos desse objeto primitivo para outros podem ser normais ou traumáticos.

A Psicanálise considera a transferência como sendo uma revivescência do passado reprimido, isto é, passado censurado. Por isso todos os fenômenos de transferência contêm graus de resistência, porque as reações transferenciais são uma repetição do passado censurado ou reprimido.

Segundo Greenson (*op.cit* p.201) “determinadas variedades de reações transferências criam resistências porque contêm impulsos agressivos ou libidinosos que são assustadores e dolorosos”. A contenção de impulsos agressivos ou libidinosos depositados no “fundo da mente” resulta do fenômeno chamado *introjeção* que é a incorporação na representação do Ego (*Self*), de alguma coisa relacionada com um objeto externo.

Na transferência ocorre o fenômeno chamado *deslocamento*. Deslocamento é a baldeação de sentimentos, fantasias, etc de um objeto ou representação desse objeto no passado para um objeto ou representação objetual no presente. Esse deslocamento se realiza através de mecanismos de defesa ou ajustamento do Ego, como, regressão, projeção, formação reativa, racionalização, sublimação, etc.

O neurótico, em situação analítica, tem a oportunidade de repetir, através da *associação livre*, todas as suas fases anteriores de relacionamentos objetais. Nas manifestações de impulsos sádico-anais relacionadas, por exemplo, com *figura da autoridade*, podemos ver um tipo de regressão até o ID, na fase anal. Pessoas que sofreram na infância desamparo miserável manifestam transição para *intimidade simbiótica* e *desconfiança obstinada*. A dependência patológica pode alternar com a malvadeza e a revolta. Percebe-se na regressão que a transferência reflete um deslocamento em que um objeto no presente está sendo parcialmente trocado e/ou confundido com um objeto do passado.

Para a prática do Aconselhamento Pastoral Clínico (APC) exige-se o domínio de conhecimentos básicos de psicologia clínica e educacional, bem como de psicanálise. Um grande desastre que tem ocorrido e poderá ocorrer durante o aconselhamento é o despreparo do *terapeuta* que, ao tratar das transferências dos seus clientes neuróticos - caso ainda seja neófito e/ou não estiver “curado” -, poderá se envolver emocional e pessoalmente com seus “clientes”.

Comparando, na aparência, os diversos procedimentos de cura e libertação usados pelos *pastores* (*oração exorcista*, óleo e imposição de mãos), pelos *pais de santo* (*passes*, *banhos* e *poções* com poderes mediúnicos), e pelos *psicoterapeutas* (escuta, sugestão, transferência e contra- transferência), todos parecem assemelhados. Por isso, é preciso verificar quais entidades são invocadas, quais os tipos e fontes de poderes são desenvolvidos e a quem os conselheiros e terapeutas atribuem e dedicam as *curas* e *milagres* que acontecem. Segundo a Bíblia, há três fontes causadoras dos fenômenos de cura e libertação espiritual. São: 1) os poderes e fenômenos da mente ou alma humana, muitos deles explicáveis pela parapsicologia e psicanálise; 2) os poderes de Lúcifer, seus anjos e sacerdotes malignos, denunciados e condenados por Jesus Cristo e Seus apóstolos; 3) os poderes conferidos por Jesus Cristo aos seus discípulos através de dons e operações do Espírito Santo.

Outra questão importante é a necessidade de se desvelar os pontos de encontro e desencontro entre as doutrinas psicológicas e as revelações bíblicas a respeito de *corpo*, *alma* e *espírito* humanos e suas enfermidades psicossomáticas.

A Psicologia - “ciência que estuda os fenômenos psíquicos e o comportamento dos seres vivos” -, admite que toda pessoa nasce com uma força psíquica especial ou *alma*, capaz de se desenvolver e ser tratada para que o indivíduo, pela auto-superação, alcance a *perfeição*. As psicologias, como ciências positivas, ignoram a doutrina bíblica sobre o “pecado original”. Não admitem o dogma de fé que afirma que toda pessoa nasce *mortificada* no *espírito* ou *alma*, quer dizer, nasce separada de Deus, nasce com o *pecado original*. Esse é o maior desencontro entre pastores e psicoterapeutas quanto à eficácia de cura e libertação por meio ou da *conversão* espiritual ou da *conversão* psicoterápica. Os pastores acham ilusório buscar na *ciência* a cura e *libertação* completa só possível pela fé em Cristo Jesus. A ciência psicológica, por exemplo, substitui palavras como *pecado* e *maldição satânica* por distúrbios psíquicos, isto é, acidentes psicossomáticos naturais, vindos ou não de alguma raiz hereditária ou congênita, porém todos formados ao correr da existência humana. Entretanto, as psicologias científicas não se propõem substituir a fé cristã, nem “salvar” o indivíduo da condenação eterna. Para desatar o nó de atrito entre o *psicólogo* e o *pastor* é preciso haver boa vontade de ambas partes para, através de pesquisas e estudos, compreender e saber separar o que é do *espírito* e o que é do *psiquismo* humano. Sem isso, acabamos metendo os pés pelas mãos em nossas clínicas de aconselhamento e tratamento.

Alguns pastores podem ignorar, depreciar e até combater as contribuições da psicologia, da psicanálise e psiquiatria. Entretanto, elas continuarão sendo importantes e indispensáveis para compreensão e resolução de distúrbios emocionais e comportamentais. Inclusive porque, segundo a experiência geral, tais distúrbios não desaparecem, automática e totalmente, na conversão a Cristo conversão chamada de “novo nascimento espiritual”. Eis aqui um nó bastante polêmico. Para desatá-lo, o pastor também releu e anotou o artigo escrito pelo Dr. Heitor, ilustre e competente psicanalista, que, além de ser teólogo e pastor foi presidente-fundador da Sociedade Psicanalista Ortodoxa do Brasil (SPOB). Dr. Heitor, além de autorizar a transcrição abaixo, nos deu a honra de prefaciá-lo este livro.

CAPÍTULO 7

“TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS PRESENTES NAS RELIGIÕES”

O meu propósito, com essa matéria, não é esgotar o assunto. Pretendo lançar luzes sobre um assunto que eu estudo há cerca de 23 anos. Desejo provocar e estimular o pensamento e a pesquisa em torno de fatos e fenomenologias que vêm tendo tratamento diverso da etiologia, tanto por parte de profissionais de saúde quanto por parte de religiosos formais. Tenho observado já há algum tempo chamadas em programações religiosas, especialmente de rádio e TV, produzidas por Igrejas neo-pentecostais, nas quais são listados transtornos mentais comuns - tais como depressão, angústia, ansiedade, melancolia, neurastenia, etc.-, como sendo resultado de possessão demoníaca. Tenho visto também pessoas aconselhando outras a procurarem centros espíritas para ‘desenvolverem’, em face desses mesmos transtornos ou manifestações fenomenológicas de outra natureza, mas, igualmente mentais. Tenho visto ainda profissionais de saúde generalizando todos os fenômenos, atribuindo-os a patologias definidas, como esquizofrenia, etc. O que existe de fato? Há falta de conhecimento dos assuntos, tanto de uma parte quanto da outra. **I – Transtornos Psiquiátricos e neurológicos tomados como manifestações espirituais.** Nos meios *neo-pentecostais*, *carismáticos* e certos *renovacionistas* chega-se ao extremo de admitir que todos os transtornos psiquiátricos e neurológicos têm caráter ‘espiritual’. Longe esteja de mim afirmar que o fator espiritual não desencadeia tais sintomas. É certo que sim, mas, sintomas, aquilo que se pode sentir, não a sua causa, sua etiologia. Depressão, angústia, melancolia, etc. são específicas de psicopatologias bem conhecidas, como distímia, transtorno bipolar, ciclotímia, neuroses, etc. Sabemos de várias, de caráter psicogênico ou não, que são responsáveis pelas muitas formas de visões, alucinações e manifestações, estas, quantas vezes, muito bem-vindas em certos arraiais religiosos onde são consideradas como manifestações do mais puro e completo relacionamento com Deus, bem como, em certos casos, tantas vezes relacionadas como demonismo.

Todas as patologias listadas no CID 10 (demências; delirium; alucinação orgânica; transtornos devido ao uso de substâncias psicoativas; esquizofrenia e suas doze modalidades; transtornos psicóticos agudos; transtornos delirantes e esquizoafetivos, transtornos do humor - o bipolar, antigo PMD, e seus 10 sub-tipos - , transtornos neuróticos; esquizofrenia; etc.) são todas ricas em aspectos que podem ser confundidos com fatores espirituais, e que aqui e ali são objeto de exorcismo ou "libertação", como dizem. É bom lembrar também dos casos de epilepsia, todos atribuídos a possessão demoníaca, numa interpretação inadequada de Mateus 17:15-18. Devo frisar, também, que boa parte dos líderes religiosos que estimulam estas práticas, está bem intencionada. Mas, pelo fato de ignorarem a verdade não estão isentos de culpa. Outros há que sabem muito bem o que está ocorrendo, mas se aproveitam da situação para tirar benefícios, levar vantagem, especialmente econômica – são os piores. A verdade é que todos estão errados. Todos ignoram o vasto mundo das mais pertinazes enfermidades, e, quando dão tratamento diferente da aplicação dos psicofármacos que necessitam, estão cooperando para o agravamento do quadro, para que o mal se torne crônico, irreversível ou refratário, com prejuízos terríveis para essas pessoas. É o caso da evolução de qualquer tipo de esquizofrenia que, quando não tratada corretamente, provoca aumento da demência. É lamentável que não se tenham meios de coibir tais práticas chamadas de espirituais, e sei que seria uma temeridade legislar sobre o assunto, mas alguma coisa precisa ser feita. Pelo menos precisamos provocar a realização de Congressos, estudos, e sei lá o quê mais, especialmente por parte das religiões históricas bem centradas, para esclarecermos o povo, para darmos aos obreiros elementos com que possam discernir e provar os 'espíritos', e não tratar tudo como sendo da mesma origem e tendo a mesma natureza. **II - Transtornos Psiquiátricos e Neurológicos tomados como manifestações espirituais de caráter 'espírita'** (Perdoem-me a redundância). Quero afirmar que a fenomenologia é a mesma. Entretanto, aquela que os evangélicos neo-pentecostais, carismáticos, etc. chamam de "demônios", os espíritas chamam de "entidades", de "santos". Não me cabe o direito, aqui, de posicionamento teológico-eclesiástico sobre o assunto, por não ter esta matéria tal propósito, embora eu tenha posição pessoal definida e conservadora. No momento, o que me interessa é o caso e não a natureza do mesmo. Nesse caso, qualquer pessoa que apresente a sintomatologia tratada no parágrafo anterior, especialmente nos meios mais pobres e de pouca cultura, são orientados a procurar um centro espírita para "desenvolver" ou 'fazer o descarrego' Os portadores de patologia psíquica ou neurológica encaminhados para "desenvolver", desenvolvem sim, em termos de agravamento, seus males. De igual maneira, aqui temos o mesmo problema da falta de escrúpulos de alguns e da ignorância de outros. Uns poucos estão mesmo bem intencionados. Mas, no fim, o resultado é uma lástima.. Depois de algum tempo sem medicação e com a potencialização feita pelo fanatismo e mesmo do exercício mental negativo, aliado a possibilidade real de "invocação de entidades", que em nada cooperam para o bem, juntamente com os oriundos dos meios cristãos, citados no tópico anterior, abarrotam os manicômios, chegando mesmo a ultrapassar os possuidores de psicopatologia derivada dos tóxicos, dos mais variados tipos. **III - Manifestações religiosas tomadas como transtornos psiquiátricos ou neurológicos.** Aqui temos o quadro inverso. Nos tópicos anteriores mostrei como, da ótica de determinadas religiões, se pode estar tomando "gato por lebre", doenças por demônios ou "santos". Neste caso se está generalizando e atribuindo às patologias, coisas claramente identificadas como espirituais. O que ocorre é o seguinte: Muitos profissionais de saúde não admitem a existência, no mundo psíquico, da presença 'espiritual'. Por isso definem tudo, na maioria das vezes, como esquizofrenia. É certo que a sintomatologia de uma parece, e às vezes confunde, com a da outra. O problema é que nos casos espirituais há uma outra "personalidade" presente, que alguns insistem em não identificar, ou mesmo, não estão capacitados para o fazer. Entretanto, posso aqui apresentar algumas características das "possessões" que se distinguem das patologias. Por exemplo: O possesso pode ser de dois tipos – possessão parcial ou superficial – nele há demônios ou "entidades", entretanto os tais não dominam integralmente o ser, mantendo a pessoa em razoável estado de integridade mental, com estranhezas emocionais e psíquicas, com o humor rebaixado, mas sabendo quem é e o que está fazendo. Este tipo é o que mais facilmente se confunde com as esquizofrenias, até porque "ouve vozes" também. Tais vozes não são produtos da sua mente, mas da mente cumulativa que nele está. No caso da possessão total, os demônios ou "entidades" dominam integralmente as atividades mentais, anulando a personalidade e substituindo a mesma por aquela do ser que invadiu. Nesse caso, o que ocorreu foi que, ou o invasor é demasiado forte, ou a quantidade de invasores foi tamanha que a mente não suportou e teve de se ausentar para dar lugar aos tais, ou a mente era demasiado fraca para permanecer com um mínimo de atividade autônoma. E como os médicos, psiquiatras ou não, vão distinguir uma coisa da outra? É certo que vão se valer dos referenciais que têm. E o que possuem é a visão psicopatológica. Só que, ao medicarem tais pessoas, constatam que as drogas psicoativas não operam quase nada. Doses cavalares sedam durante muito pouco tempo, e, ao acordarem, não apresentam qualquer nível de remissão, mas estão exatamen-

te como antes, senão piores. E agora? O espiritual existe sim. E o que for espiritual resolve-se espiritualmente. O que for mental, com o que lhe seja próprio, etc. O que fazer então? Aqui não tenho proposta para tratamento, contudo há um modo de identificação, para diagnóstico diferencial. Há três tipos de testes que podemos aplicar a uma pessoa transtornada para sabermos se é caso psíquico-mental ou espiritual. O de menor eficácia pode ser feito por qualquer pessoa. Quanto aos outros dois, é melhor que a pessoa tenha autoridade espiritual para o fazer, caso contrário, há o risco de ser atropelada. Vejamos: um é extra-Bíblico, um é para-Bíblico e outro é Bíblico. O extra-Bíblico é assim: Pergunte o nome da pessoa transtornada. Se for paciente psiquiátrico, dependendo do nível do surto, responderá positivamente. Se for uma pessoa possessa branda, poderá responder também. Se estiver com alto nível de possessão, responderá o nome do demônio ou da "entidade" dominadora. Por causa dessas várias possibilidades é que afirmo ser esse modo pouco eficaz, embora qualquer pessoa possa aplicá-lo. O para-bíblico está contextualizado na Bíblia, mas não é orientado por ela. Trata-se de uma frase, de uma expressão que demônios ou "entidades" jamais proferirão, pelo menos é o que se tem constatado. Mande que o transtornado diga, com todas as letras: "O sangue de Jesus Cristo tem poder". Em qualquer que seja o nível de possessão, não proferirá. Entretanto o doente, tão somente mental, pode articular, desde que a capacidade de expressão lhe esteja preservada. Neste caso (possessão) é bom ter cuidado. Se o interlocutor não tiver autoridade, poderá ser violentamente molestado pelo transtornado. O Bíblico, está baseado em I João 4:3, que diz: "Todo espírito que não confessa a Jesus, não procede de Deus", ou "que não confessa que Jesus veio em carne, não é de Deus". Assim, pergunte: "Você confessa que Jesus Cristo veio em carne?" Se for apenas doente mental ele repete. Se houver possessão, de qualquer nível, não confessará. É perfeito. Não há erro. Mas, neste caso vale também a questão da unção de autoridade divina, que não me cabe explicar aqui, por ser de natureza espiritual. Aliás, quem quiser saber do que estou falando, procure orientação específica sobre o assunto. Colocadas estas questões, eis que temos a visão de uma gama de problemas que podem parecer psíquicos e não o são. Não adianta os profissionais de saúde o ignorarem – eles existem. Vale a pena citar a CID 10, F 44.3 – Estados de transe e de possessão. Não estou inventando. **IV – A mente humana e a possibilidade da possessão.** Depois de ter praticamente garantido, nas entrelinhas, que existe possessão, passo a discutir o porquê de sua possibilidade. Possessão demoníaca ou invasão de entidade não é algo natural a qualquer pessoa. Não é qualquer pessoa que, mesmo querendo, o consiga. Mas há os que são invadidos compulsoriamente. O que ocorre nessa área? A melhor explicação para a configuração natural é a partir da existência do aparelho psíquico e da Teoria estrutural. A mente é uma estrutura que funciona respeitando suas possibilidades. Isto combina as duas coisas. A mente é formada na concepção, quando os cromossomos se fundem, formando a estrutura mental, perfeita ou defeituosa, para funcionar na sua plenitude ou deficientemente. A razão de ser configurada de um jeito ou de outro decorre de fatores congênitos, hereditários, etc. os mesmos que se aplicam aos outros aspectos do ser. Do mesmo modo que um é alto e outro baixo, um é forte e outro fraco, um é fisicamente perfeito e outro não, também a mente sofre esta determinação. No caso que nos interessa, se a mente tiver alguma ruptura, defeito, etc. tanto instalará, no tempo próprio, uma patologia mental, quanto será susceptível de invasão de entidades ou possessão demoníaca. Há pessoas com defeitos estruturais que não são tão graves que determinem a instalação de uma psicose, mas são suficientes para a entrada de demônios ou "entidades". Entretanto, todos os que têm a estrutura propícia à psicose, com ou sem ela, são *possessíveis*. A questão, pois, da invasão de entidades e "possessão demoníaca" está intimamente ligada à fragilidade mental, e, também, neurológica, especialmente, as do sistema nervoso-encefálico, razão porque temos, na maioria dos casos, a incidência das duas situações. Por outro lado, mesmo as pessoas que têm fragilidade mental, mas que definiram a sua situação espiritual, através da fé cristã genuína, do recebimento do Espírito Santo de Deus, não incorporam nelas quaisquer tipos de demônios ou "entidades". Por outro lado, existem pessoas cuja estrutura mental é tão hermética, que, independente de ter ou não recebido o perfeito Espírito, também não recebem demônios ou "entidades". Os tais são chamados de "corpo fechado", e o que têm mesmo é a mente fechada. Tais considerações foram colhidas da minhas experiências tanto como Pastor, quanto como Psicanalista, tendo atuado muito na área dos grandes transtornos(psicoses), em trabalho de campo, clínica e magistério psiquiátrico.

V – A mente humana e os transtornos histriônicos (histéricos). O transtorno histriônico (F60.4), antigamente denominado *histeria*, tem por características o seguinte: Afetividade superficial e lábil, dramatização, teatralidade, expressão exagerada das emoções e sexo, sugestibilidade, egocentrismo, auto-complacência, falta de consideração para com o outro, desejo permanente de ser apreciado e de constituir-se no objeto de admiração, tendência a se sentir facilmente ferido. Este foi o primeiro transtorno objeto de estudo feito por Freud – a histeria. A histeria, embora em escala menor, por força da diminuição

da castração formal e do controle social e moral menos radical, continua presente na sociedade de modo atualizado, mais intenso. O histriônico ou histérico é capaz de configurar um conjunto de sintomas capazes de parecer psicogênico (psiquiátrico) ou religioso (invasão de entidades ou espiritualidade positiva). No primeiro caso, qualquer médico ou psicanalista diagnosticará com facilidade. No caso dos clérigos (padres/pastores), não será tão fácil. Se por um lado, o transtorno histriônico não será confundido com as psicoses pelos profissionais de saúde, contudo será objeto de equívoco por parte de muitos dentre os que lhe dão tratamento religioso, independente do tipo, se católico, protestante ou espírita. Confundirão com manifestações espirituais e promoverão exorcismo (descarregos) ou indicarão trabalho para 'desenvolver'. Nesse caso, os tais carecem de conhecimento específico para o diagnóstico, para orientação de tratamento, que no caso, cabe à Psicanálise e não à Psiquiatria, como parece.

VI – Ignorância crédula versus Conhecimento incrédulo. O subtítulo que passo a considerar é terrível. Na verdade as duas coisas são deploráveis. Não se trata de manejo de palavras e sim de fatos. Fatos que todos podemos constatar, tanto nos meios religiosos, que espiritualizam tudo e que procuram explicações para tudo no metafísico, quanto nos meios acadêmicos, que por força do 'cientificismo', considera-se tudo que ainda não pode ser controlado ou explicado cientificamente, como inexistente. São os extremos que dão no mesmo. No extremo do domínio religioso, a ignorância crédula, que corresponde ao exercício da fé sem fundamentação racional, sem base, sem verdade, que abomina a necessidade de comprovação, que considera o mundo apenas pela ótica do sobrenatural, do misterioso e mítico. Aliás, é bom que se esclareça, o sobrenatural é tão somente o natural que ainda não conhecemos. Tudo que existe, ocorre, funciona, terá que ter uma explicação lógica e natural... em algum momento da história a teremos. Pois bem, as religiões, principalmente as facções contemporâneas, produto de uma sociedade decadente, necessitada, quase miserável, e que fazem do atender e cuidar dos pobres e necessitados a sua bandeira, optam pela área, muitas vezes sem o saber, das patologias mentais, pois são as que mais se confundem com o espiritual. É muita fé e pouco ou nenhum conhecimento. É a ignorância crédula. Faz parte desse contingente tanto pessoas social e intelectualmente limitadas quanto seus líderes fabricados, tendo como situação primaz o serem limitadas, desinformadas, etc., sem falar nos desprovidos de bom caráter. O extremo do conhecimento incrédulo é igualmente problemático. Nele estão os intelectuais da saúde mental que não crêem em nada que não seja 'científico'. São igualmente grandes problemas, pois os extremos estão sempre equivocados. A ciência, embora necessária, nunca será o bastante, o suficiente. Até para aceitar a ciência é necessário fé, porque há, nas coisas espirituais, componentes científicos singulares e vice-versa. Qual é o problema? O problema está no fato de que, regra geral, um lado desdenha o outro, um menospreza o domínio do outro. O que certamente cooperaria para o bem estar do povo, seria um trabalho articulado, onde tanto os profissionais da saúde quanto os líderes religiosos abrissem mão dos seus dogmas particulares e se dessem as mãos. Se assim acontecer, não teremos pessoas com transtornos mentais sendo tratadas como portadoras de problemas espirituais, nem enfermos espirituais sendo tratados como doentes mentais. Todos ganharíamos, com certeza.

VII – As religiões como potencializadoras ou desencadeadoras dos transtornos mentais psiquiátricos e a psiquiatria como responsável pela não viabilização de tratamento espiritual adequado. Nesse caso, tanto um lado quanto o outro pode ser pernicioso. Já citei o caso do paciente esquizofrênico não tratado, que evolui para a esquizofrenia residual, forma que, inclusive, foi responsável pelo nome de "demência precoce" dado a esta patologia no passado. Mas não é a única. O caso do portador de Transtorno Bipolar, o velho PMD (psicose maníaco depressiva), e todos os casos de distímia e/ou depressões - conduzidos como problemas religiosos e por isso não tratados adequadamente -, desaguarão no quadro "refratário", isto é, quando os doentes não mais respondem aos medicamentos. Neste ponto, o instinto de auto-destruição é despertado e a ameaça do suicídio passa a ser um tormento. Não importa a fé da pessoa, isto é, se ela é ou não 'salva', ela pode, sim, suicidar-se. Vale lembrar, no caso, que, de cada 100 deprimidos, independente da etiologia (causa) ou religião, 80 pensam em morte, 20 tentam o suicídio e 10 o conseguem. E aí não adianta questionarmos os parâmetros de fé-doença. Por outro lado, todos os doentes mentais, submetidos a processos religiosos, sugestionados, pressionados, terão o agravamento do quadro. E o que dizemos de pessoas que têm problemas espirituais e são tratadas como doentes mentais? De igual modo, a conduta médica, tornará 'crônica' a questão espiritual que poderia ser resolvida com critério, com respeito aos procedimentos religiosos. De qualquer maneira, sempre haverá um prejudicado quando não se conduz a pessoa para o suporte certo e um prejudicador, pela ignorância ou pelas 'boas intenções' mal fundamentadas. Concluindo, fica a mensagem: Algo tem que ser feito. Já está passando da hora de haver cooperação entre as forças da fé e a sustentação da ciência. Que venham as pedradas!

CAPÍTULO 8

ORIGEM DAS DOENÇAS MENTAIS – HIPÓTESES NEUROCIENTÍFICAS E PSICANALÍTICAS

Nesse encontro, o diálogo girou em torno de doenças mentais e suas causas, sobre saúde mental e pessoa psicologicamente saudável. A certa altura o *pastor* perguntou:

- O que a neurociência e a psiquiatria moderna oferecem para cura das doenças mentais?

- Apesar das valiosas e eficazes contribuições modernas dos remédios psiquiátricos e das técnicas psicanalíticas sofisticadas de escuta e transferência, ainda continuamos ignorando as verdadeiras causas das doenças mentais. Não sabemos, ou sabemos muito pouco ainda, a respeito de como nasce e se desenvolve uma esquizofrenia, uma psicose maníaco-depressiva - hoje chamado de *transtorno bipolar* -, ou um delírio. Nosso conhecimento atual da vida psíquica continua muito incompleto. Afinal, a Psiquiatria e Psicologia modernas, comparadas com as outras ciências, são muito novas, datam do início do século XIX. Foi somente a partir dos séculos XIV e XV, durante o Renascimento, que os loucos deixaram de ser tratados como possuídos pelo demônio, e o exorcismo escroque - praticado por curandeiros charlatões para extrair a *pedra da loucura* da cabeça dos dementes -, cedeu lugar ao tratamento médico. Até o presente momento não existe nenhum psicotrópico que cure verdadeiramente. Esses remédios têm uma ação apenas paliativa, jamais uma ação terapêutica no sentido de cura completa. No máximo, podem acabar temporariamente com os sintomas, mas nunca eliminam suas causas. E o pior, é que muitos desses remédios, quando mal administrados, causam deformações, inclusive dependência física e psíquica para o resto da vida. Mas, graças aos avanços mencionados e a prática de estratégias terapêuticas modernas polivalentes, já se consegue diminuir o número de recaídas e a duração das internações hospitalares. Já se consegue favorecer um estado de controle e reabilitação que torna os pacientes mais autônomos e integrados na vida em família e na sociedade.

- Então - indagou o pastor -, todos os doentes mentais são tratáveis e podem alcançar algum tipo de melhora, ou, uma *cura* do tipo “*controle progressivamente curativo*”?

- Você tocou no assunto mais problemático para os psicanalistas, que é detectar e diagnosticar o tipo, profundidade e extensão da ruptura psíquica apresentada pelos que se expõem a um tratamento psicanalítico. Quando nos deparamos com clientes que apresentam *doenças mentais* costumamos pensar que eles ou são *neuróticos* ou são *psicóticos*. Os pacientes, por exemplo, que apresentam angústia causada por uma fobia, ou medo paralisante, são designados *psicóticos* caso uma engrenagem interna se tenha rompido. E são designados *neuróticos* se nada de essencial foi atingido. No caso dos psicóticos, houve um mecanismo de ruptura, designado por Lacan de *foraclusão*. No caso dos neuróticos, houve um mecanismo chamado de *recalcamento*.

- Ah - disse o pastor -, é por aí que se faz distinção entre *neurose* e *psicose*? Para mim, o neurótico é aquele que tem *consciência* do problema que enfrenta, mas não conhece as causas desse sofrimento, e não pode ou nem sabe como se livrar dele. Essa neurose me parece associada a uma crise de autoridade, quer dizer, durante a infância ele teve um *pai punitivo*, por isso a *autoridade* foi sempre mantida do lado de fora, ameaçando-o. Já o psicótico não tem consciência de que esteja causando qualquer dano moral para si e para os outros porque, embora em muitos casos não pareça, age de modo compulsivo, inconscientemente.

- É preciso tomar cuidado quando se fala de *estado consciente* e *estado inconsciente*. É difícil para o analista rastrear o que está por trás dos sintomas de uma *neurose fóbica* ou de uma *psicose latente*, isto é, *larvada*. Diagnosticar que um paciente sofre de uma *esquizofrenia nascente*, por exemplo, é designar para ele e seus familiares uma vida de mártir, uma situação dramática que irá durar toda a vida. Causa-me grande alívio quando descubro que meu paciente não sofre de uma psicose irreversível, mas sim de uma fobia, mesmo que seja séria, porque ela é *curável*. Temos a “*terapia comportamental cognitiva*”.

- Como é possível, na prática, fazer essa descoberta?

- É preciso ter competência para saber ouvir o paciente e dirigir-lhe perguntas simples, precisas e objetivas. É preciso saber se o paciente faz grande esforço para se concentrar e se esse esforço é acompanhado de pressão no peito e dores, especialmente na nuca ou alto das costas. Saber se o paciente ao se olhar no espelho tem, às vezes, a impressão de que seu corpo se modificou, que seu rosto e outras partes sofreram alguma mudança. Um dos primeiros sinais da formação de uma esquizofrenia é a grande dificuldade que a pessoa tem de se concentrar, porque esse ato se faz acompanhar de uma dor (imaginária) *alucinante* localizada freqüentemente na nuca, ombros e tórax.

- Você falou de mecanismos psíquicos de *foraclusão* e *recalcamento*. Dá para explicar?

- O termo *foraclusão* vem do vocabulário jurídico e foi usado por Lacan para designar um mecanismo de ruptura na origem da psicose desencadeada numa zona psíquica bem delimitada e que perturba apenas uma única faceta da vida do sujeito. Para entender o que é a *foraclusão* é necessário compará-la com o *recalcamento*, próprio da neurose. *Recalcamento* e *foraclusão* são autodefesas destinadas a, no caso de *recalcamento*, esquecer ou sepultar um fato penoso, e no caso da *foraclusão*, esquecer um choque traumático. Esse procedimento de defesa é chamado de *recalque*. “Recalcar um fato angustiante significa esquecê-lo”. Entretanto, nenhuma memória pode ser apagada ou *deletada*. Em geral, essa é a atitude que todos nós adotamos para amortecer os golpes duros da vida. Quem sofreu uma ruptura psíquica, um choque traumático, nada quer saber sobre o trauma causado pela violência de uma agressão. Todo psicótico não admite o trauma porque rejeita radicalmente reviver sua dor. Veste a couraça da rejeição absoluta, recusa-se a admitir que vive encarcerado. O psicótico resiste a cura.

- Ah - atalhou o pastor -, o que estou ouvindo sobre essa couraça e encarceramento me faz entender porque é que as pessoas, em estado de ansiedade e angústia, reclamam que vivem como se tivessem capacete, argolas e colete de ferro que pressionam a cabeça, pescoço, ombros, peito, braços e pernas.

- A absoluta rejeição ou recusa da realidade provoca abalos sísmicos que causam fraturas no psiquismo. Diferentemente do recalque que é um mecanismo de defesa normal, a defesa *foraclusiva* é tão brutal que produz um branco, uma falha no Eu, uma rachadura mental que desorganiza o sistema psíquico-mental. Nesse caso, instala-se a psicose. A maioria dos sintomas psicóticos - delírio, alucinação, amnésia, suicídio -, são tentativas desesperadas do Eu de consertar a fresta aberta pela violência da *foraclusão local*. Incapaz de aceitar a dor do trauma, o Eu se dilacera. Em suma, *recalcar* quer dizer admitir a situação dolorosa e depois conseguir imobilizá-la, esquecê-la. Porém, *foracluir* é escamotear o trauma até se tornar psicótico. Embora as hipóteses psicanalíticas e neurocientíficas sobre a origem da doença mental sejam numerosas, penso que a *foraclusão*, verdadeira cegueira psíquica, é uma das mais pertinentes para se entender e resolver o enigma das psicoses e melhorar seu tratamento.

- Estou entendendo que é praticamente impossível para o psicótico admitir que está errado, que está enfermo e cair em si, como fez o filho pródigo da parábola de Jesus. É-lhe impossível arrepender-se de corpo, alma e espírito e submeter-se a um tratamento. Não admite e nem acredita que poderá ficar curado e livre. Diz-se por aí que o pior aleijado ou cego, é aquele que não admite sua deficiência. Você mencionou a violência da “foraclusão local”. Que tipo de *foraclusão* é essa?

- Antes de responder objetivamente o que é *foraclusão de local* preciso explicar que nós, analistas, partimos do pressuposto que todo ser humano, embora seja *indivíduo*, quer dizer, seja *indivisível*, ele vive múltiplos estados subjetivos, desempenha múltiplas funções e representa muitos e diversificados papéis no *palco da vida*. Cada um é uma *unidade*. Toda a unidade é composta de várias subunidades ou partes. Do mesmo modo que um “todo unitário” não é simplesmente a soma de suas partes, mas sim o modo e circunstâncias em que as partes agem e reagem entre si para formar um todo, assim também é a composição da personalidade do ser humano unitário chamado *indivíduo*. Embora cada um de nós seja uma só pessoa ou personagem, na realidade desempenhamos vários *papéis* ou *personagens*. Logo todo indivíduo, embora seja *singular*, é também *plural*, isto é, uma *pluralidade de personalidades* interligadas. Somos uma construção-síntese de mil partículas físicas, psíquicas e espirituais herdadas.

- Ah - interrompeu o pastor -, isso me lembra nossas conversas anteriores sobre as relações Eu+Outro, so-

bre *arquétipos* ou *imagens/vozes* familiares, *inconsciente coletivo*, *memória genética*. Nesse sentido, todo o *Eu* é composto de vários *Outros* e todo *Outro* é composto de vários *Eus*, não é?.

- Como ia lhe dizendo, acreditamos que somos *um*, mas, na verdade, somos *vários*, quer dizer, temos múltiplas e variadas *personas*. Cada uma dessas *personalidades* ou *estados subjetivos* - assim chamados porque estão *sujeitos* à influência de personagens que *vivem* no fundo da mente -, é em si uma “cena imaginária”, em geral, inconsciente, composta pelo menos de dois personagens, e cujo *script*, isto é, roteiro/enredo se organiza em torno de uma forte e intensa emoção.

- Isso é muito interessante - interrompeu o pastor. Tenho procurado entender textos bíblicos que dizem assim: “nossos pais pecaram e já não existem, mas nós carregamos as suas *maldades*”. Ou ainda: “Eu Sou Deus zeloso que visito a *maldade* dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração”. Que seriam essas *maldades*? Seriam *entes malignos*? Seriam personificações de doenças ou tendências hereditárias para aquisição de enfermidades malignas? Seriam inclinações do psiquismo inconsciente para o medo fóbico, pelo sentimento de culpa e castigo que fervilha na memória primitiva? Essas *maldades* seriam *espíritos* de enfermidades herdadas que contêm *espíritos* malignos familiares? Embora entenda que não espíritos humanos de familiares mortos, tenho problemas para admitir que esses *espíritos malignos familiares* são espíritos malignos de Lúcifer e seus anjos decaídos.

- Voltando para o enfoque psicanalítico - pediu o analista -, estava falando da cena imaginária, em geral inconsciente, composta pelo menos de dois personagens. Nesse sentido, podemos concordar com o Dr. Násio que escreve assim no seu livro *Um Psicanalista no Divã*, p. 146:

O psiquismo global de um indivíduo poderia ser concebido como um sistema folheado, uma espécie de mil-folhas elevado em uma multiplicidade de planos superpostos. Se eu tivesse de descrever meu espaço mental, diria: *Sou uma pluralidade de cenas fantasiadas, o mais das vezes normais, às vezes patológicas, empilhadas e ligadas entre si por um fio invisível que sela minha unidade*. Essa teoria do *sujeito folheado* me permitiu explicar que um psicótico grave, por exemplo, pudesse conservar regiões saudáveis em seu psiquismo; ou, ao contrário, que um indivíduo perfeitamente normal em suas relações cotidianas pudesse ficar circunstancialmente psicótico, isto é, localmente perturbado quando sob o domínio de uma cena fantasiada patogênica. Estou convencido de que, sem afetar em nada nosso equilíbrio, todos nós carregamos um grão (*semente*) de loucura, temos todos uma loucura local que ignoramos. Ela se manifesta não por um comportamento extravagante e bizarro, mas sob a forma discreta de um comportamento ilógico, rígido, peremptório e repetitivo, que, no entanto, estimamos perfeitamente legítimo. Isso mostra que a forclusão atinge apenas uma das folhas ou camadas, um dos planos que estruturam o sujeito. O pano danificado pode então ou acarretar o desmoronamento total da pessoa – e estamos, portanto, em presença de uma psicose -, ou respeitar o equilíbrio da estrutura psíquica - e estamos em presença de um indivíduo saudável, mas sutilmente delirante em um canto de sua vida. É preciso acrescentar que esse delírio discreto assume algumas vezes a forma de uma paixão criativa sem a qual nenhuma grande obra poderia surgir.

- Ah - disse o pastor entusiasmado -, me parece que o ditado popular: “de médico e louco cada um tem um pouco”, não deixa de conter verdades. Quando o apóstolo Paulo fala da paixão de Deus e de Jesus Cristo, se referindo a grande obra salvadora realizada na crucificação, ele afirma que a “palavra da cruz é loucura”, e que “aprouve a Deus salvar os homens pela loucura da pregação dessa Palavra”. Sempre achei que o apóstolo Paulo sofria de um transtorno bipolar antes de tornar-se cristão e que, mesmo depois de convertido a Cristo, passou por uma “cura”, isto é, por uma bipolaridade sublimada na Cruz de Cristo, o que lhe dava poder e condições para regozijar-se até nas tribulações, gloriar-se na cruz de Cristo, morrer todo o dia para o mundo e se apresentar como “prisioneiro de Cristo”. A propósito, você acredita em Deus e em Jesus Cristo? - Freud, de família *judaica* e Lacan, de família *católica*, afirmavam não acreditar em Deus. O que você pensa disso?

- Freud e Lacan só puderam desbravar o inconsciente humano movidos por um impulso de fé, um “entusiasmo inabalável de avançar”. A palavra *entusiasmo* vem de *in+theos*, que significa, *em Deus*. Essa força transcendente, força exterior a eles, mas encalacrada no inconsciente, era o *Deus* deles.

- E você? Você crê em Deus? Qual tipo de Deus?

- Sou um homem de fé – respondeu o analista. Sempre entendi que só há possibilidade de cura para as pessoas que têm fé. Por isso, não hesito em dizer aos meus clientes que é preciso ter fé, e respeito todos os tipos de convicções religiosas. Qual é o meu Deus? - Faço minha a resposta que o Dr. Nasio deu: “Meu Deus é o Deus dos psicanalistas! Se porventura ele existe, tem o nome de *inconsciente*, uma vez que é o inconsciente que determina nossos pensamentos, dita nossas escolhas e desperta nossas paixões. O que é o inconsciente senão a força que nos leva a ser aquele ser que devemos ser?”.

- Mas - atalhou o pastor -, você disse que essa força é exterior ao homem, logo, não é o inconsciente em si e por si mesmo que é a força, mas sim algo vindo de fora. Eu entendo que o inconsciente concebido e descrito pela Psicanálise é, *mutatis mutandis*, o espírito humano, isto é, a partícula ou centelha divina colocada pelo Deus-Pai Criador em cada um de nós. Pelo pecado original, nosso espírito vindo de Deus, ficou marcado com o *virus* da *morte*, ficou marcado pelo medo e sofrimento da separação e rejeição decorrentes da incredulidade e desobediência originais. Fora desse entendimento não vejo como cooperar para que o cliente tenha fé e alcance cura e libertação totais.

- Nós, psicanalistas, não tratamos do problema espiritual-religioso das pessoas. Nossa tarefa não é salvar almas e colocá-las em condições de ir para o céu quando desencarnarem. Quando falo de fé, embora inclua aspectos da fé religiosa, não me refiro ao conjunto particular de crenças, dogmas, doutrinas e práticas religiosas de um cliente ou de uma determinada religião. Esse é um problema para vocês pastores e demais terapeutas religiosos. Mas, vocês, em geral, garantem que, resolvido o problema espiritual, todos os outros problemas relacionados principalmente com a *mente* e o *psiquismo* estão, *ipso facto*, completamente resolvidos.

Antes que o pastor falasse, o analista olhou demoradamente para o relógio. O pastor se despediu pensando em conversar depois sobre tratamento psicanalítico para libertação e cura de pacientes psicóticos, neuróticos e fronteirços. O analista parece ter lido os pensamentos do pastor, pois lhe recomendou que lesse durante a semana alguns livros, tais como: “Encarceramento do Caráter”; “Refúgios Psíquicos” e outros.

CAPÍTULO 9

ORGANIZAÇÕES PATOLÓGICAS - REFÚGIOS PSÍQUICOS - CARÁTER APRISIONADO.

O pastor teve uma semana de muita leitura e estudo sobre formação e tipos de caráter, fatores e efeitos do processo de aprisionamento ou *encarceramento* do caráter. Ele estudou princípios terapêuticos preventivos e curativos de *refúgios psíquicos* ou *organizações patológicas da personalidade*, formadores de *courças* de proteção contra a ansiedade e o sofrimento. Apresento, a seguir, de forma muito resumida, algumas pontuações a respeito de leituras feitas pelo pastor tais como “Refúgios Psíquicos”, “O Labirinto Humano”, “A Histeria”, e outros mais, indicados na bibliografia.

Os refúgios psíquicos são *sistemas defensivos* de *organizações patológicas da personalidade*. Dizem respeito ao tipo e grau de resistência que os pacientes apresentam no contato com pessoas, principalmente terapeutas, e ao progresso e desenvolvimento do tratamento psicoterápico. Conforme escreve Steiner (Imago, 1997, p.18-24), o refúgio psíquico é “um tipo especial de organização defensiva, pela qual o paciente espera poder evitar uma ansiedade intolerável. Esses refúgios são estados mentais em que o paciente fica estagnado, isolado e fora de alcance, do que se infere que esses estados mentais surgem a partir da operação de um poderoso sistema defensivo”. Embora o alívio fornecido por esses refúgios psíquicos, variem de pessoa para pessoa, ele é sempre obtido à custa de estados de isolamento e estagnação. Para alguns pacientes esse estado é angustiante, por isso se queixam dele. Outros o aceitam com resignação e outros o reconhecem como um lugar cruel, de natureza letal.

De modo mais freqüente, entretanto, esse refúgio é idealizado e representado como um refúgio “agradável e até perfeito”. Não importa se esse refúgio é idealizado ou persecutório: o paciente agarra-se a

esse estado, porque o acha preferível a estados piores. Há casos em que o retraimento é mais prolongado e quando ocorre uma emersão que alivia, as recompensas são passageiras e o paciente acaba retornando ao estado anterior numa “reação terapêutica negativa”. Em pacientes *perversos*, psicóticos e fronteiros, o retraimento ou fuga ao contato com a terapia é “uma forma de fugir do contato com a realidade”. Nesses casos, o refúgio funciona como um recurso para anular a realidade e fazer nascer, sem quaisquer restrições, a fantasia e a onipotência. Então, tudo é permitido, não há censura.

Essas organizações defensivas são uma característica universal da primitiva constituição defensiva dos indivíduos. Para quem preferir, vem desde Adão e Eva, e servem para conter, neutralizar e controlar o sentimento primitivo de medo e culpa. “As organizações patológicas embrutececem a personalidade, impedem o contato com a realidade e interferem no crescimento e desenvolvimento”, afirma Steiner.

Uma das funções principais das organizações patológicas da personalidade é a de “conter e neutralizar impulsos destrutivos primitivos”. Assim sendo, para ficar livre dessa sobrecarga afetiva destrutiva o paciente elege objetos substitutivos para neles projetar seus impulsos. E, como *a união faz a força*, esses objetos são reunidos na forma de *ganguês* ou *turmas*, grupos que oferecem segurança e perfil social de legitimidade. Nesse processo de *adaptação* e *organização*, a ansiedade passa a ser grupal, logo se torna *protetora*, porém de modo perverso, e vira *maldade* transmitida de geração em geração. Segundo essa formulação, pode-se deduzir quando uma *organização* se torna personalizada. Dentre as conseqüências principais de uma estruturação desse tipo, destacamos estas: 1) nenhum indivíduo é uno, mas sim múltiplo; 2) nenhuma posição ou convicção é segura, a menos que também seja sancionada e protegida pelo grupo social a que pertence; 3) torna-se praticamente impossível para o indivíduo arriscar-se a qualquer tipo de confronto com a constituição psíquica grupal, ou ter que repudiar seus métodos e objetivos, porque “quando uma organização patológica da personalidade se rompe e pára de funcionar eficientemente, o paciente cai num estado de ansiedade e pânico”; 4) só através de um longo e doloroso processo terapêutico que o paciente começa a: emergir de seu refúgio; perceber que as necessidades viciadas diminuem; sentir que tem capacidade para dizer não à força sedutora da perversão; ver-se menos prisioneiro da organização; sentir-se capaz de encarar a realidade psíquica; libertar-se.

Nos casos em que uma organização patológica da personalidade se rompe e pára de funcionar, os pacientes podem apresentar dois estados ou posições básicas: esquizo-paranóide e depressão.

No estado esquizo-paranóide as defesas principais são: cisão (fratura), identificação projetiva e idealização. As estruturas do ego se apresentam bipolares: ou em self, bom/mau, ou em objetos, bons/maus. As estruturas do ego se tornam tão frágeis que o sujeito perde a consciência de um *objeto bom* que foi perdido. Então, por um processo de substituição defensiva, essa perda é experimentada como sendo a presença de um *objeto mau*, e a “situação idealizada é substituída por uma persecutória” (que *persegue*). As defesas esquizo-paranóides de cisão, identificação e idealização têm um poderoso efeito sobre os sentimentos, pensamentos e formação de símbolos. O *ego-self* e os objetos são vistos, identificados e idealizados de modo: ou só verso, ou só reverso, ou só inverso, ou só dividido. Quer dizer, o esquizóide paranóico sempre toma as partes pelo todo, o verso pelo reverso ou inverso; o símbolo pela coisa simbolizada, a fantasia pela realidade. Sua cognição e afetividade ficam *aprisionadas/estagnadas*, o que aumenta sua ansiedade e rigidez nos relacionamentos.

A posição depressiva vem depois da posição esquizo-paranóide. Entretanto, ambas ocorrem em movimento dinâmico e contínuo e nenhuma domina a outra de modo completo e permanente. Como resultado dessa dinâmica aparece o “sentimento de ambivalência”, que é sentir, pelo mesmo objeto, ódio e amor, apego e rejeição, desejo e nojo. A dependência total do bebê, por exemplo, em relação ao objeto de satisfação de suas necessidades primárias (fome, sede, sexo), resulta numa preocupação ansiosa pela ausência/perda desse objeto. Formam-se sensações de morte desse objeto, acompanhadas de sentimentos de medo e de culpa, pois esse objeto passa a ter “aspecto mau”.

A posição esquizo-paranóide pode ser dividida em duas fases: uma que envolve a “fragmentação patológica” e outra em que predomina a “cisão normal”. Melanie Klein (1946) considera a *cisão normal* como sendo saudável para o desenvolvimento infantil. O bebê na fase pré-lógica precisa aprender a orga-

nizar sua “experiência caótica” para adaptar-se normalmente ao seu mundo circundante. Nesse sentido, a cisão entre bom e mau é desejável para adequada estruturação do “ego primitivo”. Trazendo dentro de si instintos de vida e de morte, a cisão normal permite o desenvolvimento de uma relação saudável com o “objeto bom” através da excisão (corte) dos impulsos destrutivos direcionados para os objetos considerados maus. Esse tipo de cisão pode ser observado em bebês e crianças pequenas, como uma alternância entre estados *idealistas* e *persecutórios* (de *perseguição*). Quando essa alternância dinâmica é bem sucedida, o ego é fortalecido e se torna capaz de tolerar a ambivalência. Nesse caso, a cisão ou fratura fica diminuída para conter a posição depressiva controlável. Daí para frente os períodos de integração, embora idealizados porque contém distorções da realidade, ocorrem em relação aos objetos bons.

Essa compreensão a respeito da origem da instintiva ambivalência: *bom-mau*, *vida-morte*, e do modo como é possível alcançar um adequado desenvolvimento estrutural cognitivo-afetivo da criança que passa por períodos de interação (Sujeito↔Objeto e Eu↔Outro), tem tudo a ver com a Psicologia Genética de Piaget e outros mestres do construtivismo interacionista. Porém, mais do que os preciosos princípios psicopedagógicos, essa compreensão psicanalítica tem tudo, ao meu ver, com a história bíblica dos começos da vida humana no Jardim do Éden. Deus, a despeito do desvio introduzido pelo *maligno*, prosseguiu com seu propósito de permitir que Adão e Eva chegassem à maturidade, conhecendo as dores e lutas da ambivalência Bem-Mal, e optando pelo caminho do bem, mesmo tendo que conviver com “cisões depressivas” próprias da dimensão humana corrompida. É nesse conviver que o sujeito, muitas vezes, não consegue dominar toda a ansiedade. Nesse caso, ele convoca defesas mais extremas, algumas prejudiciais em seus efeitos.

Quando a ansiedade persecutória se torna excessiva, surge a fragmentação patológica, própria da posição esquizo-paranóide. Nesse caso, o sujeito sente que sua própria sobrevivência está ameaçada. Essa ameaça o leva a uma fragmentação patológica defensiva maior, com projeção violenta dos fragmentos. O sujeito se entrega à formação de objetos (e relações objetais) *bizarros*, quer dizer, extravagantes, esquisitos, jactanciosos. Essa formação aumenta os sentimentos de perseguição, com sensações e experiências enlouquecedoras. O resultado disso tudo é um medo intenso, sensação de caos (confusão), estado de extremo pânico. Ocorrem, a despersonalização e a desterritorialização. Os pacientes, nessas situações, descrevem que, às vezes, se sentem “no ar”, deslocados, sem rumo, divididos em pequenos pedaços, invadidos por estranhas sensações e experiências, algumas sob formas alucinatórias.

O indivíduo só pode tolerar esses períodos de extrema ansiedade se conseguir manter-se na *cisão normal*, situação em que as experiências boas conseguem sobreviver. Entretanto, se essa cisão normal se desfizer, a personalidade toda poderá ser tragada pela ansiedade total que resultará num “estado intolerável com conseqüências catastróficas”. Esse colapso da cisão normal se torna mais ameaçador se a inveja e o ciúme doentio governarem os sentimentos, porque, nesse caso, os ataques destrutivos são empreendidos contra os objetos bons, como aconteceu com Caim, exemplo bíblico, que matou seu irmão Abel. A cura-controle psicanalista para a cisão e fragmentação excessivas com ansiedade catastrófica acontece quando a Psiquiatria e a Psicanálise conseguem fazer que a ansiedade e a perseguição se tornem restritas à “área do sistema delirante, sob o controle de uma organização psicótica”. (Steiner, p. 48).

Essa organização psicótica acontece quando o *objeto bom* é internalizado como um “objeto total”. Nesse caso, o sujeito volta à posição esquizo-paranóide. Como decorrência disso, os impulsos ambivalentes de apego-rejeição para com esse objeto, levam o sujeito a estados depressivos. Assim acontece porque as tentativas que esse sujeito faz para possuir e preservar o *objeto bom* conduzem-no a uma renovação da cisão e “lançam sombra sobre seu ego”. O ponto crítico para saída da posição depressiva está em que o sujeito consiga encarar sua incapacidade de controlar e proteger o objeto. Isso acontece porque causam ansiedade e dor mental ao sujeito conscientizar-se de que seu amor e seus desejos reparatórios são insuficientes para preservar, renovar, enfim reavivar o objeto amado perdido.

A par das *organizações patológicas neuróticas de cisão normal*, ocorrem *organizações psicóticas* da

personalidade caracterizadas por posições esquizo-paranóides de intensa ansiedade. Trata-se de “retirada para um mundo delirante”. Essas organizações psicóticas exigem medidas drásticas de controle, porque os refúgios psicóticos são organizados no inconsciente por forças superpotentes. “A natureza psicótica da experiência caracteriza-se por ataques destrutivos dirigidos contra a própria mente, o que resulta na criação de um distúrbio fundamental no relacionamento entre o *self* e o mundo exterior”, isto é, “uma ruptura entre o *ego* e a realidade” (Steiner, p. 83). As medidas de controle para as organizações psicóticas precisam ser drásticas, tais como: internamentos forçados, uso intensivo de remédios *faixa preta*, vigilância psiquiátrica e psicanalítica constante. Ou, como aconteceu no caso bíblico descrito por Mateus (17:15), o tratamento radical usado por Jesus que, além de curar a epilepsia, expulsou do menino um demônio ou “espírito maligno”.

A Psicanálise descreve a coexistência de partes psicóticas e não psicóticas na personalidade do sujeito psicótico. Ambas se expressam como se uma pessoa normal e outra psicótica co-existissem dentro do mesmo indivíduo. O relacionamento entre essas duas partes da personalidade é complexo e muito difícil, até porque os objetivos são geralmente antagônicos. “A parte psicótica tenta reter o controle onipotente sobre o objeto a fim de reparar o *ego*, enquanto a parte neurótica tenta encarar a realidade psíquica e deixar o objeto ir-se” (Steiner, p. 86). É por aí que muitas vezes, como terapeutas espirituais, erramos atribuindo essa retenção do controle onipotente a uma ação totalmente diabólica. No caso mencionado, em que só Mateus associa a cura de um menino epilético com libertação de um demônio, não me autoriza considerar qualquer *crise epilética* como sendo *possessão demoníaca*.

Aproveito o ensejo e o assunto para introduzir um comentário. Há pastores e igrejas que, bem intencionados, porém guiados por um discernimento ingênuo a respeito de manifestações neuróticas e psicóticas, praticam orações de cura e libertação em que é exigido do “cliente”, como expressão de fé, que ele se afaste dos psiquiatras e psicanalistas e jogue fora os remédios receitados. Convivi e convivo com alguns casos em que pessoas, nessas circunstâncias, foram declaradas plenamente curadas nas terapias espirituais, largaram os remédios e tiveram fortes recaídas. E nos casos declarados de comprovada cura total, constatamos que se tratava de casos de transtorno bipolar com fragmentação esquizo-paranóide. Nesses casos, o tempo de cura comprovada pelo não uso de remédios foi confundido com aqueles períodos de *mania* ou *euforia*, mais ou menos prolongados, e que comumente alternam com períodos de depressão.

Como *terapeutas espirituais*, devemos crescer em prudência e sabedoria cristãs e científicas, para não sermos neófitos ou ingênuos, e saibamos discernir e provar os *espíritos*. Os próprios psiquiatras e psicanalistas sabem que não há cura para os psicóticos, mas sim controle por meio de remédios comprados sob rigor de fiscalização legal. Eu, como clínico e conselheiro pastoral há vários anos, não conheço um caso sequer de *cura divina* completa e duradoura que tenha trazido aos *psicóticos orgânicos* uma vida sem algum tipo de controle psiquiátrico e psicanalítico. A própria jurisprudência considera o psicótico inimputável, porque ele é *incorrigível*. Creio que, para não cairmos no erro de praticar “zelo sem entendimento”, cabe ficarmos atentos à fala de Jesus: Às vezes, “os filhos das trevas são mais sábios” do que nós, que nos intitulamos “filhos da luz”.

Mas, voltemos aos diálogos entre o pastor e o psicanalista. No encontro que narraremos a seguir, o pastor fala a respeito de suas leituras sobre Antropologia, Neurofisiologia, Epistemologia Cibernética, Psicogenética, principalmente estudos sobre a formação/deformação do cérebro de um bebê durante a gravidez e primeiros cinco anos de vida. O pastor estava muito interessado em comentar suas leituras dos livros do Dr. Winnicott, (*Da Pediatria à Psicanálise*), Dr. Spitz (*O Primeiro Ano de Vida*), Dra. Robles (*Concerto para Quatro Cérebros em Psicoterapia*) bem como de artigos publicados em Revistas modernas de Psicologia, Psicanálise e Neurociência. Ele queria saber se realmente a falta de carinho e segurança na infância causa feridas e traumas na formação da *memória genética infantil* que não cicatrizam, que jamais poderão ser totalmente apagadas. Queria dialogar a respeito do tratamento dessas “feridas de alma e espírito” pela adequação ou inadequação do uso da *hipnose* mesmo a praticada segundo abordagens de Milton H. Erickson e Teresa Robles. Vejamos, a seguir, o que *rolou* no encontro seguinte.

CAPÍTULO 10

MEMÓRIA GENÉTICA INFANTIL E TRANSTORNOS PSÍQUICOS

Nesse encontro o pastor começou dizendo:

- Li ontem na Revista *Viver Mente&Cérebro* (n° 141/Out/2004, p.74) um artigo intitulado “Cicatrices na Infância” escrito pelos cientistas alemães Braun e Bock, especializados em neurobiologia. Ambos, ao divulgarem suas pesquisas científicas dão a entender que experiências traumáticas na primeira infância influem negativamente na formação básica da estruturação mental, porque diminuem o número de conexões ou redes de neurônios do cérebro infantil, enfraquecem e desequilibram o potencial da *mielina* (líquido neurotransmissor que envolve os neurônios), diminuem de modo significativo as resistências a doenças e aumentam a vulnerabilidade a transtornos psíquicos. Braun & Block afirmam que “hiperatividade, déficit de atenção, autismo, transtornos nos hábitos alimentares, esquizofrenia, ansiedade e depressão formam um rosário de problemas (...) que hoje são atribuídos a experiências traumáticas vividas na primeira infância”. E, o que é grave, essas experiências traumáticas causam feridas que não cicatrizam. Será que tais descobertas são cientificamente verdadeiras? - É verdade que não se pode deletar, isto é, apagar a memória genética infantil?

- O Dr. René Spitz, do Instituto Psicanalítico de Nova York, estudou, durante anos, centenas de bebês nascidos em orfanatos. Spitz observou que a maioria desses bebês apresentava não só um retraimento nas interações com o meio, mas acentuado atraso no desenvolvimento cognitivo-afetivo. Spitz descobriu que faltava a essas crianças carentes estímulos intelectivos e, principalmente, carinho, afeto, sociabilidade. A ciência pediátrica nos informa que, de zero aos dois anos de idade, o bebê dobra o tamanho de sua massa encefálica. A principal matéria prima orgânica para formação dos neurônios e do cérebro é a proteína, principalmente a proveniente do leite materno. Mas, a principal substância para a crescente formação de ligações ou *sinapses* que formam a rede estrutural mental da criança vem do carinho, do afeto, do amor *materno e paterno*, a começar pela *designação genérica* na escolha do nome. Nome é *substantivo próprio*, quer dizer, tem *substância personificada*. Todo nome contém *substâncias* provenientes das expectativas e celebrações dos pais e outros parentes.

- É verdade - atalhou o pastor. Isso quer dizer que na *prima ordem* de nossas origens, somos primeiramente seres *desejantes*, isto é, seres emocionais. A falta dessa matéria prima sócio-afetiva na formação dos bebês resultará em dificuldades de adaptação social e diminuição de estruturas básicas psíquico-mentais para as aprendizagens específicas. Posso então deduzir que crianças que tiveram seu cérebro formado na primeira infância com déficit de estímulos de toques e linguagem carregados de afeto, carinho e amor, apresentam transtornos de atenção concentrada (TAC), hiperatividade e outros sintomas neuropsíquicos?

- Sem dúvida - confirmou o analista -, as experiências emocionais nos primeiros anos geram mudanças biológicas no cérebro que causam transtornos psíquicos e influem diretamente nos tipos de comportamento, aprendizado escolar e convívio social. Esses estudos psicológicos revelam que as crianças de 0 a 5 anos, em geral, que se formaram seguras e protegidas, experimentam na juventude maior auto-estima, autoconfiança e satisfação nos relacionamentos amorosos porque alcançaram maior e melhor desenvolvimento de suas estruturas cognitivo-afetivas. Para a psicanálise, é na primeira infância que se forma a memória infantil *latente*, chamada de *inconsciente*, isto é, a parte mais profunda da consciência humana. Segundo estudos e descobertas de Sigmund Freud é essa parte mais profunda da mente que comanda e fornece energia para o funcionamento mental, ou normal ou patológico. O inconsciente, sempre em ebulição, é a fonte para o aparecimento de transtornos psíquicos incontroláveis e, aparentemente, inexplicáveis.

- Como é que Freud descobriu tudo isso? Se o que está no *inconsciente* é o que realmente mais influencia e comanda nosso sentir e agir, e se é verdade que todos nós tivemos uma infância com feridas que sempre permanecem mais ou menos abertas, então, todos nós somos *neuróticos*?

- Em tese sim, mas vamos devagar e por partes - ponderou o analista. A teoria psicanalítica se interessa tanto pelo funcionamento mental *normal* quanto *patológico*, porém, na prática, as teorias e técnicas psicanalíticas tiveram que se desenvolver mais na direção do tratamento de pessoas que se apresentavam mentalmente enfermas ou perturbadas. Freud partiu de duas hipóteses fundamentais, copiosamente confirmadas, que são: “o *princípio do determinismo psíquico*, ou *princípio da causalidade* e a proposição de que a *consciência* é antes um atributo excepcional do que um atributo comum dos processos psíquicos” (Brenner, op.cit., p.1). Pelo princípio do *determinismo psíquico* ou *lei da causalidade* sabe-se que, na mente e na natureza, nada acontece por acaso ou de modo fortuito. Quer dizer que, todos os acontecimentos em nossa vida que à primeira vista parecem fortuitos ou inexplicáveis, têm causas reais e provêm de nossa memória próxima e/ou remota. A memória mais remota, chamada *latente*, é que constitui o nosso *inconsciente*.

- Se estou entendendo bem, isso significa que um simples ato de esquecer ou perder algo, coisa tão comum em nossa experiência diária, não é apenas um acontecimento casual ou fortuito? Se eu pensar que, a rigor, tudo é causado pelo inconsciente, posso então cair na posição extremada de achar que, a rigor, ninguém pode ser responsabilizado pelo que pensa, sente e faz? Nesse caso, caberia a expressão do discutível personagem Chaves: “Sem querer, querendo”?

- Continuemos devagar - pediu o analista. Foi através de completas investigações a respeito de acontecimentos aparentemente fortuitos que Freud e outros cientistas descobriram que tais fatos não eram acidentais ou fortuitos quanto pareciam. Para a teoria psicanalista, cada sintoma considerado *neurótico*, qualquer que seja sua natureza, é provocado por processos mentais mais inconscientes do que conscientes. Foi pensando nessa revolucionária teoria que a primeira edição especial da Revista *Viver Mente&Cérebro* foi dedicada à “revelação do inconsciente”, com este sugestivo título de capa: “FREUD e o Despertar do Inconsciente”. Essa mesma Revista (nº 141, p. 46) apresenta o artigo “Drogas ou Divã”, escrito por Beutel e Klimchak. Beutel - que dirige a seção de crises agudas da Clínica de Psicossomática e Psicoterapia da Universidade de Glessen, Alemanha -, defende o pressuposto científico derivado da moderna neurociência, que todo o nosso pensar, sentir e agir é produzido pelo “concerto polifônico de células nervosas”. Partindo desse pressuposto *concerto polifônico*, Beutel descobriu que os chamados transtornos psíquicos são provenientes de falhas na organização e funcionamento do cérebro humano. Ele se aprofundou no estudo de dois tipos de memória, a memória *declarativa* ou explícita, que contém informações ou lembranças conscientes, e a memória *procedural* ou implícita, que não depende da lembrança consciente porque não armazena e nem processa o “quê”, mas o “como” de tudo aquilo congênito e aprendido que registramos..

- Eu admito - atalhou o pastor -, que influências hormonais e experiências *nervosas* vividas pela gestante - e transmitidas ao bebê desde a fecundação até seus primeiros anos de vida -, influenciam e determinam funções psíquico-mentais básicas na puberdade, adolescência, vida adulta e velhice.

- Essas primeiras experiências sócio-emocionais formam estruturas cognitivo-afetivas básicas da memória genética infantil ou memória implícita. Experiências ameaçadoras impressas no cérebro em formação do bebê são retidas e reimpressas no sistema funcional do cérebro chamado de *memória*. Isso significa que padrões sócio-emocionais fundamentais de ligação e relacionamento se formam e aparecem já desde o ventre materno e, “antes ainda que a memória explícita esteja em condições de funcionamento”, como afirma Beutel. Para acabar com o sofrimento que advém da lembrança de experiências nocivas, a memória infantil passa por um processo de tentativas frustradas de esquecimento. Por isso mesmo, a memória latente é emudecida, o que gera amnésias defensivas; bem como, memória presa por *cadeados* e *nós cegos*, causadores do “encarceramento de alma”.

- O que estou ouvindo me é bastante compreensível – comentou o pastor. Por experiência própria, e como terapeuta, percebo que as pessoas depressivas trazem dentro de si uma criança sofrida, machucada e aprisionada, quase sempre *órfã*.

- Segundo estudos e descobertas de vários autores, alguns já citados, podemos caracterizar muitos transtornos psíquicos como “padrões inadequados de relacionamentos cristalizados pela repetição

repetição constante e armazenados na memória implícita”. Logo, qualquer processo psíquico terapêutico capaz de modificar esse padrão inadequado *inculcado*, não deve estar direcionado apenas para o sistema da memória explícita, isto é, o consciente. Conversar com o paciente para que ele adquira o saber factual e perceba o problema, pode servir apenas como primeiro passo psicológico para estabelecer *rapport*, isto é, comunicação empática, pois, “falar sobre o assunto não põe fim automático ao transtorno”. É preciso competência científica, emocional e processual da parte do psicoterapeuta para “ativar a memória implícita do paciente”. Quer dizer que, no modo, momento e dosagem adequados, é preciso trazer do inconsciente para o consciente as experiências e impressões dolorosas e traumáticas armazenadas e que não estão inertes no inconsciente, mas em ebulição. Os transtornos psíquicos, na sua maioria, estão ligados estreitamente com emoções de desejos frustrados processados e impressos nas estruturas do sistema límbico, sistema mental responsável pelas emoções do prazer e desprazer. O paciente precisa ser lançado numa espécie de “tumulto emocional” que sirva de acesso para consciência e valoração emocional de estímulos que, pouco a pouco, precisam ser controlados e modificados. Logo, o diálogo vivo e intenso com o paciente, tem importância capital, porque a “linguagem” e a “palavra” estão no âmago do tratamento psicanalítico.

- Isso mesmo - disse o pastor animado. É a palavra que cria e modifica porque foi e é pela Palavra, isto é, pelo Verbo Eterno, que Deus-Pai criou, cria e restaura todas as coisas. Esse Verbo Eterno é Jesus Cristo que encarnou e habitou entre nós. Jesus mesmo afirmou: “Vós estais limpos pela Palavra que vos tenho falado” e o apóstolo Pedro escreveu: “Sendo de novo gerados, não de semente corruptível mas da semente incorruptível que é a Palavra de Deus, viva e eterna”. (1Pe 1:23).

O pastor sentiu que o momento era propício para *evangelizar* o analista, mas o tempo tinha acabado. O analista explicou que na próxima sessão conversariam sobre “psicoterapia pela palavra”.

CAPÍTULO 11

PSICOTERAPIA PELA PALAVRA – O PODER DA LINGUAGEM

No encontro seguinte, pastor e analista conversaram sobre o tema: “No centro do tratamento psicoterapêutico está a *palavra*”.

- O diálogo intenso com o paciente - falou o analista -, tem importância capital, porque as comprovadas possibilidades de acesso pela palavra à elaboração emocional do paciente pressupõem que no cérebro há conexões do sistema límbico com os centros superiores da linguagem. Isso já foi comprovado por testes realizados com técnicas de diagnóstico por imagem. Por exemplo, quando uma pessoa lê uma lista de palavras no meio das quais existem aquelas que, para essa pessoa, têm conotação/sentido de dor, vergonha ou medo, ao pronunciar essas palavras “ameaçadoras”, aparecem imagens de ressonância magnética funcional nas amígdalas situadas nas regiões direita e esquerda do cérebro, regiões que atuam no reconhecimento de “situação de perigo”.

- Já li - atalhou o pastor -, que esse mecanismo de defesa é muito antigo na escala evolutiva, e que ele surgiu bem antes do ser humano ter desenvolvido funções mentais superiores, entre elas, a capacidade lingüística. A propósito, entendo que a criança, desde o ventre materno, apresenta um desenvolvimento que parece recapitular algumas etapas (ou *eras*) evolutivas da espécie humana. Segundo correntes teóricas da Psicologia Evolutiva, principalmente da Psicogenética, o embrião humano recebe na fecundação um *quantum* de *energia instintiva*, que Freud chamou de ID. Deduzo que esse *quantum*, pela ótica psicanalítica, se refere ao inconsciente primitivo ou à memória genética remota, parte herdada do pai, parte herdada da mãe. Já pela ótica teológica, esse *quantum* se refere à dimensão do *espírito* humano, integrada às dimensões do corpo e da mente-alma. Posso então inferir que desde o momento da fecundação a mãe – e até outra pessoa -, já pode acessar essa memória I atente primitiva e atuar na formação do sistema límbico do feto. Essa atuação pode cumprir dupla finalidade: a curativa, que interfere na memória primitiva caso ela esteja carregada de rejeição, fobias e deformações genéticas herdadas, cargas que a medicina chama de “tendências” e a Bíblia chama de “maldições”. E a função mais preventiva, quando os pais passam mensagens-vacina de fé, segurança

e amor àquele novo ser, se é que realmente esse casal planejou o bebê e o desejou dentro da perspectiva divina de uma vida sob a proteção do *casamento* e do convívio em *família* (10).

- Vários estudiosos das emoções, entre eles Joseph LeDoux, embora admitam a veracidade dessas descobertas científicas, têm dúvidas a respeito da modificabilidade dessas padronizações de valores e tendências impressas na memória genética infantil. Para LeDoux, a única possibilidade terapêutica estaria na geração e regeneração de outras *redes* córtico-límbicas de neurônios para controle do comportamento.

- Mas é aí que entra o milagre da possibilidade de sermos de novo gerados pela Palavra Viva - interferiu o pastor. Aprendi, com mestres em Linguística e Psicogenética Aplicada e com minhas práticas psicopedagógicas e de aconselhamento pastoral clínico, o quanto a “palavra” tem de poder para produzir *vida, fé e confiança* ou para provocar *medo, atrofias e morte*. Nos meios religiosos carismáticos essa *enunciação* da Palavra de Deus é chamada de palavra profética *rhema*, capaz, segundo a experiência do profeta Ezequiel, de transformar um montão de ossos secos em poderoso exército de pessoas redivivas. E é aqui que surgem novas polêmicas entre pastores e psicanalistas: aqueles afirmando uma diferença fundamental, qual seja, que na terapia divina a Palavra Viva não é a palavra-sugestão da técnica neuro-linguística, mas sim a pessoa viva de Jesus Cristo.

- Bem - atalhou o analista -, nosso assunto é psicoterapia pela palavra *clínica*, certo? Os três pilares da psicoterapia são: *memória, emoção e palavra*, por isso, a psicoterapia é tentativa - por meio de funções corticais superiores como a linguagem -, de exercer influência modificadora sobre padrões reativos implícitos e talvez indelévels que, pela via do sistema límbico, controlam estados emocionais e relacionamentos. Essa necessária modificação das conexões entre células nervosas exige da parte dos psicanalistas muita competência, trabalho e tempo, inclusive por causa da questão relevante aqui levantada que gira em torno de qual seria a psicoterapia mais “certeira”, se a terapia com medicamentos ou a terapia comportamental, mediante o uso da palavra-sugestão.

- O estudo pioneiro de Lewis Baxter, da Universidade de Califórnia, Estados Unidos, feito nos anos 90 com dois grupos de pacientes que apresentavam transtornos obsessivo-compulsivos (TOC) e a pesquisa de Arthur Brody, colega de Baxter, feita com pacientes vitimados por depressão grave, demonstraram que há diferenças mínimas entre o tratamento medicamentoso e o psicoterápico.. Mas, isso não serve como resposta completa para essa questão, principalmente por causa destas duas razões: 1) ainda não é possível concluir se ambos os tratamentos atuam sobre os mesmos mecanismos cerebrais e 2) se as modificações observadas no cérebro são expressão da melhoria tão somente dos sintomas, melhoria que pode ser obtida por diferentes meios, inclusive pela *pneumoterapia*, isto é, *terapia espiritual*. No todo, porém, já é possível concluir que é insustentável a rigorosa separação entre, de um lado, o tratamento somático com medicamentos que exercem influência direta sobre o sistema nervoso-hormonal, e, do outro, a psicoterapia com seus efeitos puramente subjetivos.

- Ótimo - exclamou o pastor! O que estou ouvindo confirma o poder da cura pela palavra falada, porque, na verdade, é pela fala divina que todas as coisas foram criadas. É o *mundo da palavra* que cria. Está escrito: “No princípio era o Verbo”, isto é, a Palavra-Ação criadora. A palavra só se realiza quando *denominamos*, quer dizer, quando damos nomes às coisas. Isso esclarece porque a primeira tarefa dada por Deus a Adão foi classificar todas as coisas dando-lhes nomes. Nome é *substantivo*, quer dizer, tem *substância*. Há muitos exemplos na Bíblia sobre isso. Toda e qualquer pessoa que nasce de novo por obra e graça do Espírito Santo, ganha um novo nome que é registrado para sempre no Livro da Vida do Cordeiro de Deus, no cartório do Céu, cuja *Pátria* é Canaã, cujo *Estado* é Monte Sião e cuja *Cidade* é Jerusalém Celeste. É de capital importância descobrir que *substância* há, se divina ou maligna, em todo e qualquer nome ou palavra proferida. Se a palavra é para o bem é bendita, se foi

(10) – A propósito dessa *proteção e convívio*, lembro-me da afirmação do Prof. Lauro de Oliveira Lima: ” Assim como o *útero* está para o feto, assim está o *pequeno grupo* para o indivíduo”. Leia mais sobre isso em: “Família & Casamento – A Sexualidade Humana”, (Gonçalves, Jairo - BH: Betânia, Missão Vidas – 2003).

enunciada para o mal, é maldita. Dicção significa dizer/falar. Toda *mal-dicção* ou *bem-dicção* traz em si uma *substância/espírito/personagem*. Isso nos remete de novo à questão da memória primitiva, nosso inconsciente coletivo repleto de *arquétipos*, isto é, personagens e vozes dos antepassados, não é?

- Modernos professores de neurologia, como, por exemplo, Antonio Damásio, acreditam que “na aurora da humanidade, a palavra não existia”. Para Damásio, “a linguagem surgiu quando o homem, e talvez algumas espécies que o precederam, soube conceber e organizar ações, elaborar e classificar as representações mentais de indivíduos, eventos e relações” (Revista *Mente&Cérebro*, n.143, p.43). A humanidade herdou uma espécie de *estrutura genética* ou *DNA da Palavra*, se quisermos aceitar a teoria de Noam Chomsky. Para esses professores, o fenômeno chamado *linguagem* pré-existe nos bebês bem antes deles pronunciarem as primeiras palavras e frases. Isso nos remete ao velho debate sobre o que é inato e o que adquirido a respeito de nossas funções mentais superiores, entre as quais se destaca a linguagem. Ao estudarem as bases neuronais da representação de objetos, eventos e suas relações através de sons, gestos e signos simbólicos, os neuropsicólogos buscam descobrir não só os mecanismos cerebrais de representação da linguagem, mas principalmente, como é possível modificar as representações mal estruturadas por causa de falhas, desvios e traumas. Isso porque o cérebro não registra apenas os diversos aspectos da realidade exterior, mas principalmente, o modo pelo qual o corpo e a mente do indivíduo exploram e elaboram esses aspectos e porquê, como, quando e para quê reagem aos estímulos dessas realidades externas.

- É bom ouvir isso - disse o pastor. Tenho descoberto que, a rigor, não são os estímulos externos que nos fazem agir, mas sim a quantidade e qualidade de nossos encaixes internos para esses estímulos. Creio que o supremo mestre Jesus estava pensando nisso quando ensinou que não é o que entra pela boca que contamina, mas sim o que sai, elaborado que foi pelo sistema mental e espiritual.

- O cérebro não apenas armazena as informações relativas aos objetos e seus usos. Sua função básica é estruturar essas informações, isto é, conservar, classificar e ordenar, de forma que eventos e conceitos devidamente associados e re-elaborados possam ser reativados simultaneamente. Essa estruturação se dá pela formação de novas ligações ou sinapses entre os neurônios, sinapses que formam redes ou circuitos mentais. Como o cérebro registra simultaneamente aspectos variados das percepções e das ações, essas redes produzem também representações simbólicas diferenciadas. Vê-se logo que os mecanismos lingüísticos são muito complexos, por isso, podemos duvidar que a engenharia neuronal que governa esses mecanismos seja inteiramente elucidada pela metodologia científica de rigor experimental.

- Sim - atalhou o pastor. Lemos na carta do apóstolo Paulo aos Gálatas, que ele enfrentou obstáculos vindo dos judeus e dos gregos ao anunciar o Evangelho da Cruz de Cristo. Os judeus pediam sinais miraculosos e os gregos buscavam sabedoria. Paulo foi bastante apologético ao afirmar que Deus tornou louca a sabedoria deste mundo, visto que, por ela, os homens não conheceram a Deus. Por isso, Paulo pregava Cristo crucificado, que embora fosse escândalo para os judeus e loucura para os gregos, era, para os que acolhiam a mensagem da Cruz, poder de Deus e sabedoria de Deus. E Paulo concluía: “Porque em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”. Judeus e gregos precisavam acreditar que Jesus era a Pedra Filosofal, o Verbo, a Palavra Viva, o Messias que encarnou e habitou entre nós.

- Mas, voltemos ao nosso assunto sobre terapia pela palavra – disse sorrindo o analista.

- Percebo que estamos diante de alguns sérios dilemas – disse também sorrindo o pastor. Afinal, a cura ou alívio vem de qual palavra, de qual tipo de transferência, de quais competências técnicas? Vêm da fé-confiança do paciente em quem e em quê? Li no jornal Estado de Minas (13/01/2005, seção Ciência-Pesquisa, p.16), que cientistas britânicos querem saber como a fé religiosa atua no cérebro das pessoas, principalmente naquelas que se submetem a sensações dolorosas. Querem “saber se ter fé em Deus é uma forma eficaz de aliviar a dor”; se os que são mais religiosos têm melhor e mais capacidade de tolerar a dor e a agonia, do que os chamados “não crentes”.

- Aliviar o paciente de qualquer tipo de dor é o alvo por excelência de todo tratamento terapêutico -

disse o analista. Não nos propomos *salvar* as almas dos pacientes, repito Tenho aqui em mãos o exemplar nº 143, da Revista *Mente&Cérebro* que publica um artigo assinado pelos neurocientistas Antonio Damásio e Hanna Damásio, chamado “O Cérebro e a Linguagem”. Eles relatam que, no fim de 2003, estudos conduzidos por especialistas da Universidade da Califórnia, Estados Unidos, indicam que homens e mulheres apresentam diferentes respostas à dor: os homens respondem usando mais as regiões cerebrais cognitivas ou analíticas; as mulheres usam mais as regiões do sistema límbico que controla a memória e as emoções. Para esses especialistas a razão para essa diferença pode datar de tempos primitivos quando as funções dos homens e das mulheres eram mais distintas. Eles ainda se referem a estudos avançados a respeito do mapeamento da dominância cerebral e da reação de diferentes regiões cerebrais quanto à estruturação e mediação da linguagem. Vou ler o que eles dizem a respeito.

As lesões do hemisfério esquerdo do cérebro, próximo à cissura de Sylvius, perturbam mais a formação de palavras e frases. Essa área é a mais estudada pelos especialistas em linguagem, desde que Paul Broca e Carl Wernicke descobriram, há mais de 150 anos, que as estruturas da linguagem aí se localizam. Broca e Wernicke comprovaram também o fenômeno da dominância cerebral: na maioria dos seres humanos - 99% dos destros e 30% dos canhotos -, os centros da linguagem estão no hemisfério esquerdo. O estudo de pacientes afásicos (que perderam parcial ou totalmente o uso da palavra), tem confirmado a importância de estruturas do hemisfério esquerdo na linguagem. Edward Klima, da Universidade de San Diego, e Ursula Bellugi, do Instituto de Estudos Biológicos de San Diego, mostraram que as lesões nas estruturas cerebrais de formação das palavras são acompanhadas por afasias da linguagem gestual. Assim, alguns surdos que apresentam uma lesão cerebral do hemisfério esquerdo perdem a faculdade de compreender ou de produzir os signos da linguagem gestual. Como o córtex visual deles está intacto, a deficiência não provém de uma má percepção visual dos signos, mas da incapacidade de interpretá-los. Por outro lado, os surdos que apresentam lesões no hemisfério direito, longe das áreas da linguagem, tornam-se por vezes incapazes de ver os objetos situados na metade esquerda do seu campo visual ou de perceber as relações espaciais entre os objetos, embora conservem a capacidade de compreender e utilizar a linguagem gestual. Portanto, o hemisfério esquerdo contém os centros de processamento da linguagem, quaisquer que sejam as vias de transmissão dos signos lingüísticos (p.46).

- O que estou ouvindo reforça minha compreensão de uma terapia que, para ser profunda e duradoura, precisa fazer uso da Palavra que atinja o inconsciente. Esse tipo de terapia não acontece apenas por via consciente, isto é, pela compreensão racional e gramatical da *babel* lingüística da humanidade, porque se assim fosse, pacientes portadores de lesões neuronais nos centros de processamento da linguagem ou no sistema límbico, por exemplo, não teriam chance nem de alívio, quanto mais de cura. Entendo, como conselheiro e terapeuta espiritual educacional, que a palavra dessa terapia mais profunda tem tudo a ver com a dimensão mais profunda da mente humana que nós religiosos chamamos de *espírito* e que a Psicanálise chama de *inconsciente*. Esse inconsciente não seria a memória genética remotíssima, reduto dos arquétipos, espécie de síntese de milhares e milhares de partículas espirituais herdadas? Porventura, o inconsciente não seria a marca registrada de nossa divindade, o DNA síntese dos sete Espíritos de Deus, mencionados no Apocalipse?

- Não sou teólogo - sugeriu o analista. Quando perguntaram para Freud se ele acreditava em Deus, ele simplesmente respondeu que o Deus no qual acreditava era o *inconsciente*. Por isso, foi considerado ateu, contrário à fé cristã, um cientista *perigoso*.

- Embora já idoso - atalhou o pastor -, eu me formei Mestre em Língua Portuguesa. Queria saber mais sobre o “mundo das letras”, atingir o “espírito das palavras”, conseguir o. “resgate da palavra”. Desde o berço fui educado na tradição cultural-religiosa *judaico-cristã* para crer na Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, e praticar essa Palavra. Deveria falar sempre a verdade, porque “quem fala mentira é filho do Diabo”. Mas, ainda criança e ao ser formalmente alfabetizado, descobri que o mais valorizado era falar gramaticalmente correto, isto é, segundo as regras gramaticais e conforme os usos e costumes da tradição sócio-cultural vigente. Ainda não sabia perceber com que *espírito* as pessoas falavam, escreviam e interpretavam as linguagens, principalmente, a Palavra de Deus. Declamava artisticamente o Salmo do Bom Pastor, mas não conhecia o Bom Pastor do Salmo. Apenas rezava a “Oração do Pai-Nosso”, porque, na verdade, não conhecia o “Pai-Nosso da oração”. Na Escola passei por um processo de alfabetização em que a sintaxe era mais importante do que a semântica, quer dizer, a sistematização gramatical era mais importante do que a construção estrutural do *significado* ou *espírito* das letras, pala

bras e frases. Por isso, o meu inconsciente religioso e sócio-cultural precisou passar por uma terapia mais profunda, isto é, cura de minhas *cegueira* e *surdez* espirituais, vindas através daquela Fé que vem por um novo ouvir, isto é, o ouvir milagroso do Espírito pela Palavra de Deus. Está escrito: que a fé salvadora vem pelo milagre do novo ouvir pela Palavra de Deus; logo não se trata fundamentalmente da audição física, do entender a linguagem oral/escrita pela uso da razão.

- Isso é muito interessante – acudiu o analista. Quer dizer que uma alfabetização inadequada gera os chamados “analfabetos funcionais”, que lêem e ouvem mas não entendem?

- Sim – respondeu o pastor. Jesus, em particular, explicou aos discípulos porque falava por parábolas: *para que eles ouvindo, não escutassem com os ouvidos físicos, e vendo não enxergassem apenas a realidade física.* É de Jesus Cristo que vem o milagre da regeneração para que vejamos com os *ouvidos do arrependimento* e escutemos com os *olhos da fé*. A fé salvadora é definida na Bíblia como o firme fundamento das coisas que se esperam e prova das que são invisíveis aos olhos do homem *psíquico* ou homem *natural*.

CAPÍTULO 12

CÉREBRO E MENTE – CORPO E ALMA – BIOLOGIA E PSICOLOGIA

No encontro seguinte, pastor e analista voltaram a conversar sobre terapia pala palavra. Retomaram a conversa sobre o cérebro ou mente dentro do enfoque “cérebro e linguagem”. O pastor começou expondo algumas anotações de suas últimas leituras sobre o assunto.

- Por causa das muitas pesquisas e descobertas feitas por neurocientistas para dissecar a essência do cérebro humano – que é um potente e complexo processador central bio-químico-elétrico -, os anos 90 têm sido chamados de “década do cérebro”. Entretanto, apesar de tantos e rápidos avanços científicos nosso cérebro continua sendo a parte mais desconhecida do corpo humano. E isso não deixa de ser preocupante porque cada nova pesquisa revela que o cérebro responde por todo o nosso modo de ser, sentir, agir, enfim, viver. A Revista Época de 27/12/2004, cuja manchete de capa é “O futuro já começou”, apresenta na p.51 uma reportagem de Segatto e Termero sobre o corpo humano intitulada: “As próximas fronteiras”. Fomos informados de que está em curso o projeto que criará o Superatlas do Cérebro. Esse mais novo e ambicioso esforço científico - bancado pelo milionário americano Paul Allen, co-fundador da Microsoft -, deverá decifrar, até 2008, os genes que controlam a caixa preta do nosso sistema nervoso central e periférico. Crê-se que o mapa pioneiro dos genes que atuam no cérebro ajudará a elucidar o principal mistério que é a “aquisição da consciência”. Para Allen Jones, o americano que dirige esse fabuloso projeto, a identificação dos genes expressos no cérebro permitirá que os cientistas não só compreendam o papel deles na estruturação e desenvolvimento de todas as habilidades, mas, principalmente, que tenham nas mãos a mais completa ferramenta para conhecer, controlar e fabricar remédios visando ao tratamento terapêutico de depressões, compulsões e doenças neurodegenerativas.

- Sem dúvida - disse o analista -, penso que o mapeamento dos genes que atuam no cérebro será a *quarta onda* que marcará o século XXI. Embora já saibamos como o cérebro comanda movimentos e guarda memórias, ainda não sabemos como cada indivíduo reflete sobre si mesmo, isto é, como é que toma consciência de seu próprio EU. Entender a consciência, isto é, conhecer o consciente e principalmente o inconsciente, é chegar à fronteira da inteligência suprema universal, é chegar ao poder máximo de criar e recriar todas as coisas. Essa conquista, ou *quarta onda*, produzirá uma revolução científica maior do que as causadas pelas descobertas de Copérnico, Darwin, Freud, Einstein e outros.

- *Quarta onda?* Dá para explicar?

- Para identificar momentos históricos marcados por revoluções científico-tecnológicas tem sido usada a expressão “onda”, quer dizer, um montante de ciência ou conhecimento que surge com força capaz de desestabilizar e até de fazer ruir velhas e renovadas tecnologias e conhecimentos, algumas tendo imperado durante séculos. É uma espécie de “revolução político-ideológica”. Para Alvim Tofler, cientista do futuro que escreveu os livros: “A Terceira Onda” e “O Choque do Futuro”, a terceira onda, que marcou o final do século XX, diz respeito à era do conhecimento virtual, isto é, à era da informatização computadorizada.

Há 30 anos atrás, Vernor Vinge, professor de Ciência da Computação da San Diego State University, desenvolveu a idéia de que o avanço tecnológico na área da informática revolucionaria a vida humana. “Até 2030 – afirma o prof. Vinge em entrevista a Ruth Helena Bellinghini (Revista. Época, nº 350, 31/01/2005, p. 25) – surgirá um supercomputador mais inteligente do que os humanos. A partir desse momento, o mundo não será mais nosso. As máquinas terão consciência própria e capacidade de gerar outras máquinas ainda mais inteligentes e criativas”. Para Vinge, essas máquinas geniais poderão transtornar a nossa vida humana. Poderemos ser extintos e/ou mantidos como bichos de estimação e/ou como seres escravos para executar tarefas banais. Entretanto, não é a tecnologia em si mesma que marcou essa terceira onda - até porque toda tecnologia fica sempre disponível, basta ter dinheiro para comprá-la e ampliá-la. O que marcou época foi o conhecimento que adveio das tecnologias. Logo, já que o próprio Toffler reconhece que tal conhecimento é o maior bem de capital para desenvolvimento com sucesso de todo tipo de empresa - desde que se saiba dominar a gestão desse conhecimento -, é que eu chamo esse assombroso conhecimento de *quarta onda*.

- Muito interessante - atalhou o pastor -, e extremamente bíblico. Cito alguns exemplos. Quando Adão e Eva comeram o fruto do Conhecimento do Bem e do Mal, eles se tornaram tão poderosos que tiveram que ser expulsos do Paraíso para evitar que tivessem acesso ao fruto da árvore da Vida Eterna (Gn 3:22-24). Foi Deus que disse: *Agora eles são como um de nós*. Outro exemplo é sobre a torre de Babel. “A terra toda tinha uma só língua e uma só maneira de falar”, quando os humanos aprenderam a fazer cal e betume e tijolos para substituir pedra. “Então disseram: edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo toque no céu, e façamo-nos um só nome, para não sermos espalhados pela face de toda a terra” (Gn 11:1-9). Deus, para que aqueles humanos não auto se programarem deuses capazes de conhecer tudo e fazer tudo o que planejassem, modificou a parte do cérebro de cada um, mexeu na região responsável pela *com(s)ciência* da linguagem universal. Dali em diante não mais puderam se unir e produzir *conhecimento global*. Estava criada a *babel*, a *confusão*, marca registrada da pós-moderna torre de babel, quer dizer, a *babel da globalização neoliberal*.

- Isso se parece com o poder da *quarta onda* – disse o analista. O crescente sucesso das conexões sem fio - que criam uma espécie de simbiose aprisionadora entre o homem e as máquinas; o desenvolvimento de *softwares* de computadores capazes de se auto programarem; e o crescente número de CPUs trabalhando em rede -, nos fazem prever que, num futuro muito próximo, o mundo será dominado e gerenciado por um inteligente e superpotente robô globalizante.

- Outro exemplo – interrompeu o pastor -, diz respeito às advertências bíblicas para esses tempos apocalípticos: as pessoas são destruídas porque lhes falta o pleno conhecimento da Verdade que é o Jesus Redivivo. O erro fatal dos religiosos, à época de Jesus, era a cegueira espiritual. Conheciam a Lei, mas não reconheceram a Graça. Desconheciam o Espírito das Escrituras. Eles viram apenas o Jesus da História, por isso rejeitaram o Cristo da Fé. Não conheceram o Caminho, a Verdade e a Vida.

- O mapeamento pioneiro dos genes do cérebro – retomou o analista -, tem derrubado alguns mitos e tem modificado antigos dogmas científicos. Vou citar alguns exemplos. Acreditava-se que o cérebro nasce com um número fixo de neurônios que se desenvolvem e formam novas redes sinápticas apenas até os 6-7 anos de idade. Hoje sabemos que neurônios novos são adicionados. Continuamente. a algumas regiões do cérebro adulto por meio de super *sinápses (ligações)* criadas principalmente quando o indivíduo experimenta fortes motivações. Fuerstein, famoso educador israelita, acreditou e comprovou ser possível modificar o cérebro adulto. Hoje, por exemplo, já sabemos que as células gliais do cérebro se transformam em neurônios e são capazes de modular sinais de transmissão entre neurônios. Também já sabemos que não há um sistema unificado de memória e que ela não depende de uma só massa de neurônios, pois são vários os sistemas de memória no cérebro. E cada sistema emprega circuitos próprios. As emoções, que eram estudadas só pela Psicologia - e eram consideradas indesejáveis na hora de tomar decisões -, hoje são consideradas importantes na hora de decidir. Já podemos localizar e estudar as emoções através de imagens do cérebro. O cerebelo, que é uma parte do cérebro, era considerado importante para o equilíbrio e a coordenação motora, mas hoje já se sabe que o cerebelo, além de participar das sensações, tem função cognitiva e emocional. Antes os cientistas pesquisavam se características emocionais, como a a-

gressividade, eram ou não determinadas pela genética. Hoje já sabemos que os genes e o ambiente social influenciam o comportamento porque atuam em conjunto sobre o cérebro. Antes, tratar a mente pela Psicanálise era considerado diferente de tratar o cérebro com medicamentos antidepressivos. Hoje, para a Neurociência, tratar o cérebro com remédios é sinônimo de tratar a mente através de psicoterapia. Aproveitando a criação do braço robótico, por exemplo, o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis ganhou notoriedade porque demonstrou ser possível mover braços mecânicos apenas com sinais cerebrais.

- Ah! - disse o pastor -, estou entendendo que todos os médicos e psicoterapeutas precisam aceitar que não é científico, e nem eficaz, considerar cérebro e mente, corpo e alma, vida biológica e vida psíquica como entidades separadas. Entendo que é preciso um novo pensar sobre a dicotomia cartesiana já bem antes representada pelo apóstolo Paulo ao descrever a batalha entre o corpo e a mente/alma e entre a alma e o espírito. Precisamos compreender melhor essa pseudodicotomia. Está escrito que a Palavra de Deus – bisturi usado por Deus para cirurgias espirituais -, é comparada com espada de dois gumes que penetra na medula de nosso psiquismo, para fazer separação entre a *alma*, que comparo com o *consciente*, e o *espírito*, que me parece corresponder ao *inconsciente*.

- Mas, – perguntou o analista -, o que é que você chama de *alma* e chama de *espírito*? Seriam entidades formadoras do inconsciente coletivo que remonta do Éden? Seriam uma síntese de partículas espirituais herdadas dos antepassados e que formam arquétipos ou conjunto de vozes/personagens familiares?

- Creio que o nosso *espírito* humano é a *consciência de Deus* que foi assoprada como fôlego da Vida Plena para dentro do corpo e alma do ser humano primordial. Ao formar Adão à Sua imagem e semelhança, Deus criou um só corpo *material*, uma só alma *mental*, e um só espírito *eterno*. Cada descendente humano é uma síntese de partículas integradas de um só corpo, alma e espírito originais. Eis porque o Verbo Divino ao encarnar, se intitulou “Filho do Homem”, e os apóstolos interpretaram que Jesus é o *Segundo Adão*, o *Adão Vivificante*. Pelo *novo nascimento espiritual* podemos obter a regeneração ou vivificação da mente e do espírito mortificados pelo pecado original. Como está escrito: *E Deus tornou a dar-nos Vida, nós que antes estávamos mortos em nossos delitos e pecados*.

- Sem dúvida – interrompeu o analista -, vivemos o limiar de uma nova era da ciência do comportamento humano, conforme afirma Dra. Vera Lemgruber, médica psiquiatra e psicóloga clínica, ao escrever sobre as bases neurocientíficas da psicoterapia (Revista Viver Mente&Cérebro, nº 144, p.24-28). Hoje, psicoterapeutas e neurocientistas cada vez mais se afastam da dicotomia cartesiana que define corpo e mente como entidades separadas e antagônicas, e adotam, na área da saúde mental, uma postura pragmática baseada no paradigma de integração cérebro-mente, cognitivo-afetivo. Já que todo processo psicoterapêutico desencadeia mudanças no comportamento do paciente, é possível pressupor, como faz Dra. Vera, que isso só acontece porque, inevitavelmente, há alguma alteração no funcionamento cerebral através de transformações nas conexões neuronais. Pesquisas com estudos de imagens do cérebro feitas por tomografia cerebral computadorizada com emissão de pósitrons (PET *scan*) e imageamento por ressonância magnética funcional (fMRI, em inglês) - para tentar estimar quais áreas do cérebro consomem mais energia quando se usa injeção radioativa e/ou psicoterapia -, comprovaram essa suposição. Sendo assim aceita-se, em geral, que a psicoterapia é também uma poderosa intervenção que afeta e modifica diretamente o cérebro.. Lemgruber, no artigo citado, informa que em 1995 introduziu o conceito de “efeito carambola” na sua técnica de psicoterapia focal. Para explicar o mecanismo de potencialização dos ganhos terapêuticos através de repetidas experiências emocionais corretivas, Dra. Vera fez uso de uma comparação com o jogo de bilhar. Nesse jogo, a tacada em uma bola move uma série de outras que, embora não atingidas diretamente pelo impacto inicial do taco, são impulsionadas pelo movimento gerado pela primeira bola atingida. Esse efeito carambola, segundo comprovações feitas pela Dra. Lemgruber, permite que se formem na mente novas redes de conexões neuronais, o que abre possibilidade de formação biológica do domínio psicológico e de reestruturação emocional, pela modificação dos circuitos de memória explícita e implícita.

- Muito interessante - atalhou o pastor. Isso me lembra os ensinamentos de Jesus e a doutrina bíblica dos

apóstolos a respeito da “renovação da mente”; isto é, que pela *renovação espiritual* da mente natural podemos obter a “mente de Cristo”. O apóstolo Pedro escreveu: “Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da semente incorruptível, a Palavra de Deus Viva, que permanece para sempre”. (1Pe 1:23). Mas, eu entendo que isso é muito mais do que tratamento pela técnica neurolingüística de sugestão e muito diferente do que chamam de *lavagem cerebral*. É purificação total pela vivificação do espírito humano. Jesus pregou: “Bem aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus”. E para Pedro, que queria ter todo o corpo lavado e não apenas os pés, Jesus afirmou: “Vós já estais limpos, mas não todos. Vós já estais limpos por causa da Palavra que vos tenho falado”. (João 13:10 e 15:3). (O analista pigarreou e retomou a linha psicanalítica da conversa)

- Cientistas do passado, como Freud, já previam que futuramente a Biologia e a Psicologia se uniriam como ciências geminadas. Desde a pesquisa pioneira feita por Baxter e colaboradores, em 1992, recentes descobertas sobre o funcionamento do cérebro têm sido aproveitadas por novas tecnologias que permitem analisar os efeitos, no funcionamento cerebral não só dos modernos remédios psicotrópicos, mas também de intervenções psicoterapêuticas. Vou ler aqui alguns exemplos sobre efeitos no funcionamento cerebral causados por remédios e psicoterapia, citados na Revista Viver Mente&Cérebro (nº 144, p. 28).

Dados de imagem visual de ensaios clínicos com pacientes diagnosticados com transtorno de stress pós-traumático (TSPT), realizando avaliação pré e pós através de *SPECT* (tomografia computadorizada por emissão de fóton único), após terapia com EMDR (movimentos dos olhos para dessensibilização e reprocessamento), mostraram que, após esse tipo de procedimento houve aumento de metabolismo pré-frontal e diminuição de ativação do sistema límbico (Van der Kolk, 1997). Pesquisa sobre o resultado da psicoterapia cognitiva no trato de sintomas do transtorno de stress pós-traumático (Rauch *et al.*, 1996), verificou -, através de medições das mudanças do fluxo sanguíneo no cérebro, realizado por meio de *PET scan*, assimetria funcional com a predominância de estimulação do hemisfério cerebral direito e ativação do córtex visual e desativação da área de Broca. Esses dados corroboram a observação de que os pacientes com TSPT têm dificuldade de estruturar cognitivamente suas experiências traumáticas, tendendo a revivenciar a situação original como se ela estivesse ocorrendo naquele momento, e a não verbalizar essas experiências. Após o tratamento psicoterapêutico, no qual os pacientes foram expostos a narrativas vivas e detalhadas de seus próprios traumas, os resultados do *PET scan* revelaram um retorno ao funcionamento do fluxo sanguíneo cerebral simétrico, com ativação da área de Broca. Estudo usando *SPECT* antes e após um ano de psicoterapia psicodinâmica num paciente bipolar, com exames de imagem visual comparados com um paciente bipolar controle (que não recebeu nenhum tratamento), e com dez pessoas saudáveis, mostrou que, no início, ambos os pacientes apresentavam diminuição do metabolismo de serotonina no córtex pré-frontal e tálamo, em comparação com os indivíduos normais e que, o paciente bipolar, depois de um ano de psicoterapia, apresentou funcionamento serotoninérgico normal (Viinamaki H, Huikka J, Tiihonen J. *et al.*, 1998). Pacientes que apresentavam depressão maior, de acordo com a classificação DSM-IV, foram submetidos a 12 semanas de tratamento, um grupo tratado com medicamento antidepressivo serotoninérgico (paroxetina) e outro só com psicoterapia interpessoal, e ambos os grupos avaliados com *PET scan* no início e no final do tratamento. Na avaliação inicial, todos os pacientes estavam com metabolismo aumentado na região do córtex pré-frontal e diminuição na região do lobo temporal. Após 12 semanas, os pacientes que só receberam tratamento com remédios e os que só receberam tratamento psicoterapêutico apresentavam as mesmas mudanças metabólicas em direção à normalização nessas regiões. (Brody *et al.*, 2001).

- Isso tudo me parece tão fantástico quanto preocupante – disse o pastor. Se realmente pudermos mudar o nosso cérebro adulto de modo bio-químico e mental-emocional, que novo tipo de gente *desejante* e *pensante* poderemos vir a ser? Que novos sentimentos e conceitos, paradigmas e ideologias terão sido passados ou re-elaborados por esse cérebro adulto modificado? O filósofo americano Francis Fukuyama, que ficou famoso há alguns anos ao pregar o “fim da História”, afirmou que essa grande transformação radical da espécie humana virá de fabulosos recursos gerados pela Biologia Molecular e manipulação do DNA. Eu creio, porém, que a renovada e benéfica transformação no modo de sentir e pensar de humanos angustiados deve ocorrer pela Palavra Viva de Deus, para que tenham a *mente de Cristo*.

- Bem lembrado – disse o analista. Acontece que no processo terapêutico chamado de *espiritual*, o terapeuta, que se diz ungido pelo Espírito de Deus continua humano, situado historicamente, forjado dentro de uma cultura, sujeito às mesmas fraquezas e idiosincrasias do psicólogo, do psicanalista e do psiquia-

tra, não é mesmo? E você não pode duvidar e contestar que muitos médicos e psicoterapeutas, embora não pensem e nem creiam como os terapeutas evangélicos, alcançam ótimos resultados com uso apenas de medicamentos e psicoterapias, conforme atestam tantos crentes - mesmo sendo neopentecostais, pastores ou padres -, que só alcançaram cura e/ou controle eficaz após se submeterem a tratamentos psiquiátrico e psicanalítico. Como também você não pode contestar e negar este outro lado da questão: tantos cristãos fiéis que, embora submetidos apenas ao tratamento espiritual e bíblico não ficaram curados e morreram com suas doenças. Como também tantos cristãos e não cristãos que, submetidos apenas ao tratamento medicamentoso ou psíquico-terapêutico, também não foram curados. Outrossim, nós psicanalistas não propomos aos pacientes um tratamento para salvação da alma, libertação e cura total com quebra de maldições e perdão de todos os pecados. Parece-me que não vale a pena fazermos comparações de processos diferenciados em clima de competição, cada qual defendendo sua crença e sua metodologia para provar qual tipo de tratamento é mais eficaz, mais divino, mais poderoso.

Houve um momento de silêncio. Pastor e analista reconheceram que estavam voltando à questão inicial sobre a luta supra-racional entre o Bem e o Mal, sem levar em conta algumas lições de Jesus, o Mestre dos Mestres, que nos ensina a fazer o bem sem quaisquer tipos de intolerância e discriminação. Recordaram as grandes lições das parábolas do bom samaritano e do rico e lázaro, do caso da mulher apanhada em flagrante adultério. Ambos quase repetiram juntos, que a Palavra Sagrada diz: *Deus manda chuva para bons e maus*.

O Pastor aproveitou o clima e as pistas do que vinham conversando para falar sobre o lado ético e religioso das questionadas e revolucionárias práticas de fecundação humana *in vitro* e clonagens de embriões humanos para obtenção de células-tronco. O pastor indagou:

- Os espiritualistas *kardecistas* crêem que é só pela fecundação humana *natural* que os embriões recebem as almas ou espíritos de seus antepassados. Baseiam-se nessa crença para combater a fecundação *in vitro* e as clonagens. Mas, eu não creio desse modo. Creio em razões éticas e cristãs bem mais fortes para rejeitar fecundações em laboratório e clonagens. Contudo, tenho que admitir - por força de minha experiência pastoral clínica e de estudos em Psicogenética e Psicopedagogia -, que o espírito e a inteligência emocional de embriões gerados fora do aconchego moral e espiritual de um casal que se ama e se une para formar *família*, são portadores e transmissores potenciais de sentimentos inconscientes de medo e culpa, ansiedade e angústia. Creio que é contrário ao bom testemunho de uma vida cristã abundante, o fato que vi recentemente em programa evangélico de TV. O programa mostrou uma mãe feliz dando graças a Deus pelo milagre de ter tido um bebê de profeta. Mas, pasme meu caro analista! Foi contado e celebrado como grande benção, que aquela era a terceira tentativa vitoriosa, na qual foram fecundados *in vitro* dez óvulos. Desses, apenas cinco melhores foram implantados no útero materno, e desses cinco, apenas um sobreviveu e vingou. Causou-me calafrios quando a criança foi apresentada a Deus, sob aplausos e aleluias, porque ninguém ali pôde ouvir os gemidos do Espírito Santo, para orar assim: "Perdão, Senhor! Retira de nós e deste bebê o castigo do sangue dos vinte e cinco filhinhos e irmãozinhos dele que nós matamos".

Fez-se um silêncio. O analista pigarreou. O pastor, murmurando emocionado, continuou.

- Parece-me que nós humanos estamos ambicionando ocupar o lugar do Deus-Criador, embora nem tenhamos ainda assumido, com total responsabilidade ético-social, o poder recebido para gerar novas vidas. Queremos inverter os papéis, numa inversão típica do caráter maligno de Lúcifer. Da situação de *criaturas*, queremos o cetro do poder criador absoluto. Mas, isso está encoberto aos olhos dos cientistas e dos teólogos. Aqueles, pelo véu de uma caridade cega, e estes pelo véu de uma crença dúbia. Por causa disso, só pensamos em *eugenia*, sem jamais levar em conta a *eutanásia* e o infanticídio de massa, acreditando, iludidos, que todos os embriões, fetos e bebezinhos que morrerem ou forem mortos antes de chegar à idade da razão, estão *automaticamente* salvos e voarão como anjinhos diretamente para o céu. Para quem quiser ver, é possível enxergar nisso tudo a vitória da maior porta do inferno escancarada contra a maior porta-serviço da Igreja, que é a porta-ministério das crianças.

Afinal, por que e para quê *clonar* embriões humanos para obter as milagrosas células-tronco se já

temos essas células especiais prontas no sangue do cordão umbilical e da placenta? E, mais fácil: já podemos hoje tira-las da própria pele? Deus nos cure dessa cegueira espiritual para vermos o cumprimento desta verdade que detona os alicerces do inferno: *Da boca das crianças e dos que mamam Deus levanta força e perfeito louvor, por causa dos adversários, para fazer calar o inimigo e vingativo* (Sl 8:2; Mt 21:16).

O analista trouxe de volta o assunto sobre intervenções e transformações no cérebro humano segundo pesquisas e descobertas de cientistas citados. O pastor também queria saber mais sobre as revolucionárias mudanças advindas da Biologia Molecular e da manipulação do DNA. O horário, porém, já estava esgotado.

CAPÍTULO 13

CLONAGEM DE EMBRIÕES - CÉLULAS TRONCO - PROJETO GENOMA

- Sem dúvida – disse o analista ao retomar os assuntos do último encontro - o mapeamento dos genes que atuam no cérebro marcará o século XXI como o revolucionário “século do cérebro”.

- Concordo - disse o pastor. Estive lendo a respeito de estudos genéticos que investigam e estudam os hormônios que fazem o cérebro funcionar. Esse notável e arriscado avanço científico indica que a clonagem de embriões permite prever que dentro de cinco anos já será possível fazer uso popular dessas células germinais para reparar desordens neurológicas.

- A palavra *clone* - explicou o analista.-, vem do grego *klon* que significa *broto* e foi criada em 1903 pelo botânico H.J. Webber. O termo *clone* diz respeito a qualquer conjunto de células ou organismos produzidos sem relação sexual, porém, originário de um único ancestral ou parente que, ao contrário do clone, nasceu de uma relação sexual. Qualquer mamífero pode ser *clonado* em laboratório através de dois métodos: fissão de embriões e transferência nuclear. Pela fissão, os embriões se tornam gêmeos artificiais. Pela transferência de núcleos de células somáticas - células derivadas de quaisquer células diplóides de um organismo vivo em estado de embrião, feto, criança ou adulto -, para ovócitos ainda sem núcleo, onde produzirão embriões que serão capazes de se desenvolver quando transferidos para hospedeiros (úteros) adequados.

- Isso é fantástico - disse o pastor. Está profetizado na Bíblia que a ciência se multiplicaria porque o cérebro humano primordial foi constituído completo pelo Deus-Criador de todas as inteligências. Isso me faz lembrar de algo acontecido muitos anos atrás, numa reunião de grandes cientistas. Num dado momento dos estudos e discussões, um astrônomo evolucionista afirmou: “Astronomicamente falando, o homem não passa de um microscópico grão de areia”. Ao que, de pronto, outro astrônomo retrucou: “Astronomicamente falando, o minúsculo grão de areia é o astrônomo”. (Ambos riram).

- Mas – continuou o pastor -, voltando ao assunto do problema da clonagem de embriões humanos. O que considero mais problemático não está só na questão ético-social, mas na questão ético-cristã espiritual. É alarmante saber que, dos milhares de embriões humanos clonados e utilizados somente 10% a 20% sobrevivem. É preocupante saber que esses poucos embriões que sobrevivem foram *fabricados* fora da relação sexual conjugal estabelecida por Deus. Creio que é somente pela união sexual de *Evas e Adãos* que se unem no mesmo amor e *jugo de Cristo*, que, na hora da fecundação, mediante a toda oração e súplica dos pais no Espírito Santo, que Deus-Pai libera e aplica no espírito do embrião a *vacina* contra a maldição herdada desde o Éden e a *selagem* para o dia da Redenção.

- Em fevereiro de 1997 - continuou o analista -, os cientistas escoceses Wilmut e Champbel, do Instituto Roslin apresentaram ao mundo a ovelha Dolly proveniente de 277 embriões reconstituídos, dos quais apenas 29 se desenvolveram em mórulas ou blastócitos que foram transferidos para 13 recipientes. Desse complexo processo resultou um único parto, a primeira ovelha *clonada*. O motivo para este reduzidíssimo sucesso, embora fantástico, ainda permanece desconhecido. A criação de Dolly causou grandes polêmicas. Ficou no ar, entre muitas perguntas, a questão sobre a integridade biológica de um a-

nimal clonado, isto é, sua capacidade de viver e se reproduzir de modo natural e sadio. A resposta veio em fins de 1998 quando os mesmos cientistas escoceses mostraram ao mundo a ovelha Bonnie, linda e perfeita, ao lado da mamãe Dolly.

- Mas – atalhou o pastor -, eles não esconderam um fato triste: o envelhecimento precoce de Dolly.

- Sucederam-se outras clonagens no mundo – prosseguiu o analista. Por exemplo, depois de dois bezerros geneticamente idênticos, clonados em Julho/99, cientistas japoneses conseguiram, sete meses depois, criar oito bezerros de uma só vez.

- Mas, o que está causando maiores preocupações e discussões acirradas, é a intenção e possibilidade de clonar humanos.

- Os próprios cientistas que se dispõem a clonar humanos não escondem suas preocupações, porque sabem, por estimativa, que o percentual de anomalias advindas dessas clonagens pode chegar a 50%. Porém, o que os anima é que a clonagem de embriões humanos tem fins terapêuticos e regenerativos. Nesse caso, a clonagem de embriões humanos me parece totalmente justificada, até porque são usados blastócitos de até duas semanas de vida, época em que esses blastócitos usados são semi-embriões, quer dizer, não têm ainda vida humana completa em si mesmos.

- Mas – interrompeu o pastor -, eles não estão preocupados com duas questões de caráter ético e religioso. A primeira, se refere ao fato que, diferentemente dos animais e desde o início da fecundação, o ser humano é e está constituído de: corpo (*soma*), mente (*psiqué*) e espírito (*pneuma*). Logo, a questão ético-cristã crucial é esta: em que fase do desenvolvimento embrionário o bebê deixa de ser apenas um animazinho biológico como outro qualquer e se transforma num ser humano com corpo, à imagem e semelhança da divindade? - É no momento da fecundação ou meses depois? É na hora do parto ou anos depois, quando atinge a idade da razão? - Já sabemos como se dá essa clonagem ao nível da dimensão biológico-animal, mas o que acontece nas dimensões psíquico-mental e espiritual? “A manipulação genética ocorre só na matéria, nunca no espírito”, como crêem os *kardecistas*?

- A nossa Constituição Federal já previu essa questão ético-legal no Art 225, § 1º e na lei nº 8.974/95 que estabelece normas para esse artigo. O decreto nº 1.752, de 20 de dezembro de 1.995, que regulamentou a lei 8.974/95, nos seus artigos 8º e 13º proíbe e considera crime “a manipulação genética de células germinais humanas”. Embora essa lei seja muito rigorosa ao determinar que no Brasil é crime clonar seres humanos, isso não irá durar muito tempo. Cientistas do mundo inteiro estão numa corrida - velada em alguns países e já permitida em outros -, para ver quem será o primeiro cientista semi-deus a escrever seu nome na pós-moderna redação *New Age* para o livro de Gênesis.

- Jesus e seus apóstolos – interrompeu o pastor -, já tinham previsto que chegaríamos a um tempo em que muitos iriam preferir as posições filosófico-científicas jactanciosas dos impenitentes e ignorar a Palavra do Eterno.

- O cientista paulistano Lawrence C. Smith, considerado o “tio” brasileiro da ovelha Dolly, em entrevista divulgada pela Internet dia 09/02/2005, disse acreditar que a clonagem de embriões humanos para fins terapêuticos seria legalizada até 2010. Disse mais: “estamos caminhando rapidamente para a clonagem de humanos”. Segundo estatísticas oficiais confiáveis, já temos no Brasil cerca de 70 mil embriões fecundados *in vitro* e armazenados sob baixíssima temperatura. Esses embriões, frutos de sementes humanas fornecidas por casais que não puderam ter filhos, estão guardados em cofres supercongelados, esperando chegar o dia em que poderão ser reanimados para implantes nos úteros, então curados, das mulheres que forneceram os óvulos. Com a descoberta das células-tronco, capazes de restaurar neurônios, medulas e outros tecidos e órgãos degenerados - e com a recente pressão feita em Brasília a favor de milhares de brasileiros que têm anormalidades físico-mentais -, o Congresso Nacional sancionou a Lei que permite que os embriões humanos congelados há mais três anos, sejam liberados por seus *proprietários* para formação de células-tronco.

- Estou ciente disso tudo, porém, o que me choca e entristece é que até pastores, chamados que foram

para ser atalaias de Deus no Congresso, votaram a favor dessa Lei. Não perceberam que estavam votando a favor de uma nova forma de aborto *legalizado*. Sonolentas, enfraquecidas e de braços cruzados, as Igrejas, e seus líderes não percebem a proximidade de fenômenos apocalípticos que pregam com tanta veemência. Estamos na década da criação de um cérebro humano artificial muito mais inteligente do que o cérebro natural que possuímos, bem como da clonagem de seres *transgênicos* supra-rationais, fatos que a ficção científica cinematográfica está divulgando com fabulosos sucessos de bilheteria. É assim mesmo, quando nos calamos, as *pedras* clamam. Tais fenômenos irão abalar a fé e revolucionar as práticas religiosas da maioria dos que se dizem cristãos. Em geral, Igrejas e pastores estão subestimando os *tsunamis* de milhões de embriões humanos sacrificados, ora no altar da deusa Ciência, pela prática de fecundação *in vitro* e clonagens, ora no altar do deus Moloque, pela prática de abortos. O inimigo, ao cegar o entendimento humano, conseguiu fazer a cabeça da maioria dos pastores e teólogos pós-modernos para apregoarem este engano de Satanás: que os bebês que morrem estão automaticamente *salvos*. Esta é a grande mentira do diabo que tem, para escolha, duas faces, ou pior, duas máscaras. A máscara científica, para os que crêem que até antes de duas semanas só há semi-embrião, isto é, ausência de vida humana completa. E a máscara teológica, para os que crêem que embriões que morrem desde a fecundação até antes da idade da razão, mesmo que tenham sido assassinados, voam diretamente ao céu para povoá-lo de *anjinhos de Deus*. Ironicamente falando isso quer dizer que podemos até variar de máscara e ficar tranquilos, sem qualquer sentimento de culpa.

O analista pigarreou e pediu que a conversa voltasse para o plano científico. Mas, o pastor estava agitado e prosseguiu:

- Em 2002, escrevi e publiquei um projeto chamado *Genoma Espiritual*, que praticado na Missão Cristã Vidas Restauradas. Sou Bacharel em Teologia, Licenciado em Pedagogia, Pós-graduado em Psicologia da Educação, Professor especialista em Epistemologia e Psicogenética, e já pastoreei várias igrejas batistas. Preocupado com o silêncio da grande maioria dos líderes evangélicos diante das fecundações *in vitro*, barrigas de aluguel, legalização dos abortos e clonagens de embriões, tive a visão de um projeto que, fundamentado em revelações bíblicas e calçado no Projeto Genoma da Medicina, não está sendo muito considerado como o mais urgente e necessário projeto de Deus para restauração da Igreja nesses tempos do fim. Entendo que a restauração da Igreja – que é comparada com a Jerusalém Celeste ou Esposa do Cordeiro Jesus - está tipificada na reconstrução da Jerusalém histórica, que aconteceu nos tempos de Esdras e Neemias. Aquela reconstrução histórica começou com a reedificação do único muro (unidade), que tem doze fundamentos, e restauração das doze portas (serviços), a começar pela porta prioritária, que é a porta das ovelhas e cordeirinhos (Ap. cap.12, Ne. 3:1). Isso nos indica que a restauração hoje da unidade espiritual da Igreja - único muro com doze fundamentos apostólicos -, deve acontecer juntamente com a restauração da sua principal porta, que é a porta-ministério das crianças.

- Por que você acha que essa tal porta das ovelhas e cordeirinhos é a porta-ministério das crianças?

- Entendo que vivemos uma guerra entre dois Reinos, do Bem e do Mal, para conquistas de territórios e cidadelas. A Igreja, cidadela santa de Deus, tem doze portas/ministérios/serviços. Acontece que a principal porta do inferno, que é a porta das criancinhas, está prevalecendo contra a principal porta ministerial da Igreja, a porta das criancinhas, porque na sua tremenda maioria, as criancinhas, embriões, fetos e bebês estão morrendo *assassinados*. A reconstrução dessa porta-ministério implica, de um lado, a batalha espiritual para o resgate da vida e sangue de milhões de embriões, fetos e neonatos que morreram e morrem, a cada segundo, ora no ventre materno, ora nos vilarejos pobres africanos, ora sob bombardeios sanguinários, ora nos tubos de ensaio dos laboratórios de engenharia genética. Do outro lado, implica a vacinação e selagem no Espírito Santo dos embriões e fetos que estão vivos no ventre materno e dos bebês que ainda não chegaram à idade da razão. Está escrito que é da boca das criancinhas e dos que mamam que Deus levanta força e perfeito louvor, por causa dos adversários, para fazer calar os inimigos e vingativos que, travestidos de modernos *sambalates*, estão infiltrados dentro das igrejas para cegar e retardar a obra de restauração plena da Igreja, a Jerusalém Celeste, a Esposa do Cordeiro Jesus. Está escrito que o dragão, a antiga serpente diabólica, está de olho no ventre da mulher para tragar-lhe o fruto. Ele persegue as mulheres grávidas,

lançando contra elas ondas gigantes que saem de sua boca infernal escancarada (Ap. 12:15). O diabo age assim, principalmente, porque pastores e igrejas aceitaram a crença enganadora que todos os embriões, fetos e bebês humanos, que morrem desde a fecundação até à idade da razão, estão automaticamente salvos. É por aí que dá para entender porque é que não nos contentamos somente com o uso de células tronco tiradas do sangue umbilical e placentário e da medula espinal.

O pastor parou para respirar fundo. O analista pigarreou, fez novos “hum, hum”, e perguntou.

- Mas, o que foi que fez você acreditar nesse tal Genoma Espiritual?

- Depois que eu assisti o filme “Fim dos Dias” me fiquei mais inspirado para realiza o Projeto. Nesse filme, cuja historia acontece nos bastidores clericais da Igreja Romana, um artista que fez papel de policial, e que hoje é Governador da Califórnia, procura encontrar e proteger uma virgem escolhida por Satã para, estuprada e fecundada por ele, servir de útero de aluguel para trazer ao mundo o falso Messias, talvez a Besta do Apocalipse. Mas, só passei mesmo a acreditar mais e divulgar o conteúdo do Projeto Genoma Espiritual depois que constatei na minha própria família e na prática diária de minha clínica pastoral, que somente há total libertação de mulheres que praticaram aborto após a ministração completa do tríplice resgate. Essa ministração para resgate da vida, do sangue e do dinheiro gasto com os abortos se faz necessária e urgente porque todos os bebês - que morrem sem antes terem sido vacinados e selados espiritualmente -, não vão para o céu, mas permanecem retidos nos braços de deus Moloque, mencionado em Lv.18:21 e 20:2; 2Re 23:10; Atos 7:43. Jesus quer e pode resgatar essas vidas – porque das tais é o Reino dos Céus - através da oração de confissão, arrependimento e fé dos pais, todos aos pés da Cruz do Cristo Vivo. Para aplicação da vacina e selagem do Espírito nos embriões e fetos. eu me baseio no que aconteceu com João Batista que recebeu o selo e a vacina do Espírito ainda no ventre de Isabel (Lc 1:41,44). Devemos e podemos acabar com os impedimentos para que todas as criancinhas cheguem até os braços de Jesus.

- Estou ficando interessado nesse projeto. Sendo psicanalista, eu trato diariamente de problemas relacionados com traumas e distúrbios psíquico-mentais ligados às depressões que marcam a memória genética infantil, principalmente a memória de pessoas que foram rejeitas e estiveram sob ameaças de aborto desde o ventre materno. Creio que muito das depressões, como pré-menstrual, pós-parto e climatério, por exemplo - bem como angústias causadas por abortos não resolvidos -, têm relação com laços atávicos ou vínculos patológicos que ainda prendem esses pacientes ao útero da mãe e avós.

- Isso mesmo – disse o pastor. O Projeto Genoma Espiritual fala da importância dos fatos e circunstâncias relacionados com a fecundação, nidação, gestação e parto, inclusive do corte do cordão umbilical. Tudo porque o nascimento implica uma troca ecológica: o bebê sai do útero biológico para entrar no útero da família e sociedade. Antes e na hora do parto, a mãe precisa liberar totalmente o bebê e o pai presente deve dar-lhe acolhida total no útero psíquico-social da família. Para que o bebê saia do útero da mãe e entre no *útero da família* de modo seguro e feliz, deve acontecer um tríplice corte do cordão umbilical físico, mental e espiritual. É de suma importância que a fecundação e gestação do bebê sejam provenientes de uma união legal monogâmica, plena de aceitação e do amor responsável dado pelo Criador da Vida. O parto e o corte do cordão umbilical do recém-nascido precisam contar com a indispensável e importante participação direta do pai biológico. Mas, porque isso não acontece na quase totalidade dos partos, o inimigo, pai da mentira, adota os bebês e ganha legalidade para perturbar o seu desenvolvimento básico. Regra geral, as crianças só *descobrem* o pai biológico depois dos 5 anos de idade. Isso significa que na idade fundamental de 0 a 5/6 anos as crianças, na sua grande maioria, se desenvolvem como *órfãos de pais* vivos, pais ausentes ou erradamente presentes. Essas crianças *órfãs* tendem a se tornar adultos não resolvidos em relação à identidade psíquico-sexual, à obediência às autoridades, às delinqüências às depressões, às regressões às fases oral e anal, aos narcisismos e infantilismos, estes quase sempre retratados nas síndromes de Cinderela e Peter Pan. A propósito, seria bom lermos o que o ex-padre Leonardo Boff escreveu sobre a falta que faz hoje, na educação e formação da família cristã, da presença e atuação de *José*, o *pai* social de Jesus-Homem.

- Bem – disse o analista –, sabemos pela psicanálise que síndromes, transtornos de humor e outras

perturbações de ordem psíquico-mental estão diretamente relacionadas com a memória infantil ou o inconsciente infantil. Quer dizer, problemas de relacionamento com a mãe e o pai, desde o ventre.

- Sem dúvida – continuou o pastor -, *o útero está para o feto, assim como o pequeno grupo está para o indivíduo*, na expressão do prof. Lauro de Oliveira Lima, é correta. Razão por que o nosso inimigo maior - que veio para matar, roubar e destruir -, dirige seu arsenal de destruição para dois alvos principais: a deterioração das relações sexuais e a eliminação da maternidade em família, para que haja milhões de abortos e divórcios, milhões de órfãos e viúvas, a maioria tendo pais e maridos vivos. A maior porta do inferno está escancarada, porque o deus Esculápio está pondo a engenharia genética a serviço do deus Moloque. Esse é o mais terrível *tsunami* nesses tempos do fim. Precisamos acordar e tocar as duas trombetas de prata - mencionadas em Nm 10:2 e Ap 8:2 -, dentro das igrejas e dos laboratórios científicos. As palavras mais duras de condenação à morte, proferidas por Jesus, foram dirigidas àqueles que escandalizam crianças com seu mau exemplo, abandono, abusos e castigos. Então imaginemos o grau de indignação de Jesus para condenar aqueles que matam embriões, fetos e bebês humanos, em geral moidos pela vaidade, ganância e lascívia. O Apóstolo Tiago nos adverte que, *a religião pura e imaculada para com o nosso Deus e Pa, é cuidar dos órfãos e das viúvas nas suas aflições; e nos guardar da contaminação do mundo*. (Tg 1:27). Entendo que, para cumprir a primeira parte dessa sã doutrina apostólica devemos e precisamos empregar a maior parte dos esforços ministeriais, e da arrecadação de dízimos e ofertas, ao ministério da atenção materno-infantil que começa nos berçários das Igrejas. Não conheço uma só Igreja que realiza culto completo com e para os bebês dentro do berçário. É preciso dar prioridade para atendimento espiritual e material dos bebês e crianças, dos órfãos e viúvas, dos injustiçados e perseguidos, porque, só a respeito desses é que está escrito: “dos tais é o Reino dos Céus” (Mt 5: 3,10; 19:14) Quanto ao guardarmo-nos da *contaminação do mundo*, essa contaminação se refere ao maior mal ainda encoberto do *presente século mau*, que é a *depressão*. A mídia anuncia que o número mundial de pessoas que sofrem de depressão dobrou nos últimos 50 anos e vai triplicar na próxima década. Nisso estamos bem de acordo, não é mesmo?

O analista, que parecia estar cochilando, animou-se com a palavra final do pastor, mas teve que interromper. O horário estava super esgotado.

CAPÍTULO 14

DEPRESSÃO: A MAIOR DOENÇA INVISÍVEL DA PÓS-MODERNIDADE

No presente encontro, pastor e analista conversaram sobre a depressão, uma doença tão disseminada que já atinge uma em cada dez pessoas no mundo. Esse número, segundo os especialistas, deverá dobrar nos próximos dez anos. A certa altura da conversa o analista comentou:

- Ainda ignorada pela maioria de médicos e pela quase totalidade das pessoas doentes, o distúrbio da depressão é tão debilitante que a Organização Mundial da Saúde recentemente a classificou como a ocupante do quarto lugar na lista das cinco doenças que mais causam incapacidade para a vida e para o trabalho. E já está estimado que até 2020 a depressão, mal do século, chegará a ocupar um alarmante segundo lugar.

- Conforme publicação da Revista Galileu (Março/2005, nº 164) – prosseguiu o pastor -, calcula-se hoje que a depressão reduz a produtividade profissional em 10% ao longo da vida dos pacientes. Só nos Estados Unidos, por exemplo, os custos sociais da depressão chegam a oitenta e cinco bilhões de dólares ao ano. No Brasil, hoje, 15,6% da população já é afetada pela depressão e, ao contrário do que muita gente acredita, esse transtorno não está restrito à população que vive no ritmo intenso das grandes cidades. Estudos realizados na zona urbana de São Paulo e na pequena comunidade de Bambuí/MG constaram que nas duas localidades prevalece o mesmo índice de depressão, e com os mesmos sintomas.

- Além de representar despesas bilionárias para os cofres públicos com gastos na reabilitação da saúde e produtividade dos pacientes, a depressão é responsável pelo aumento de suicídios. Nos Estados Unidos, onde se morre mais por suicídio do que por assassinato, crê-se que assim acontece por causa do

crecente índice de pessoas deprimidas. Na Europa, onde a taxa de deprimidos atinge 25%, o índice de suicídios é 15% maior do que o índice de morte em acidente de trânsito. O problema da depressão traz graus tão perturbadores de baixa auto-estima, apatia, isolamento social, distúrbios de sono, dores pelo corpo, sentimentos de culpa e autodestruição, que eleva anualmente a 800 mil os casos de suicídio. Entretanto, para a maioria dos portadores dessa patologia, o sofrimento não sai da esfera da imaginação. Geralmente, ninguém a percebe, nem mesmo os médicos.

- O mais curioso e paradoxal nisso tudo – disse o pastor -, é que, exatamente nesses últimos 50 anos, em que dobrou o número de *deprimidos*, houve grande aumento de descobertas médico-científicas e de novas tecnologias para que aumentasse o número de anos e a qualidade de vida das pessoas em geral. Comparativamente, podemos hoje comer mais, trabalharmos menos e termos mais tempo para lazer. Embora tenhamos mais condições e facilidades para comprar, e haja mais recursos para tratamentos psíquico-neurológicos, ainda assim a previsão é que, em algum momento próximo, um, em cada cinco de nós, terá depressão. - Por quê? -Tenho alguns palpites – continuou o pastor. Uma das explicações para isso é que essas melhorias citadas acabaram por afetar drasticamente o nosso modo de vida sentimental, profissional e de fé. Parece que a existência de tantas facilidades nos afastou da solidariedade comunitária, do sol, da vida campestre. A medicina já faz milagres, logo não preciso depender dos milagres de Deus. Meu velho pai, que nasceu e morou em pequenas cidades de vida rural, dizia-se inconformado com a vida nas grandes metrópoles. Criticava o modo como nós jovens trabalhávamos, comíamos e andávamos. Dizia que nos divertíamos pouco e mal em praias poluídas, clubes com água, sauna, jogos e relacionamentos artificialmente construídos. Que comíamos muito e dormíamos pouco, mas sempre mal. Costumava dizer: *Deus nos fez para gastar mais a sola do pé que do sapato; comer mais frutas e legumes; dormir e acordar no horário das galinhas e passarinhos.*

Depois que ambos sorriram, o analista disse:

- A luz solar estimula a produção de serotonina, que é o combustível do prazer, do bom humor e do dinamismo. Mas, outra explicação é a ausência de tratamento adequado para a depressão, porque o quadro clínico da depressão passa batido pela maioria dos médicos. O maior problema está no próprio atendimento que os portadores desse transtorno recebem. No Brasil, os serviços de saúde primária não dão tratamento adequado aos casos de depressão e, na maioria das vezes, nem mesmo chegam a diagnosticá-los. Isso ocorre porque os médicos, em geral, não abordam problemas emocionais, não perguntam sobre apatia, nem a diagnosticam. E, já que os sintomas da depressão não se restringem aos sintomas físicos, os sintomas psicossomáticos são negligenciados. Para transformar essa situação é preciso haver mudança cultural, a começar pelo entendimento do que essa doença realmente é. Restringir a depressão a sentimentos de *tristeza* ou *melancolia*, e dar-lhe o rótulo de “doença da alma”, é ignorar o que até os gregos, nos séculos 4 e 5 a.C. já sabiam. Hipócrates, o pai da medicina, descrevia a melancolia como resultante de um desequilíbrio de bile no organismo. Mesmo na Antiguidade, sabia-se que a depressão não era simplesmente um transtorno emocional, mas um problema biológico. Para Helena Maria Calil, professora de Psicofarmacologia e diretora do departamento de Psicobiologia da Unifesp, a tristeza pode ser apenas um dos sintomas da depressão e, em alguns casos, pode nem estar presente.

- Outrossim – atalhou o pastor -, considerar que toda depressão é sempre causada por encosto maligno, opressão demoníaca, possessão diabólica - como acontece na maioria dos arraiais *pentecostistas* -, é praticar o zelo bíblico sem inteligência emocional e espiritual. Até Jesus Cristo tinha que distinguir os tipos de enfermidades e seus princípios ou espíritos ativos, para usar recursos e métodos diferenciados. Em alguns casos, realizou curas físicas e mentais com perdão de pecados e expulsão de demônios. Em outros, usou sua própria saliva, o tato e a água. Até os unguentos, óleos perfumados, suor e sombra dos apóstolos foram usados por Deus para realizar curas. No grande milagre da multiplicação de alimentos, Jesus não dispensou os recursos materiais à mão, cinco pães e dois peixinhos.

- Até alguns anos atrás – disse o analista -, achava-se que a grande maioria das pessoas que apresentava transtornos de humor *para baixo* - como tristeza, falta de prazer, apatia, pensamentos catastróficos -, sofria de depressão *unipolar*. Desconhecia-se que metade dessas pessoas também apre-

sentava alterações de humor *para cima*, isto é, euforia, energia redobrada, atitudes compulsivas, sonhos com gastos astronômicos. quer dizer, apresentavam depressão *bipolar*. E, como muitos bipolares têm períodos depressivos e ansiosos muito mais marcantes do que períodos de euforia ou elevação de humor acabam sendo confundidos com os unipolares. Entretanto, as abordagens e tratamentos psicológicos e medicamentosos para os dois casos são bem diversos. Os remédios mais usados são os da classe de estabilizadores de humor, que tratam também os sintomas de ansiedade, irritabilidade e impulsividade.

- Tenho lido e experimentado em minha clínica pastoral que não há cura total para as pessoas com transtorno bipolar, antes chamado de comportamento maníaco depressivo.

- Graças aos avanços da neurociência – explicou o analista -, sabemos hoje que a depressão é resultado de um desequilíbrio bioquímico no cérebro. O nosso sistema nervoso central e periférico é constituído de neurônios dispostos em ramificações. Chama-se sistema ramificado porque esses neurônios estão interligados por sinapses que formam redes ou circuitos mentais. Os neurônios, para se comunicarem, usam substâncias líquidas chamadas *neurotransmissores*. Em pessoas deprimidas, essas substâncias apresentam alterações em sua composição química.

- Cada neurônio – interrompeu o pastor -, contém mielina, um líquido neurotransmissor importantíssimo porque a mielina é responsável pela transmissão dos sinais bioquímico-elétricos captados pelos sentidos até o cérebro. Sabemos hoje, pela psicogenética, que a completa mielinização dos neurônios – o que se dá por volta dos 6 anos de idade -, é responsável pela prontidão neuro-hormonal e biopsíquica da criança, que é fundamental para que ela tenha sucesso nas aprendizagens específicas. A principal matéria prima para que haja adequado desenvolvimento da mielina é a proteína, fator nutritivo principal para que o bebê se desenvolva no físico e na mente, durante o período crucial de desenvolvimento, isto é, desde a fecundação até os primeiros cinco anos de vida. Esse amadurecimento básico inicial se completa aos seis anos de idade, época em que a criança deverá estar pronta para aprender a ler, escrever e calcular.

-As causas da depressão são variadas – retomou o analista. Uma das causas mais importantes da depressão é o estresse do organismo, provocado pela conjugação e interação de várias vulnerabilidades. A vivência de situações desgastantes e/ou traumáticas, como, por exemplo, morte de um familiar, abuso de drogas, perda de emprego, melancólica crônica, etc, quase sempre leva a um quadro depressivo. A pessoa deprimida se parece com alguém que deseja fazer uma corrida, mas está anêmica e tem vasos sanguíneos entupidos,. Ficar cansada logo no início ou poderá cair no meio do percurso.

- Como acontece com outras doenças – disse o pastor – tenho lido que 30% a 40% dos casos de depressão têm raízes genéticas.

- Um estudo realizado no centro médico da Universidade de Columbia, nos EUA, por exemplo, revelou que a depressão se intensifica de uma geração para outra. De acordo com esse estudo, cerca de 60% das crianças nascidas de pais e avós que sofreram depressão, apresentarão algum transtorno psiquiátrico antes da adolescência. E se um paciente deprimido contrair qualquer outra doença, esta se agravará mais depressa.

- Então – comentou o pastor -, os deprimidos correm maior risco de mortalidade?

- Sim. Razão por que não adianta o analista apenas mergulhar no problema, bem como evitar ou fazer passar a dor e a tristeza a todo o custo, até porque a depressão é muito mais intensa e abrangente que uma crise emocional. É preciso re-equilibrar uma desordem química que tende a ter efeitos perigosos. Por isso, na maior parte dos casos é imprescindível o uso de medicamentos e de tratamento psicanalítico freqüente e prolongado.

- Só quando a depressão é mais profunda e intensa é que há necessidade de intervenção medicamentosa para re-equilíbrio da desordem química? – indagou o pastor. Sabemos que uma das maiores preocupações a respeito de pacientes que precisam submeter-se à terapia farmacológica, é a real possibilidade deles se tornarem dependentes químicos física, psíquica mentalmente.

- Mas – interrompeu o analista -, os médicos alertam que, de um modo geral, não há o que temer

pois a diminuição da dosagem ou alternar tipos de remédios pode provocar sintomas físicos, como enjôos e dores, mas não crise de abstinência. Perigos e riscos advêm dos erros de dosagem, de marcação de tempo, ou mesmo de adiar o tratamento. O maior risco, porém, está na interrupção do tratamento. Esta parada costuma acontecer quando o paciente sente melhoras ou quando se julga totalmente curado porque foi libertado de pecados e demônios. Cada vez que a doença se repete, ou por recaída, quando o tratamento é interrompido, ou por recorrência, após tratamentos bem-sucedidos, ficam resíduos acumulados no sistema nervoso. Isso acontece porque a depressão é uma doença cíclica e entre 75% e 90% dos pacientes há os que sofrem episódios múltiplos. Pacientes com histórico de três ou mais crises precisam fazer tratamento prolongado para prevenir as recidivas. Depois da terceira recaída fica mais difícil conseguir que o corpo responda aos medicamentos.

- Permita-me fazer um acréscimo bíblico-teológico – disse o pastor. Nós humanos não temos apenas duas dimensões, isto é, corpo físico e alma psíquica. O que nos faz *divinos* é a nossa terceira dimensão, a espiritual. Temos um espírito colocado dentro de nós pelo sopro do Espírito de Deus. Tanto no hebraico do Velho Testamento (*Ruãh*), quanto no grego do Novo Testamento (*Pneuma*), a palavra *espírito* tem o significado de *vento, ar, fôlego*. Qualquer tratamento para re-equilíbrio e normalização do estado físico e mental de um paciente só será mais profundo, eficaz e duradouro se alcançar o re-equilíbrio na dimensão profunda do espírito humano, a dimensão que a Psicanálise, penso eu, chama de *inconsciente*. Nesse sentido, entendo que Freud esteve apenas perto de descobrir o Deus-Pai Criador ao responder que o *Deus* no qual acreditava era o *inconsciente*.

Entendo – respondeu o analista -, que trabalhar para cura ao nível da desordem químico-cerebral não garante, por si só, que a desordem ao nível da mente ou alma fique curada. O problema é que vocês, terapeutas espirituais, não aceitam o inverso. Vocês afirmam que tanto o paciente neurótico quanto o psicótico se for curado e libertado ao nível do que chamam de espírito, fica, na hora e de modo automático, totalmente limpo e sadio também ao nível do corpo e da mente.

- É, existe esse problema. Mas, eu não penso assim como faz a maioria dos meus colegas.

- A ciência – disse o analista -, não tem problemas para afirmar e comprovar que todo ser humano é constituído de matéria orgânica ou corpo físico. Mas, levou muito tempo para provar que o ser humano apresenta ações e reações tão complexas que ultrapassam entendermos que elas sejam simplesmente de natureza bio-químico-elétrica. A moderna neurociência concede a Freud a honra de ser o descobridor das profundezas psicológicas e até neurológicas da mente ou alma humana. Agora, falar e afirmar que, além de corpo e alma, o ser humano tem um *espírito*, e que somente esse espírito é a parte divina que após a morte física irá ou para o céu ou para o inferno, é algo muito subjetivo e virtual que exige muita fé, humildade e prudência. É fácil me refugiar na Teodicéia e afirmar que essas questões espirituais são dogmas de fé e que, por isso mesmo, ultrapassam a racionalidade e o psiquismo humanos, e que somente são compreensíveis pela revelação e inspiração divinas.

- Concordo – respondeu o pastor. Isso mês faz lembrar da fala do filósofo argelino Alberto Camus: “Prefiro viver pensando que há um Deus e descobrir que ele não existe só depois de morrer...”, publicada com o título “Eu Creio” na Revista Galileu (março/2005, nº 164, p.24). Também me recorde de um papo que tive com um intelectual sobre vida eterna, céu e inferno, há alguns anos atrás. A certa altura da conversa, ele estendeu o dedo indicador para o meu peito e, à queima-roupa, disse: “E que tal se esse céu não existe?” Silenciei com ar de quem levou um cheque-mate. Depois, olhando-o nos olhos, estendi vagarosamente meu dedo indicador para o umbigo dele e devolvi o tiro: “E que tal se existe?”

- A principal dificuldade que encontro para lidar com a depressão de meus pacientes é conseguir que se libertem da angústia causada pelo medo de perder ou de não poder alcançar alguma coisa importante que lhes dá alívio, paz e alegria. Um medo patológico que se faz acompanhar de sentimentos de culpa e, às vezes, de revolta e vingança. Via de regra, esse medo e sentimento de culpa estão associados ao tipo de educação e fé religiosa que receberam. Percebo que muitos desses clientes crédulos têm religião suficiente para se sentir infelizes. Sofrem porque ofendem a Deus e temem perder as graças e salvação divinas. Então trabalho para curá-los desse tipo patológico de crer, para liberá-los

desse tipo de fé cheio de ditaduras ético-religiosas e carregado de adoração doentia. As devoções e orações desses cristãos neuróticos revelam que eles não prestam culto a um Deus-Pai amorável e misericordioso, que é grande em perdoar, mas sim a um *Deus*-ídolo, irado, tirano e vingativo.

- Nisso – disse o pastor -, tenho que concordar com você, infelizmente. Na História do Cristianismo através dos séculos percebe-se uma decadência da vida normal cristã. Percebem-se marcas e conteúdos de ritos e doutrinas baseados em mitos, ficções e misticismos de povos e culturas que só conheciam deuses e ídolos irados, isto é, deuses e ídolos que precisavam de sacrifícios e penitências da parte dos fiéis para que, aplacada sua ira, voltassem a ser benevolentes. Hoje, uma parte dos clientes depressivos que atendo é de cristãos que, total ou parcialmente, não ficaram livres dessas decadências religiosas e idólatras. Por um lado, tenho clientes angustiados porque desde a infância não conheceram, nem o *amor* de Deus que dá nova vida e nem o *perdão* do sangue de Jesus que salva, liberta e cura. Por outro lado, sob o aspecto psicológico, tenho clientes com personalidades mal estruturadas por causa de rejeições, abandonos e castigos, desde o ventre materno e paterno. Não conheceram o carinho alimentador de mãe, nem o amor protetor de pai. Formam o enorme e crescente contingente de órfãos de pais vivos. Essa orfandade vem desde o Éden. Adão e Eva passaram para toda a raça humana o medo primordial do castigo e o sentimento original de culpa por causa do pecado. Somos, por natureza original, filhos da desobediência e da ira, como escreve o apóstolo Paulo.

- Muito interessante essa questão sobre o carinho alimentador da mãe e o amor protetor do pai. Em Análise Transacional, segundo Berne, trabalha-se essa questão do ego infantil aprisionado, por que a criança teve pais mais *punitivos* e do que *nutritivos*. Mas, sobre a cura e libertação pelo amor e perdão falaremos no próximo encontro, ta bem?

CAPÍTULO 15

AMOR E PERDÃO - SEMENTES DO BEM E DA PAZ

Nesse encontro o Pastor começou falando de um fato verídico, assim narrado por um colega:

- O que vou contar marcou a vida minha vida ministerial. Passei a dar mais atenção ao atendimento materno-infantil. Eu coordenava os serviços técnicos de uma grande empresa de Serviço Social chamada Fundo Cristão para Crianças. Era prioritário para a CCF atender crianças carentes inseridas na sua família e comunidade. “Criança, família e comunidade” formavam, e ainda formam, o tripé ou base fundamental de todo planejamento para realização de programas e prestação de serviços que realmente resultassem em desenvolvimento familiar e comunitário eficiente, eficaz e duradouro. Através de Centros Sociais, dava-se máxima prioridade para a realização de programas e atendimentos voltados para o pré-natal, maternidade, nutrição, creches-casulo, lazer educativo e educação escolar.

Num dia, uma senhora fichada num Centro Social desse Fundo Cristão teve que ser levada às pressas para a maternidade Odete Valadares de Belo Horizonte/MG. Era muito pobre e já tinha cinco filhos pequenos. Como era de praxe, não sabia quem era o pai da criança. Tive que usar meu carro para levá-la e aproveitei o trajeto para novamente conversar com ela sobre o parto, os novos transtornos com mais um nenê e a necessidade de não ter mais filhos. Triste e deprimida, a mulher disse que nem queria ver o bebê. Pediu para sair do hospital sem a criança e com as trompas ligadas.

Conversei com o médico sobre a vida de sofrimentos daquela senhora. Fui convidado para participar do parto, devidamente paramentado. Ficou entusiasmado presenciando o novo modo que estavam usando durante o parto, para tratar de parturientes *desesperadas* que odiavam os bebês e já tinham decidido deixa-los ali no Hospital, aos cuidados dos serviços internos de doação legal.

Ao ser tirado do ventre, o bebê foi colocado imediatamente sobre o peito da mãe, entre os seios. De ambos os lados, duas enfermeiras seguravam as mãos crispadas da mãe revoltada. Elas fizeram massagem para que a mãe abrisse as mãos. Com paciência e firmeza, pediram que a mãe as ajudasse a segurar o bebê. Para isso, elas foram dobrando os braços da mãe até que eles ficassem sobre o bebê. A mãe forçou para não dobrar os braços, mas as enfermeiras pediram que ela segurasse o bebê com ambas as mãos porque tinham que sair daquela posição para ajudar o médico.

As mãos crispadas e os braços retesados sobre o bebê começaram a afrouxar. A mãe segurava o bebê com nojo. Depois, lentamente, começou a abraçá-lo. O rosto dela, antes ríspido e para o lado, virou-se para olhar o bebê que parou de chorar, abriu os olhos e procurou o seio para mamar. Lágrimas começaram a escorrer dos olhos da mãe que começou a beijar a moleira da menininha. Acontecia o milagre psíquico-mental do abraço materno, agora cheio de arrependimento e amor.

A mãe já sorria. O bebê mamava. Inclinei-me e disse para ela que naquele instante se cumpria novamente a Palavra de Deus que diz: *Da boca dos bebês que mamam Deus levanta força para fazer calar o inimigo e vingativo* (Salmo 8:2). De modo rápido, fiz com ela a oração de grande renúncia, com confissão, arrependimento e fé, para perdão de Deus, cancelamento das maldições hereditárias, cura e libertação de feridas de alma e espírito tanto dela mãe quanto da filhinha. Ajudei a mãe a falar para liberar o bebê, desligá-lo do seu ventre e seu passado. Orei para que Jesus abraçasse mãe e filhinha. Então, aconteceu o milagre espiritual do *abraço de Jesus*. Por fim, consegui declarar “*o dragão, que está de olho no ventre da mulher para tragar-lhe o fruto*”, foi de novo derrotado (Ap 12:4).

- Muito oportuno esse relato – comentou o analista. É necessário e muito importante, tanto para a mãe quanto para o recém nascido, que o bebê seja tocado e acariciado desde o parto. Em algumas maternidades, onde os bebês recém nascidos precisam ficar em incubadoras, é bem vindo o trabalho voluntário de senhoras que ficam tocando carinhosamente todo o corpo dos bebês prematuros ou que nasceram muito fracos.

O pastor voltou a falar sobre a cura e libertação provenientes do abraço cheio de arrependimento, fé, perdão e amor para cancelamento do *vírus* de morte ou pecado original, que marca o ser humano desde o momento da fecundação.

- Conforme pressupostos da ciência psicanalítica, entendo - disse o pastor -, que todos os seres vivos nascem com os instintos de vida (*eros*) e de morte (*thánatos*), instintos responsáveis pelos impulsos primários (fome, sede e sexo) e impulsos secundários (afeição, amor, solidariedade, civilidade). Os impulsos primários não são conscientemente controláveis e educáveis porque todo instinto é cego e irracional por natureza. Embora seja mais fácil entender e explicar os instintos observando o comportamento de um filhote animal que, para sobreviver, já nasce *sabendo* muita coisa, também os bebês humanos já nascem com comportamentos inatos chamados de reflexos: reflexos de sugar, piscar, engasgar, espirrar, arrepiar e outros mais. Sendo assim, podemos deduzir que há forte parentesco entre *instinto* e comportamento *inato*, quer dizer, entre *instinto* e *conhecimento inato*? Podemos deduzir que a mãe mencionada já possuía, desde sua própria fecundação, os instintos de Vida e de Morte? Posso então questionar que o propalado *instinto materno* pode ser tanto de Vida quanto de Morte? No caso da história dessa senhora desesperada, a nova estratégia médica fez prevalecer o instinto de Vida e não o de Morte? Se as respostas forem *sim*, como acredito, é razoável pressupor que a origem dos instintos de vida e de morte tem tudo a ver com a semente do fruto da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, plantada no centro do Paraíso, não é mesmo?

- Pessoalmente – respondeu o analista -, adoto a teoria dos instintos com supressões e acréscimos científicos que ampliam e renovam as ortodoxas concepções freudianas sobre o assunto.

- Pois para mim, é bem razoável pensar que foi pelo mau uso do livre arbítrio que Adão e Eva comeram o *fruto* que era *proibido* porque continha a semente (do conhecimento) do Bem e do Mal.

- Então – argumentou o analista -, para ser mais razoável, é preciso admitir que o livre arbítrio dado a Adão e Eva não era tão livre assim, não é mesmo? Outra questão: foi só depois que Adão e Eva comeram do fruto proibido que os instintos de Vida e de Morte se formaram dentro deles, ou ambos foram criados com os dois instintos, porém adormecidos, tendo a liberdade para liberar um ou outro? Pelo que aconteceu, temos que admitir que foi o instinto de morte que comandou o mau uso do livre arbítrio por parte de Adão e Eva. Não é mesmo?. Em síntese, foi a desobediência incredulidade que deu origem às sementes instintivas de Vida e de Morte, ou Adão e Eva pecaram porque deliberadamente não quiseram

reprimir o instinto de Morte? Outra questão ainda: Adão e Eva receberam o veneno do pecado que leva à morte eterna vinda do fruto comido ou da picada da Serpente? Ou de ambos?

- O que está explícito na Bíblia é que, por causa da desobediência de nossos primeiros pais, praticada livremente, o DNA do *Primeiro Adão* ficou infectado com um gene de morte espiritual que passou para toda a raça humana. Mesmo assim, Deus não desistiu de seu plano redentor, só realizável com o concurso de seres humanos. Entretanto por causa da irrevogável lei da hereditariedade, pela qual Adão e Eva passariam a gerar descendências com semente boa e semente má, Deus teve que manter o propósito e acordo originais. Essa degeneração está bem tipificada no comportamento de Caim, que matou seu irmão Abel. Isso atesta que *útero biológico*, por si mesmo, não faz *filhos só do Bem*, nem faz *irmãos* do da Paz. Segundo a narrativa bíblica, Caim se tornou o pai das gerações perversas e rejeitadas, com as quais os “filhos de Deus” não deveriam fazer qualquer aliança, principalmente, casar-se. Mas, acima disso tudo, Deus prometeu que faria nascer o *Segundo Adão* da semente da mulher. Isso se cumpriu com o nascimento virginal de Jesus, que é palavra (verbo) geradora da nova Vida, que foi colocada nas mãos de Lúcifer por livre vontade de nossos primitivos pais. Por isso o diabo ganhou legalidade para deter nas mãos, temporariamente, o poder da morte. Por isso é preciso atentar para a importância de sermos gerados de novo, no Espírito. Como está escrito: “Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da semente incorruptível, a Palavra de Deus, a qual vive e permanece para sempre” (1Pe 1:23).

- Com isso – disse o analista -, você está querendo dizer que só há cura e libertação totais pela Palavra de Deus? Colocada esta restrição, ela é o aspecto mais crucial das querelas existentes entre terapia pela Palavra de Deus, chamada terapia *espiritual*, e terapia pela palavra-sugestão do psicoterapeuta, chamada de *terapia comportamental cognitiva*.

- Nessa altura dos diálogos, eu, como terapeuta espiritual, estou mais convicto ainda de que ambas as terapias são importantes e necessárias, e que devem ser realizadas não só de modo paralelo, mas convergentemente. Só então o corpo (*soma*), a alma (*psique*) e o espírito (*pneuma*), que formam a unidade tridimensional de todo ser humano, poderá ser tratados de modo que o paciente experimente cura e libertação mais profundas e permanentes

- Estou de acordo – disse o analista. Entretanto, o aspecto problemático da questão está nessa tal convergência que você propõe. Nós, psicoterapeutas, por força da ética profissional e do juramento que fizemos, estamos impossibilitados de inserir questões particulares de fé e crenças religiosas nos procedimentos técnico-psicanalíticos de transferência e contra-transferência, ao tratar nossos clientes.

- Isso, por um lado, não deixa de ser lamentável – argumentou o pastor. Para mim, que já experimentei o abraço do amor e perdão divino expressos nos braços abertos de Cristo no Calvário -, é-me impossível praticar apenas a *palavra psicanalítica* para cura e libertação plenas, embora reconheça que esse modo de tratamento é importante e necessário para aliviar os sofrimentos da alma e do corpo.

CONCLUSÃO

FELICIDADE - ESTADO FÍSICO, PSÍQUICO E ESPIRITUAL

Preciso interromper esses possíveis diálogos entre um pastor no *divã psicanalítico* e um psicanalista na *cadeira pastoral*, para concluir tecendo comentários a partir das considerações introdutórias que fiz, ao iniciar os diálogos, sobre “Desejo & Conhecimento – Medo & Culpa”. Na introdução, o histérico é retratado como aquele que teme o perigo de ser feliz por causa de um latente e inexorável sentimento de culpa e castigo. Na conclusão, parto do princípio de que a cura e libertação dos histéricos, e outros depressivos, passa necessariamente pela possibilidade não só psíquica, mas também genética e sócio-cultural, de que todo o ser humano deve ter para ser plenamente feliz e atingir a satisfações e alcançar sonhos na vida, e isso, independentemente da situação em que se encontre.

Sem dúvida, todo ser humano nasce com predisposição biológica e psíquica para a busca e conquista da felicidade. Todo ser humano, como tudo na natureza, é regido pelo princípio da *equilíbrio majorante*, que é ir de um menor para um maior estado de equilíbrio e paz, perseguindo o objetivo de alcançar a satisfação plena de suas necessidades. Como já vimos, todo o ser humano, por ordem primeira da natureza, é mais *emocional* do que *racional*. Logo, na busca da satisfação das necessidades está o desejo humano -

primordial (impulso original) de ser feliz.

David Lykken (livro “Felicidade” - Objetiva, 1999), diz que todo ser humano já nasce predisposto para ser feliz. Lykken considera instintiva essa predisposição. Para ele, todos nós nascemos com um componente genético e genérico para ser felizes. uma espécie de DNA da felicidade. Para formular essa teoria, Lykken realizou várias pesquisas com gêmeos *idênticos* ou monozigóticos e gêmeos *fraternos* (dizigóticos). Ele confirmou a hipótese de que gêmeos idênticos, porque têm a mesma carga genética, apresentam traços de personalidades e comportamento social semelhantes, mesmo tendo sido criados separadamente e dentro de famílias e comunidades de costumes e culturas diferentes. Entre os traços psicológicos que possuem alto grau de hereditariedade biogenética e que se mostraram idênticos nos gêmeos monozigóticos já adultos e pesquisados, estão: o quociente de inteligência (QI), o modo extrovertido ou introvertido de se relacionar com objetos e pessoas, tendência para neuroses e psicoses, talento musical, criatividade, interesses científicos, religiosidade, autoritarismo e até *felicidade*.

Pesquisas e estudos recentes, realizados por renomados neurologistas, psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, confirmam que a felicidade é um estado de bem-estar não apenas psíquico, mas também fisiológico e sócio-cultural. Essa constatação científica confirma que a conquista da felicidade passa necessariamente pela pré-disposição biológica e não apenas pelo auto-conhecimento, auto-estima e auto-confiança. Alguns pesquisadores, como o psicólogo Ed Diener, descobriram que pessoas que já eram felizes, quando solteiras têm maior probabilidade, casadas, de se manterem casadas e felizes. (Revista Galileu, abril/2005, nº 165, p.41-47).

Regra geral, esse estado de bem-estar físico, mental e espiritual, que chamamos de felicidade, é um estado de paz, amor e alegria. O sorriso, num semblante feliz, é a forma mais comum de alguém expressar alegria. Estudos de Michael Mercer, da Universidade de Maryland, comprovaram que, ao contrário do que acontece com a depressão, quando rimos ocorre uma descontração no endotélio, fazendo o sangue fluir mais livremente, semelhantemente ao que acontece com a prática de atividade física intensa. Porém, embora seja verdade que “rir é o melhor remédio” – pois o riso combate o estresse e gera distração que tira a mente de um estado de mal estar -, sabemos que grande parte das risadas ou daquilo que diverte e faz sorrir, funciona apenas como analgésico, quer dizer, atinge os sintomas, mas não corta o mal pela raiz. A Palavra de Deus nos adverte: “Tende cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus; que nenhuma raiz de amargura brote e vos perturbe e por ela muitos se contaminem” (Hb 12:15).

Embora seja acreditável que o riso é inato - vem agregado ao código genético -, precisamos distinguir os tipos de risos. A Palavra de Jesus faz clara distinção entre a alegria da *carne* e alegria do *espírito*; entre a paz do mundo e a paz de Cristo-Cordeiro; entre o amor de *Eros* e *philos*, tão humanos e variáveis, e o amor de *ágape*, que é o único fruto do Espírito, porque é divino, eterno e incondicional.

Precisamos reconhecer que: ter salvação espiritual e viver sem a alegria dessa salvação; ter a Vida de Cristo sem tê-la com abundância; ter o Espírito de Deus e não viver cheio do Espírito Santo, é viver a pobre e velha rotina da vida religiosa da maioria dos que se dizem *evangélicos*. Tipos de crentes assim, salvos e renovados, ainda não experimentaram a restauração espiritual plena. Ainda trazem dentro de si raízes de maldições hereditárias e raízes de feridas de alma e espírito estabelecidas desde o útero materno. Ainda não têm todo o corpo, mente e espírito plenamente irrepreensíveis e inculpáveis perante Deus (i Ts 5:23). Embora salvos, porque têm a salvação, e sinceros, porque tentam viver o Evangelho de Jesus, ainda não conhecem a plena alegria da salvação e o pleno descanso duradouro daqueles que não ficaram só na promessa de Mt 11:28, mas prosseguiram até Mt 11:29. e agora conhecem o descanso duradouro porque trocaram de jugo e de coração. Têm dentro de suas vidas a mente e o espírito de Cristo. Vivem na paz, felicidade e alegria que vêm do Senhor Jesus. Desse Jesus maravilhosa *alegria dos homens*; desse Cristo em nós, tranqüilizante feliz da *esperança da glória*.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 – BAKER, Elsworth Frederick . *O Labirinto Humano*. Trad. M^a Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1980.
- 2 – BAUER, Sofia M.F. *Hipnoterapia Ericksoniana Passo a Passo*. Campinas/SP: Livro Pleno, 2002.
- 3 – BÍBLIA SAGRADA. *BÍBLIA de Referência THOMPSON com versículos em cadeia temática*. Trad. João Ferreira de Almeida. 10^a impr. São Paulo/SP. Ed.VIDA, 1999.

- 4 – BRENNER, Charles. *Noções Básicas de Psicanálise* – Introdução à Psicopatologia Psicanalítica. Trad. Ana Manzur Spira. 2ª ed.ver. – Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- 5– DESPATS-PÉQUIGNOT, Catherine. *A Psicopatologia da Vida Sexual*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papirus, 1994.
6. – ETCHEGOYEN, R. Horacio – *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*, 2ª ed. Trad. Cícero G. Fernandes – Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1989 .
- 7 – GONÇALVES, Jairo – *Família & Casamento – A Sexualidade Humana*. Belo Horizonte/MG: Betânia/Missão Vida, 2002.
- 8 - _____. *Libertação de Crianças. Restauração Espiritual Preventiva*. Projeto Genoma Espiritual. Bebês e Crianças para Cristo. Belo Horizonte: Betânia/Missão Vidas, 2003.
- 9 - _____. *A SEMENTE. Raízes do Bem e do Mal*. (No prelo).
- 10 –GREENSON, Ralph R. *A Técnica e a Prática da Psicanálise*. Trad. Marina Camargo Celidônio. Rio de Janeiro:Imago,1981. Vols I e II.
- 11 – KLEIN, Melanie. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imaco, 1996;
- 12 - NASIO, Juan David. *Um Psicanalista no Divã*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- 13 - _____. *HISTERIA. Teoria e Clínica Psicanalítica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- 14 - _____. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- 15 – ROBLES, Tereza. *Concerto para 4 cérebros em Psicoterapia*. Trad. Manuel Angel Valencia Rodrigues. Belo Horizonte/MG: Diamante, 2001.
- 16 – SANDLER, Joseph, et al. *O Paciente e a Psicanálise*. Fundamentos do Processo Psicanalítico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago,1986.
- 17 - SILVA, Heitor Antonio da. *Psiquiatria Aplicada à Psicanálise*. 4ª ed.ver. –Niterói/RJ: SPOB, 2001.
- 18 - _____. *Psicopatologia*. 3ª ed. Niterói/RJ: SPOB. 2001.
- 19 - _____; OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Ética Profissional Psicanalítica*. Rio de Janeiro: SPOB, 2001.
- 20 - _____; BACELAR, Aloísio Said. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica* 3ª ed.ver.ampl. – Rio de Janeiro: SPOB, 2001.
- 21 – STEINER, John. *Refúgios Psíquicos.Organizações Patológicas em Pacientes Psicóticos, Neuróticos e Fronteiriços* Trad. Ricardo Quintana e Maria de Lourdes Sette. Rio de Janeiro: Imago,1997.
- 22 – Revista: El Florida . Vol.60, Nº 6 –Diciembre/2004-Enero/2005. Florida/USA: B2B Portales.
- 23 - Revista: ÉPOCA..Nº.33-Jan]99 e nº 345-Dez/2004. Rio de Janeiro: Ed; Globo.
- 24 – Revista: GALILEU. Nº 164-Mar/2005 e nº 165/Abr/2005. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- 25 –Revista: VIVER Mente&Cérebro. Nrs.141, 143, 144 e 147 – Out/2004 – Abr/2005. São Paulo/SP: Gehirn&Geist e Duetto.
- 26 – WINNICOTT, Donald Woods. *Natureza Humana*. Trad. David L.Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

=== // ===

MISSÃO CRISTÃ VIDAS RESTAURADAS

Clínica da Alma e do *Espírito* - Projeto Genoma (Bíblico e Psicopedagógico)
Jairo Gonçalves (Teologia – Pedagogia – Psicologia)

Sede: Rua Maria Syllene Andreazzi, n.154 - Loja 1– B. Frei Eustáquio-B.Hte/MG.
Tels. (31) 3317-1878 / 99114-7038 - Atendimentos gratuitos.

